



RAFAEL MAUTONE FERREIRA

**CULTURA HIP HOP PARA O ENSINO DE HISTÓRIA ANTIRRACISTA:  
EDUCABILIDADES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CANOAS, 2023

RAFAEL MAUTONE FERREIRA

**CULTURA HIP HOP PARA O ENSINO DE HISTÓRIA ANTIRRACISTA:  
EDUCABILIDADES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Curso de  
Mestrado em Educação da Universi-  
dade La Salle - Unilasalle como exi-  
gência parcial para obtenção do título  
de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva

CANOAS, 2023

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F383f Ferreira, Rafael Mautone.  
Cultura Hip Hop para o ensino de história antirracista [manuscrito] : educabilidades nos anos finais de Ensino Fundamental / Rafael Mautone Ferreira – 2023.  
166 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2023.

“Orientação: Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva”.

1. Ensino de história. 2. Formação de professores. 3. Cultura Hip Hop. 4. Educação antirracista. I. Silva, Gilberto Ferreira. II. Título.

CDU: 94:37

RAFAEL MAUTONE FERREIRA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade La Salle.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Denise Regina Quaresma da Silva  
Universidade La Salle, Canoas/RS

---

Prof. Dr. Breitner Luiz Tavares  
Universidade Nacional de Brasília

---

Prof. Dr. Leandro Rogerio Pinheiro  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva  
Orientador e Presidente da Banca - Universidade La Salle,  
Canoas/RS

**Área de Concentração:** Educação  
**Curso:** Mestrado em Educação

Canoas, 31 de março de 2023.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço muito à minha família, que sempre me apoiou em todos os momentos da minha vida, principalmente minha mãe Odete, meu pai Flávio, meu irmão Flavinho e meus afilhados Arthur e Raoni.

Meus agradecimentos às avós, avôs, tias, tios, primas e primos, em especial, a Tia Zeca, que me ajuda na gramática e nas revisões. Amo todos vocês.

À minha amada companheira Tamires, que me apoiou muito neste percurso, uma linda guerreira que me inspira com seu amor e carinho.

Aos nossos ancestrais, que sempre nos influenciam de maneira positiva para conseguirmos ter um bom viver e enfrentar os nossos desafios.

À Cultura Hip Hop e seus 50 anos de História. Em especial, a Associação da Cultura Hip Hop de Esteio: meus irmãos Geovane Neves, Alan Bitello, Rafa Rafuagi e toda a equipe que fez e faz parte dessa maravilhosa experiência que transforma a vida das pessoas, por meio da Arte e da Cultura Hip Hop e mudou a minha para melhor.

À banda Kalunga e às fantásticas vivências que tivemos nestes 10 anos, especialmente com as trocas junto aos meus irmãos Mestre Telmo Flores, Matheus Flores, David Cunha e todas as pessoas que fizeram e fazem parte desse coletivo que amo.

À Unilasalle, Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural e ao meu orientador e coordenador do grupo Gilberto Ferreira da Silva, que foram fundamentais em toda a minha caminhada para que essa dissertação esteja se materializando.

Por fim, agradeço à Prefeitura Municipal de Sapucaia do Sul, a Escola e a toda turma do 9º ano, pois acreditaram no meu trabalho. As educandas e educandos foram sensacionais, destaco o carinho e engajamento nas atividades propostas e juntos nos divertimos muito neste ano de 2022.

“Somos todos juntos uma miscigenação  
E não podemos fugir da nossa etnia  
Índios, brancos, negros e mestiços  
Nada de errado em seus princípios  
O seu e o meu são iguais  
Corre nas veias sem parar  
Costumes, é folclore é tradição  
Capoeira que rasga o chão  
Samba que sai da favela acabada  
É hip hop na minha embolada  
Hip Hop !!!”

CHICO SCIENCIE E NAÇÃO ZUMBI

## RESUMO

A presente dissertação busca demonstrar de maneira teórico e prática, como a Cultura Hip Hop estimula Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03. O suporte teórico foi construído pelo viés de uma Educação Decolonial, por meio de estratégias de utilização dos elementos e pilares da Cultura Hip Hop como conteúdos e metodologias, no intuito de incentivar engajamento e alegria dos encontros nos espaços educacionais formais, fomentando modos de re-existir diante dos desafios de um espaço que foi reservado, um lugar à margem. Lança mão da noção do Sentipensar como fundamental para entendermos e produzirmos reações ao racismo na sociedade e no Ensino de História. O trabalho foi desenvolvido com o suporte do Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural na linha de pesquisa Formação de Professores, Teorias e Práticas Educativas da Unilasalle. A LDBE fundamenta tais necessidades e buscamos essas estratégias por meio das Educabilidades, ações coletivas e rastros ancestrais das culturas africanas e ameríndias, presentes na estética e ética da Cultura Hip Hop que, majoritariamente, encontramos no espaço da rua, um dos territórios privilegiados de manifestação, produção e sociabilização. Foi produzida uma sistematização após realizarmos e observarmos atividades práticas de Ensino de História no 9º ano, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental do Município de Sapucaia do Sul. As Educabilidades da Cultura Hip Hop criam condições de desenvolvermos no Ensino Formal a educação de forma crítica e horizontal, utilizando estratégias e técnicas como a roda ancestral, sample e mixagem de conteúdos e o Sentipensar por meio da arte promovida pelo Hip Hop em seus diversos elementos e plataformas.

Palavras-chave: Ensino de História. Cultura Hip Hop. Educação Antirracista. Decolonial. Formação de Professores.

## ABSTRACT

The present dissertation seeks to demonstrate in a theoretical and practical way how Hip Hop Culture stimulates Educabilities for Anti-Racist History Teaching in Formal Education, with the purpose of putting into practice Law 10.639/03. The theoretical support was built from the perspective of a Decolonial Education, through strategies of using the elements and pillars of Hip Hop Culture as contents and methodologies, in order to encourage engagement and joy in meetings in formal educational spaces, fostering ways of re-exist in the face of the challenges of a space that has been reserved, a place on the margins. It makes use of the notion of Sentipensar as fundamental for us to understand and produce reactions to racism in society and in History Teaching. The LDBE is the basis of such needs and we seek these strategies through Educabilities, collective actions and ancestral traces of African and Amerindian cultures, present in the aesthetics and ethics of Hip Hop Culture that, for the most part, we find in the street space, one of the privileged territories of manifestation, production and socialization. A systematization was produced after carrying out and observing practical activities of Teaching History in the 9th grade, in a Municipal Elementary School in the Municipality of Sapucaia do Sul. The Educabilities of Hip Hop Culture create conditions for us to develop education in Formal Education in a critical and horizontal way, using strategies and techniques such as the ancestral wheel, sampling and mixing of contents and Sentipensar through art promoted by Hip Hop in its various elements and platforms.

Keywords: Teaching History. Hip Hop Culture. Anti-racist Education. Decolonial. Teacher Training.

## RESUMEN

Esta disertación busca demostrar, teórica y prácticamente, cómo la Cultura Hip Hop estimula la Educabilidad para la Enseñanza de la Historia Antirracista en la Educación Formal, con el objetivo de poner en práctica la Ley 10.639/03. El sustento teórico se construyó desde la perspectiva de una Educación Decolonial, a través de estrategias de utilización de elementos y pilares de la Cultura Hip Hop como contenidos y metodologías, con el fin de incentivar el compromiso y la alegría en los encuentros en los espacios educativos formales, fomentando formas de convivencia en ante los desafíos de un espacio reservado, un lugar al margen. Hace uso de la noción de Sentipensar como fundamental para que comprendamos y produzcamos reacciones frente al racismo en la sociedad y en la Enseñanza de la Historia. El trabajo fue desarrollado con el apoyo del Grupo de Investigación en Educación Intercultural en la línea de investigación Formación Docente, Teorías y Prácticas Educativas de la Unilasalle. La LDBE apoya tales necesidades y buscamos estas estrategias a través de Educabilidades, acciones colectivas y huellas ancestrales de las culturas africanas y amerindias, presentes en la estética y ética de la Cultura Hip Hop que, en su mayor parte, encontramos en el espacio de la calle, uno de los territorios privilegiados de manifestación, producción y socialización. Se produjo una sistematización después de la realización y observación de actividades prácticas de Enseñanza de la Historia en el 9º grado, en una Escuela Primaria Municipal del Municipio de Sapucaia do Sul. Las Educabilidades de la Cultura Hip Hop crean condiciones para que desarrollemos la educación en Educación Formal de manera crítica y horizontal, utilizando estrategias y técnicas como la rueda ancestral, el muestreo y mezcla de contenidos y Sentipensar a través del arte que promueve el Hip Hop en sus diversos elementos. y plataformas.

Palabras clave: Enseñanza de la Historia. Cultura Hip Hop. Educación Antirracista. Decolonial. Formación Docente.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 - Clipe “A coisa tá Preta”, dança .....	47
Foto 2 - Clipe “A coisa tá Preta”, expressões e rostos .....	48
Foto 3 - Clipe “A coisa tá Preta”, protagonistas .....	49
Foto 4 - Graffiti do MC Rincon Sapiência na COHAB 1/SP .....	54
Foto 5 - Frente da Escola .....	77
Foto 6 - Biblioteca da Escola .....	78
Foto 7 - Sala de aula da Escola .....	78
Foto 8 - Parquinho e quadra da Escola .....	78
Foto 9 - Primeiro encontro sobre a História do Hip Hop .....	85
Foto 10 - Segundo encontro sobre a História do Hip Hop, pilares e elementos. ....	88
Foto 11 - Cartaz da Série The Get Down. ....	89
Foto 12 - Questões elaboradas pelas educandas e educandos sobre a série The Get Down. ....	90
Foto 13 - Grupos, respectivas questões e pontos da atividade oral sobre a série The Get Down. ....	91
Foto 14 - Grupos se organizando e revisando as respostas para continuarem a atividade sobre a série. ....	93
Foto 15 - Encontro onde foram mostrados Clipes e Graffitis para inspirar os cartazes .....	104
Foto 16 - Letras e graffitis impressos para utilização nos cartazes .....	105
Foto 17 - Grupo fazendo os cartazes .....	105
Foto 18 - Grupos fazendo os cartazes .....	106
Foto 19 - Recepção da Casa da Cultura Hip Hop de Esteio .....	106
Foto 20 - Vivência com os Coordenadores no segundo piso da CCHE .....	107
Foto 21 - Oficina de RAP com o Educador Fiapo .....	107
Foto 22 - Oficina de Graffiti com a Educadora Marcinha .....	107
Foto 23 - Quadro com a construção da letra. ....	108
Foto 24 - Graffitis 1) Lute como uma mulher. 2) Girls Power Mulheres no Poder. ....	109
Foto 25 - Educandos na rimando na Oficina de MC .....	109
Foto 26 - Graffiti feito por uma educanda com o nome da Escola e a série. ....	110
Foto 27 - Equipe da CCHE e Turma na fachada que estava sendo graffitada .....	110
Foto 28 - Cartaz 1 .....	111
Foto 29 - Cartaz 2 .....	112
Foto 30 - Cartaz 3 .....	113
Foto 31 - Cartaz 4 .....	114
Foto 32 - Cartaz 5 .....	115
Foto 33 - Cartaz 6 .....	117
Foto 34 - Cartaz 7 .....	118
Foto 35 - Cartaz 8 .....	119
Foto 36 - Cartaz 9 .....	122
Foto 37 - Cartaz 10 .....	124
Foto 38 - Cartaz 11 .....	125
Foto 39 - Cartaz 12 .....	126
Foto 40 - Guaraná - Tem uma aula que eu aprendi muita coisa sobre o Hip Hop como os elementos do Hip Hop. ..	129
Foto 41 - Limão - Momento em que mostrou vídeos e músicas, que é uma cultura bem diferente das outras, com novas palavras, gestos, traços, atitudes e etc .....	130
Foto 42 - Yuzu - A História como o Hip Hop nasceu .....	130
Foto 43 - Malva - É algo que te ensina diversos conceitos, habilidade e que prezo muito por respeito. Me indentifico com os pensamento contra os preconceitos em geral. ....	130
Foto 44 - Magnólia - Aprendemos sobre política e os conceitos básicos, o respeito, a equidade, etc. ....	131
Foto 45 - Ingá - Eu acho que o Hip Hop é uma arte muito legal na cultura Hip Hop e isso influencia tua na prática contra o racismo. ....	131
Foto 46 - Jacarandá - Aprender a respeitar o próximo, ter empatia, ensina o que é racismo, homofobia, machismo. ....	131
Foto 47 - Jasmim - Normalmente as musicas falam sobre discriminação, racismo, essas coisas .....	131
Foto 48 - Kiwi - Sim. Por que ele protesta contra o preconceito .....	132
Foto 49 - Lilás - Várias letras citam dificuldades que a população passa. Escutar te faz ver que a vida não é tão facil para alguns .....	132
Foto 50 - Margarida - Para mim o Hip Hop e uma cultura que sofreu muito preconceito até chegar aqui e mesmo	

depois de anos ainda tem preconceito .....	132
Foto 51 - Margarida - Eu adorei aprender mais sobre essa cultura e conhecer tudo que eles passaram até chegar aqui .....	133
Foto 52 - Violeta - A cultura hip hop é um pouco ‘discriminada’ por as pessoas acharem que isso é coisa de “bandido” mas a cultura hip hop se aprende a respeitar e aceitar, é uma cultura muito legal de se estar. ....	133
Foto 53 - Acerola - O Hip Hop não é apenas uma coisa em si, o Hip Hop é um conjunto de coisas que o formam, por isso acho o hip hop incrível, porque ele representa várias coisas e por isso é tão divertido por que todos podem se encaixar. ....	133
Foto 54 - Yuzu - Eu gosto de escutar 50 Cent tenho uma Playlist. É uma sensação é boa não sei explicar .....	134
Foto 55 - Camélia - E uma forma de demonstrar o que está acontecendo com você ou o mundo em forma de dança, sim ja me espressei com dança de hip hop. ....	134
Foto 56 - Erva-doce - Acho muito legal poder expressar o que você sente usando a música ou o grafite. Sim, sempre gostei de ver os grafites e músicas, expressando o que sente. ....	134
Foto 57 - Magnólia - Achei muito interessante o dia que passou o vídeo “Collors of Reality”, era um clipe muito legal e importante. ....	135
Foto 58 - Tamarindo - Quando olhamos clipes de musicas do James Brown e do Michel Jackson .....	135
Foto 59 - Guaraná - Mesmo parecendo vídeos de rap, danças e graffitis comuns, mas por tras de tudo isso tem bem mais, porque podemos aprender muitas coisas com esses vídeos. ....	135
Foto 60 - Jacarandá - Eu gosto bastante desse ensino de aprender olhando, fotos, vídeos, filmes e fazendo debates. ....	135
Foto 61 - Kiwi - São os elementos do Hip hop e suas vivencias. Sim. Por que assim como eu, a maioria dos Rapers são da quebrada. ....	136
Foto 62 - Tamarindo - Eles nunca fizeram algo de errado, só mostraram o que sentiam e o que passavam no dia dia deles. ....	136
Foto 63 - Vacínio - Não fazer o mal, por que ele sempre tentam passar uma mensagem .....	136
Foto 64 - Lavanda - Antes eu pensava um estereótipo muito grande sobre o hip hop, mas depois da aula do professor Rafael, percebi que é muito diferente que pensava, não me identifico por é algo que não gosto muito. ....	137
Foto 65 - Limão - Gostei de alguns vídeos e imagens do Hip Hop, mesmo não sendo meu tipo. ....	137
Foto 66 - Bergamota - Acho a cultura hip hop muito interessante e bom de aprender com esse estilo. Não me identifico porque não é o estilo que eu sigo muito. ....	137
Foto 67 - Erva-doce - Pra mim todos os momentos foram importantes mas pra mim o melhor foi a serie The get down .....	138
Foto 68: Bromélia - Gostei muito da aula que assistimos aquela serie sobre as comunidades. Foi interessante ver como é a vida em uma comunidade pobre. ....	138
Foto 69 - Jacarandá - A aula que passou a serie “The get down” eu gostei porque essa série explique bem como é a vida. ....	139
Foto 70 - Acerola - the get down porque conta a história de um homem negro e das dificuldades que ele passa para conseguir um disco de vinil. ....	139
Foto 71 - Lilás - Quando assistimos a série the get down e fizemos um trabalho sobre ele. ....	139
Foto 72 - Guaraná - É muito importante estudar a Constituição Brasileira e suas leis, porque nós aprenderíamos muitas mais coisas para nossa vida. ....	140
Foto 73 - Violeta - Possuem como objetivo garantir direitos fundamentais, como a vida, a liberdade, a saúde e as seguranças das pessoas, tem como direito à defesa e ao justo julgamento a quem seja acusado de um crime. ....	140
Foto 74 - Lótus - 2) Aprender como funciona as leis do país e saber como as coisas acontecem, importante saber que atos tem consequência. 3) O mundo sempre será injusto e tendo discriminação por todo lado. O jeito é se por no lugar do próximo e punir quem .....	141
Foto 75 - Kiwi - 2) A Constituição Brasileira agrega todas as leis do Brasil e isso nos ajuda a conhecer os direitos e deveres. 3) Tendo leis mais rígidas e equilibrio social. ....	141
Foto 76 - Lavanda - gostei da aula em que ele passou videos para fazermos cartazes, e claro fazer os cartazes. ..	142
Foto 77 - Kiwi - Os cartazes com as reflexões das letras do Hip hop. Eles nos ajudam a refletir e pensar sobre esse assunto. ....	143
Foto 78 - Malva - Gostei muito do trabalho do cartaz, achei interessante a ideia de mostrar para os outros nossa opinião. ....	144
Foto 79 - Rosa - Gostei de muitas das aulas, mas principalmente da aula em que fizemos os cartazes e com aquilo aprendi mais sobre o tema do aborto, que era o meu cartaz. ....	144
Foto 80 - Jasmim - Acho que o dia do passeio, pois aprendi algumas coisas. ....	145

Foto 81 - Malva - Achei muito legal, divertido, muito bonita a casa, me senti acolhida por todos. Uma das coisas que mais me chamou atenção foi os talentos no graffiti. ....	145
Foto 82 - Magnólia - Foi muito importante, gostei dos graffitis, das salas de interação e das pessoas. ....	145
Foto 83 - Violeta - Foi bem divertido, gostei de ter conhecido os monitores. ....	146
Foto 84 - Camélia - Achei muito interessante e divertido, inclusive a parte do rap que libertou um interesse grande nele. ....	146
Foto 85 - Lótus - Foi muito interessante aprender mais da cultura Hip Hop, o quê mais gostei foi aprender como se criam as musicas e a base de conhecimento necessário. ....	146
Foto 86 - Rosa - Eu achei incrível a visita e agradeço ao professor por ter levado a gente lá. A parte que mais gostei foi a em que fizemos o RAP. ....	147
Foto 87 - Acerola - a visita da casa de Hip Hop foi uma experiência exelente em conhecer a casa, as músicas e o gato de lá, um dos momentos que mais gostei foi na hora da pichação e também na hora da música. ....	147
Foto 88 - Guaraná - Foi muito divertido, e eu até aprendi a fazer rap, poemas, graffiti e etc... ....	147
Foto 89 - Jacarandá - Foi bem legal, eu gostei bastante da rima que a gente fez e a parte do graffiti. ....	148
Foto 90 - Bromélia - Uma pessoa Brasileira é ser guerreira, é ser feliz. Nosso país é divertido porém perigoso infelizmente. ....	148
Foto 91 - Camélia - Ser brasileira e saber o que sua nação lhe deixou, seu antepassado, mas isso vem a consequencia de viver os mais poderosos mandam, roubos entre outros. ....	149
Foto 92 - Kiwi - É conhecer a cultura do Brasil. Me sinto abençoado. ....	149
Foto 93 - Lótus - Ser brasileiro é viver da maneira mais louca que existe, só o brasileiro faz o que faz e consegue ser feliz com pouco. Me sinto muito feliz com meu país e estar proxima de pessoas incríveis. ....	149
Foto 94 - Margarida - que o brasil e um pais deixado pelo seus antepassado e saber que vai ter dificuldade no futuro. ....	150
Foto 95 - Violeta - Ser brasileiro é divertido e complicado por sofrer xenofobia e estereótipos dos brasileiros ser só praia, samba e mulher. ....	150
Foto 96 - Malva - Comparado com alguns outros é um país muito bom, apesar de precisar de grandes mudanças. No geral é bom ser brasileiro. ....	150
Foto 97 - Tamarindo - É bem divertido, é um país bem mais ou menos, a saúde não é muito boa, também a segurança não é muito boa e o saneamento básico é ruim. ....	150
Foto 98 - Limão - Ser uma pessoa brasileira é conseguir viver em um país corrupto e cheio de criminalidade. Eu me sinto sem confiança para o futuro deste país e desse povo, sem perspectiva de dar certo esse projeto de país. ....	151
Foto 99 - Lavanda - Ser uma pessoa Brasileira é difícil por sofrer uma grande homofobia também por ser um país turbulento, em algumas coisas eu gosto de morar no Brasil, gosto do churrasco de domingo e o cachorro caramelo. ....	151
Foto 100 - Yuzu - Feliz, com as festas as culturas do brasil são legais. ....	151
Foto 101 - Lilás - Adoro as culturas brasileiras. Ser brasileiro, significa gostar de festas, samba, pagode, futebol, churrasco e ver um cachorro caramelo em cada esquina. Eu amo viver no meu país. ....	152



## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2 - O ENSINO É COMPROMISSO</b>	<b>19</b>
<b>2.1 – Minhas encruzilhadas</b>	<b>21</b>
<b>2.2 – Sentipensar os entendimentos para uma Educação Antirracista</b>	<b>30</b>
<b>3 – CULTURA HIP HOP: SUAS HISTÓRIAS E EDUCABILIDADES</b>	<b>37</b>
<b>3.1 – Origens, Referências e Protagonismos</b>	<b>37</b>
<b>3.2 – Educabilidades Sentipensantes na luta Antirracista e Decolonial</b>	<b>47</b>
<i>3.2.1 - Samples e Mixagem de conteúdos</i>	<i>55</i>
<b>4 – REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>58</b>
<b>4.1 – Os primeiros passos na Academia</b>	<b>59</b>
<b>4.2 – A Cultura Hip Hop na Educação Formal</b>	<b>60</b>
<b>4.3 – Duas décadas de Cultura Hip Hop nas Academias Brasileiras</b>	<b>69</b>
<b>5 – SOBRE O PERCURSO DA PESQUISA</b>	<b>70</b>
<b>5.1 - Para uma sistematização do fazer decolonial</b>	<b>72</b>
<b>5.2 – Contexto da Pesquisa: lugar onde se pensa, se vive</b>	<b>76</b>
<b>5.3 - Os participantes da pesquisa: de corpos, subversões e resistências</b>	<b>79</b>
<b>6 - VIVÊNCIAS COM A CULTURA HIP HOP NO ENSINO FORMAL EM CINCO TEMPOS</b>	<b>80</b>
<b>6.1 - O ponto de partida</b>	<b>81</b>
<b>6.2 - As perguntas iniciais</b>	<b>81</b>
<b>6.3 - Recuperação do processo vivido</b>	<b>82</b>
<b>6.4 - A reflexão de fundo: Por que aconteceu o que aconteceu?</b>	<b>128</b>
<b>7 - O QUINTO TEMPO: OS PONTOS DE CHEGADA</b>	<b>152</b>
<b>8 - REFERÊNCIAS</b>	<b>162</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

O mundo e as relações sociais vêm se transformando de maneira acelerada nas últimas três décadas; a era digital, suas ferramentas de comunicação, informação e conhecimentos, traz desafios constantes na construção de uma sociedade mais justa e democrática. A educação é uma ferramenta poderosa na construção de melhor convivência e desenvolvimento para os seres humanos viverem nesse planeta e evidenciamos a sua responsabilidade e dificuldades para manterem seu papel de destaque na esteira da História.

No Brasil, após vinte e um anos de ditadura civil-militar, os anos 90 trazem a esperança de uma Constituição Cidadã, que possibilitou a construção da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBE), em 1996, graças a décadas de pressão popular e dos movimentos sociais pela democratização do país e de melhores condições de vida para brasileiras e brasileiros. No início do novo milênio, muitas leis foram criadas para a defesa dos direitos das mulheres, negras e negros, povos originários, LGBTQIAP+ e por condições mínimas para população, no combate à fome e atendimento médico gratuito e de qualidade.

A Lei Nacional que completa 20 anos, número 10.639/03, obriga o Ensino da História Africana e de seus descendentes nas escolas, pois sem ela não se ensina essas Histórias. E a dificuldade de decolonizar é tão grande, que se passaram cinco anos para serem incluídos o ensino das Culturas e Histórias dos Povos Originários do Brasil, Lei 11.645/2008. O Movimento Negro brasileiro, ao longo de várias décadas, inclusive durante a ditadura, reivindicou o ensino nas escolas da Cultura e História dos Povos de África e dos descendentes no Brasil; é dessa luta e pressão popular que se impõe a justiça da Lei, que após 5 anos de muitas reivindicações dos Movimentos Indígenas, se constitui na obrigatoriedade de um ensino que contemple a ancestralidade e a cultura nacional como um todo, não apenas a europeia e de seus descendentes.

Se, de forma objetiva, pensarmos que a História do Brasil e das Nações da América é composta pelas Histórias e Culturas dos continentes Americano, Europeu e Africano, mas que no Brasil se prioriza o ensino de 1/3 de suas Histórias em termos continentais, ou seja, apenas a visão e conceitos da História dos europeus, precisamos de Leis, que temos dificuldade de cumpri-las em sua completude, para obrigar a ensinar os “outros/nossos” 2/3 das Histórias, Histórias da América e de África. Re-existir é pluralizar as Histórias, não somente os conteúdos, monumentos e documentos, mas sim as estratégias de apresentação, reflexão e avaliação dessas Histórias.

Na prática das escolas não é fácil fazer esses rompimentos seculares e construir uma Educação Intercultural e plural para debater, apresentar conteúdos antirracistas e sobre as questões de gênero. Os controles e as reações conservadoras estão presentes nas famílias, educadoras, educadores, bem como nas gestões escolares e governamentais. Apresentar outras visões de mundo e culturas são conflitantes com o preestabelecido mundo europeu, que valoriza o homem branco, heterossexual, cristão e capitalista. É fundamental exercitarmos o pensar coletivo por meio de diferentes interesses, culturas e Histórias, entender as disputas e conflitos que construíram, a partir de uma colonização brutal, o mundo moderno e contemporâneo.

Vinte anos depois da Lei 10.639/03, ainda vivenciamos inúmeras dificuldades em irmos além da bolha “comemorativa” do mês de Novembro e dos preconceitos diversos com práticas e conteúdos relacionados à educação étnico-racial no Brasil. Percebemos que a Cultura Hip Hop, por ser originária das Américas e, atualmente, ser popular e dialógica junto às juventudes, possibilita um melhor engajamento das educandas, educandos, educadoras e educadores sobre esses “Conhecimentos Outros” e a valorização dos “Conhecimentos Nossos”.

Ao longo de minha trajetória, as práticas tanto como Educador dentro das Escolas Públicas, como na Coordenação de Cursos de Oficinas de Hip Hop, me instigaram a desenvolver o mestrado na linha de pesquisa “Formação de Professores, Teorias e Práticas Educativas”, tendo como perspectiva a busca dialógica por um “olhar outro”, “outras vozes” e “saberes outros” e/ou os “nossos olhares, vozes e saberes”. Essas investigações, tentativas, ações e reflexões, me impulsionam a desenvolver metodologias participativas, tanto com as educadoras e educadores, como com as educandas e educandos.

A pesquisa se desenvolveu a partir de uma prática educacional, que foi sistematizada com o objetivo de demonstrar de maneira teórico e prática como a Cultura Hip Hop estimula Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03. A Interculturalidade e a Transversalidade metodológica e prática do Hip Hop trazem uma possível tomada de posição integradora das matérias e de uma “episteme outra” perante a dificuldade de romper, metodologicamente, com o pragmatismo curricular.

A Educação Intercultural e Decolonial<sup>1</sup> são os aportes teóricos para as minhas práticas na educação formal e informal. Intercambiar metodologias, teorias e práticas de forma transversal nos diferentes campos educacionais, tem melhorado minhas experiências, percebendo

---

<sup>1</sup> Educação Intercultural e o Decolonial serão tratados mais adiante, no item 2 – Ensino é Compromisso.

evolução e reconhecimento nessas buscas e tentativas na utilização de novas estratégias e ações educativo-culturais. O entendimento, a compreensão das Colonialidades do Poder, Ser, Saber e a necessidade de criar alternativas à modernidade monocultural, me impulsionam na pesquisa e experimentação de estratégias educativas, que conciliam o entendimento da sociedade e do que pode ser a cidadania, utilizando a história, arte e cultura, na perspectiva da construção de um “Conhecimento Outro”.

No final do primeiro ano da pandemia de Covid-19, a Prefeitura de Sapucaia do Sul, em parceria com a Universidade La Salle de Canoas, abriu o edital para professoras e professores do município para Mestrado e Doutorado, possibilitando bolsa integral para os aprovados. Para mim, foi a oportunidade perfeita, pois já há alguns anos queria fazer Mestrado em Educação e, minha alegria foi maior, quando descobri que poderia estudar para “Formação de Professores, Teorias e Práticas Educativas” na perspectiva das epistemologias decoloniais.

O Grupo de Pesquisa em Educação Intercultural (GPEI), coordenado pelo professor Gilberto Ferreira da Silva, foi minha primeira opção, por tudo que li dos trabalhos desenvolvidos pelo coletivo. Quando ingressei no Mestrado e fiz as cadeiras junto ao GPEI, pude entender o quanto é potente a Educação Intercultural em sua diversidade. Também, percebi que todos os anos de estudos e práticas decoloniais junto aos Movimentos Sociais e Culturais, têm fundamental importância em minha formação para desenvolver um trabalho decolonial na academia.

Entendemos que a temática da utilização das Educabilidades da Cultura Hip Hop como estratégia pedagógica no Ensino de História, está em consonância com o que vem sendo pesquisado e construído pela linha de pesquisa e pelo GPEI. Nos trabalhos desenvolvidos e publicados por essas pesquisadoras e pesquisadores, percebe-se o quanto minhas pesquisas, práticas e metodologias estão ligadas com o que já vem sendo desenvolvido em Educação Intercultural e Decolonial. Os dois anos de vivência junto ao grupo e cadeiras que participei, foram essenciais para um entendimento mais aprofundado dos temas em questão.

Nessas aprendizagens junto ao GPEI foi possível vivenciar aulas, debates e trocas com profissionais e pesquisadores de diversas áreas da educação, assim como autoras e autores que desenvolvem epistemologias Decoloniais de várias partes do mundo, principalmente do Sul Global (América do Sul e Central, África e Ásia).

Destaco alguns trabalhos do Grupo, como “O currículo decolonial: da reflexão à prática intercultural”, desenvolvidos pelos autores João Alberto Steffen Munsberg, Henri Luiz Fuchs e Gilberto Ferreira da Silva; outro texto fundamental é “Por uma escola intercultural: a sala de aula como lugar de muitas Histórias”, escrito em conjunto pela Luana Barth Gomes, Cristine

Gabriela de Campos Flores, Gilberto Ferreira da Silva e Clede Antonio Casagrande; e, para finalizar esses destaques, sinalizamos a importância do livro lançado pelo GPEI, em 2022, “Da Descolonização à Descolonialidade: fazeres/pensares em educação”, organizado por Gilberto Ferreira da Silva, com mais de vinte autoras e autores da América do Sul. Todas essas produções e vivências são referências no desenvolvimento deste trabalho, no âmbito da Decolonialidade e da Educação Intercultural.

A Interculturalidade Decolonial auxilia na busca de mudarmos os termos da conversa e não apenas o conteúdo. A Cultura Hip Hop, ao longo dos seus cinquenta anos, se desenvolve por meio da Pluriversalidade de práticas e teorias, sendo atualizadas e ressignificadas, conforme espaço e tempo. O Hip Hop re-existe nas periferias do mundo inteiro como o método prático encontrado de valorização positiva de seu povo, filosofias, práticas, história, educação, arte e cultura.

O suporte teórico foi construído pelo viés de uma Educação Decolonial, por meio de estratégias de utilização dos elementos da Cultura Hip Hop como conteúdos e metodologia, no intuito de incentivar engajamento e alegria dos encontros nos espaços educacionais formais.

Os autores Ocanã e Lopez (2019) sinalizam para um fazer decolonial, por meio de uma prática comunitária e horizontal; já Carrillo (2004) apresenta a necessidade da sistematização das experiências nos encontros educacionais, para um aprofundamento teórico e metodológico, para no futuro melhorarmos nossa prática educacional. Utilizaremos a “sistematização em cinco tempos” de Jara (2006), desenvolvida com o propósito de fazer os registros e reflexões das experiências práticas fomentadas pelos Movimentos Sociais, Culturais e Educacionais, no intuito de melhorar as práticas e influenciar as novas experimentações nos diferentes campos de atuação.

A pesquisa lança mão da noção do Sentipensar<sup>2</sup>, trabalhada por Fals Borda (2015) e Arias (2010), como fundamental para entendermos e produzirmos reações ao racismo na sociedade e no Ensino de História. A LDBE fundamenta tais necessidades e buscamos essas estratégias por meio das Educabilidades, ações coletivas e rastros ancestrais das culturas africanas e ameríndias presentes na estética e ética da Cultura Hip Hop, que, majoritariamente, encontro no espaço da rua, um dos territórios privilegiados de manifestação, produção e socialização.

---

<sup>2</sup> Sentipensar são as possibilidades de desenvolver conhecimento e práticas com racionalidade e sentimentos, valorizando as vivências e entendimentos por meio da arte e das sabedorias populares. Esse conceito será desenvolvido no capítulo 2.2 – Sentipensar os entendimentos para uma Educação Popular.

Nosso trabalho busca entender como as Educabilidades<sup>3</sup> da Cultura Hip Hop podem ser utilizadas no desenvolvimento do Ensino de História Antirracista nos Anos Finais do Ensino Fundamental em Escolas Públicas; nosso objetivo é demonstrar de maneira teórico e prática como a Cultura Hip Hop estimula Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03.

Ao longo da dissertação, vamos analisar o planejamento, práticas, sistematizações e avaliações, na busca de um Ensino de História Antirracista em um trimestre no 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Greiss, em Sapucaia do Sul. Apresentaremos a sistematização, a partir dos planejamentos, memorial, registros, levantamentos, questionários e produções de trabalhos em conjunto com as educandas e educandos, desenvolvidos durante o trimestre de Ensino de História Antirracista.

Faremos uma análise do desenvolvimento teórico e prático das Educabilidades da Cultura Hip Hop como possibilidade de Ensino Decolonial e Antirracista no campo da História, seguindo a Base Nacional Comum Curricular, fomentando as habilidades e criando avaliações interdisciplinares e horizontais. Para finalizar, analisaremos como de maneira teórico e prática a Cultura Hip Hop estimula Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03.

## **2 - O ENSINO É COMPROMISSO**

Neste capítulo, temos como objetivo, entender como as experiências vividas nos Movimentos Sociais, coletivos artísticos, academia e nos trabalhos desenvolvidos junto às Instituições de Ensino Formal e Informal possibilitaram conhecimentos e práticas, para que o autor desenvolva uma pesquisa e ação para um Ensino de História Antirracista em uma Escola Pública do município de Sapucaia do Sul. Também serão trabalhados conceitos importantes para esse Ensino, como a Decolonialidade e a Educação Intercultural.

O ensino de História exige fazer escolhas; as combinações de tempo e espaço definem as escolhas, conforme os interesses e os pontos de vista. O ideal é termos a possibilidade de conhecer e refletir sobre várias teorias, versões, tempos e espaços, conhecimento plural e diversificado. No entanto, a realidade do pouco tempo e a grande quantidade de conteúdo nos exige

---

<sup>3</sup> Educabilidades são conhecimentos e modos de construí-los que se produzem a partir das relações humanas possíveis dentro dos limites de ações sociais mais abertas do que aquelas reguladas por instituições formais como a escola. Neste sentido, são saberes ‘trans institucionais’, e portanto ‘trans-escolares’. Esse conceito será desenvolvido com profundidade no item 3.2 - Educabilidades Sentipensantes na luta Antirracista e Decolonial.

fazer escolhas sobre um ensino qualitativo ou quantitativo e com quais pontos de vista olharemos a História. O fazer decolonial nos impulsiona a um olhar reflexivo, partindo das periferias, buscando entender os mecanismos da colonialidade do pensar, ser, estar e poder.

acciones decoloniales forman parte del desprendimiento y desenganche de la episteme occidental/eurocéntrica/colonial, para no seguirle el juego nocivo a la retórica de la modernidad, sino apartarnos de la lógica de la colonialidad, proponiendo una gramática propia de la decolonialidad. Es decir, se trata de pensar con nuestras propias nociones y no importar categorías eurocentradas.(OCAÑA,2019, p.10)

O fazer decolonial são as formas de viver e organizar a sociedade, que vão além das lógicas europeias que foram estruturadas na modernidade. No Brasil, encontramos nas diversas manifestações de culturas populares nesse continente-país, por sua extensão e diversidade de populações, muitas formas de cuidado à saúde, como a utilização de ervas, chás, pomadas, rezas, etc; as diferentes línguas portuguesas do Brasil com seus sotaques, gírias e palavras indígenas e africanas; organizações comunitárias e religiosas como as escolas de samba, terreiros, nações, clubes negros, aldeias, quilombos, etc. Buscamos desenvolver na escola formal as Educabilidades da Cultura Hip Hop, criada pelos povos africanos em diáspora nas Américas, a partir de suas epistemologias e tecnologias ancestrais.

Quando pensamos em um ensino antirracista, é inevitável também pensarmos que essas construções pedagógicas levem em conta as questões de gênero, pois o fazer decolonial tem de maneira imbricada, a luta pela diversidade, pluralidade e liberdade de ideias, do ser, do estar e do fazer. A mesma estrutura que promove o sistema racista, incentiva o machismo e a homofobia. Djamila Ribeiro (2019, p.17) diz que “devemos lembrar que este não é um debate individual, mas estrutural: a posição social do privilégio vem marcada pela violência, mesmo que determinado sujeito não seja deliberadamente violento”.

Infelizmente, o ensino de História foi fundamental na construção de desigualdades, ordenamentos e hierarquias. As Histórias das nações e suas regras coloniais foram difundidas com uma “lavagem cerebral de gerações” de decorebas, louvações e defesas de heróis, generais, reis e presidentes durante os últimos séculos de ensino de uma única história: a da legitimação da hierarquia branca e burguesa, de suas ideias e violências.

De forma mais geral, podemos deduzir que o sentimento de civilização predominante no Ocidente nos últimos três séculos parte de uma autoimagem de superioridade diante das demais sociedades. Esse sentimento tem correspondência em alguns setores das

elites não europeias, como no caso brasileiro, em que a perspectiva de progresso, de desenvolvimento, se colocou na esteira do processo civilizatório europeu (BERGAMASCHI, 2010, p.156).

Ao pensar tempo e espaço no Ensino de História em Escolas Públicas, percebe-se que estamos no espaço periférico e, por isso, a necessidade de fortalecer a ideia de que o ponto de vista deve ser “outro”, de “outros” conhecimentos e/ou “nossos” conhecimentos. As escolhas dos mecanismos que construíram o contar da História moderna/colonial nos atinge fortemente; os intelectuais que criaram as enciclopédias e todas as técnicas de pesquisa e seus controles, tiveram êxito nos seus objetivos como formadores ideológicos do modernismo/colonial, tanto no ensino nas colônias, como nas metrópoles. Portanto, é inevitável desaprender a História como sendo única, eurocêntrica e monocultural. Isso exige outras vivências, aprendizagens e trocas de saberes fora das instituições de Ensino Formal e buscar leituras para além dos programas clássicos.

## **2.1 – Minhas encruzilhadas**

Hoje, depois de 20 anos de pesquisas, vivências, trabalhos, desconstruções, construções, ensinamentos e aprendizagens, pude desenvolver um trabalho em pesquisa que é relevante para mim, meus pares e sociedade. Entendo a prática e a teoria como sendo indissociáveis, e a ação e reflexão como disciplina básica para evolução da vida cotidiana como um todo. Por isso, ao refletir e escrever sobre minha trajetória, não posso dissociar a academia do trabalho e militância social e cultural.

Estou Professor de História no Município de Sapucaia do Sul e Coordenador Pedagógico da Associação da Cultura Hip Hop de Esteio (ACHE), entidade que gere a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (CCHE), Museu da Cultura Hip Hop do Rio Grande do Sul (MCHRS) e o Centro da Juventude de Esteio (CJE), espaços socioeducativos e culturais, que desenvolvem trabalhos com jovens e adultos. Atuo como Professor de História há 7 anos no Ensino Fundamental para as séries finais e na ACHE, sou Coordenador das Oficinas 5 Elementos do Hip Hop, desde 2018, além de coordenar a constituição pedagógica e histórica do MCHRS.

Quando terminei o Ensino Médio e estava tentando entrar na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), vivenciei os Fóruns Sociais Mundiais realizados em Porto Alegre. Nos dois primeiros anos, com 19 anos, tentava entender o que era essa ideia tão poderosa e slogan desse encontro de pessoas do mundo todo, que percebiam e afirmavam que “Um outro mundo é possível”.

No Fórum Social Mundial de 2005, ano em que ingressei no curso de Licenciatura em História da UFRGS, conheci militantes do Exército Zapatista e pesquisei sobre o que era o Estado Autônomo de Chiapas-México, seus caracóis libertários, a figura do Comandante Marcos e a outra campanha<sup>4</sup>. Nesse Fórum conheci o documentarista argentino Carlos Pronzato, que mora na Bahia, e seus trabalhos sobre a Guerra da Água e Gás na Bolívia, Panelaço na Argentina e a Revolta do Buzu em Salvador.

Esses encontros e vivências junto aos Movimentos Sociais foram importantes em minha formação e impulsionaram minhas escolhas profissionais e acadêmicas. Identifiquei-me com as lutas por melhores condições de vida e democracia, entendi que é na luta que nos desenvolvemos e ensinamos/aprendemos com ética e responsabilidade. Os Movimentos Sociais exigem prática social e, sem dúvida, são um manancial de produção e utilização de teorias. Além disso, o Fórum Social Mundial me direcionou para pensamentos e práticas decoloniais que ainda não desenvolvia, transformando minha vida.

Nesses primeiros anos do novo milênio, estava começando a me envolver com música de maneira mais sistemática, gostava muito de escutar e de fazer música. Ainda quando adolescente, comecei a tocar violão e bateria. No começo de 2002, ingressei como vocalista da banda Burning Brain, que tinha como influência grupos de RAP e Rock, que traziam em suas letras temas políticos e sociais, como Racionais MC's, Cambio Negro, Pavilhão 9, Rage Against The Machine, Public Enemy, Sabotagem, Planet Hemp, O Rappa, Chico Science e Nação Zumbi, entre tantos outros. Tivemos o privilégio de tocar no palco do Acampamento da Juventude do Fórum Social Mundial de 2003 e no palco Glênio Peres em frente ao Mercado Público, para milhares de pessoas, com transmissão ao vivo pela TVE-RS, no Fórum Social Mundial de 2005, ambos em Porto Alegre. Foram 7 anos viajando por várias cidades do Rio Grande do Sul, apresentando músicas com letras escritas por mim, com cunho político e de protesto, vivenciando a cultura Rock e Hip Hop do Estado.

A decolonialidade é uma escolha ética, vocação, postura política, epistêmica e social; é praticada há séculos nas Américas. Infelizmente, faz pouco tempo que essa postura rebelde está ganhando força e espaço na literatura e na produção acadêmica, talvez pela importância dada à escrita e de seu controle pelos europeus, no sentido de legitimar

---

4 No estado de Chiapas, um dos mais pobres do México, vários camponeses de procedência indígena organizaram, em 1994, o Exército Zapatista de Libertação Nacional. Liderados pelo subcomandante Marcos, que não é uma pessoa só, mas um representante sem individualidade, os revoltosos realizaram ataques surpresa que tomaram repentinamente várias cidades do sul mexicano. Entrando em conflito com as tropas do governo, o Exército Zapatista apresentou grande resistência frente aos exércitos oficiais. Conquistando a simpatia de uma expressiva parcela da população camponesa do México, o movimento luta pela ampliação de direitos dos camponeses e o fim do NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte). De acordo com os integrantes do movimento, o México necessitava sofrer uma profunda transformação política, social e econômica. Em 1997, uma grande marcha sobre a capital do México mostrou ao mundo a força galgada pelo movimento.

e judicializar a defesa dos saques, escravização, genocídios, destruição da natureza e perpetuação de uma monocultura colonial.

Las vivencias decoloniales permiten configurar formas “otras” de sentir, pensar, conocer, aprender, educar, actuar, ser y vivir. Mediante ellas decolonizamos la educación, la mente, el lenguaje y el vivir humanos. Mediante ellas configuramos un pensamiento alterativo, a partir de la decolonialidad del vivir, en función de convivires comunales. (OCAÑA,2019, p.10)

O Pacto Colonial imposto pelas Metrôpoles europeias criou uma lógica centrípeta, com objetivo de formatar um mundo, onde a Europa centraliza os poderes e os outros continentes são sua “grande margem” que, evidentemente, está incluída de maneira subalterna, pois as riquezas provêm dessas “periferias europeias”. No entanto, essa construção histórica é recente, essa visão geopolítica colonizadora surge das enciclopédias e são ensinadas nas escolas há pouco mais de um século; a maioria da população das Américas só começa a ter a possibilidade de estudar em escolas nas últimas cinco décadas.

O fazer decolonial existe há séculos por meio das lutas e resistências, estimando-se que cerca de 80 milhões de pessoas morreram nas Américas em menos de dois séculos; portanto, não houve rendição e nem aceitação desse modo de vida colonizante. Hoje, estão espalhados pelas Américas vários Povos Originários, que mantiveram suas línguas, culturas, costumes e visões de mundo. Os descendentes da Diáspora Africana fugiram, queimaram engenhos e casas grandes; formaram Quilombos por todas as Américas.

As mentiras escritas têm poder para quem sabe ler e faz poucas décadas que a população em boa quantidade sabe ler. Na atualidade, escrever com a lógica eugênica eurocêntrica positivista dos últimos séculos, provoca reações e questionamentos, algo que não havia antes da democratização da alfabetização. Por isso, a maneira mais contundente da manutenção do pensamento opressor monocultural da colonização são os preconceitos, prisões e assassinatos. Culturalmente, resistem muitas formas de viver, pensar a vida e o mundo.

Assim, vivemos esse momento importante de conciliarmos o fazer decolonial promovido há séculos nas lutas e resistências dos povos colonizados e, atualmente, dos Movimentos Sociais com a literatura, escritas acadêmicas e na produção epistemológica e de conhecimentos em educação. Torna-se prerrogativa valorizar a gigantesca “margem europeia”, em detrimento do pequeno mundo europeu; nossa produção de conhecimento deve ser centrífuga, temos que destacar quem somos, nossas idiossincrasias e nos ligarmos ao mundo que vivemos, com sua

interconectividade, pluralidade e globalização: valorizar o nosso mundo Pluriversal e criarmos Pluriversidades de Ensino Superior.

Em 2005 ingressei na Faculdade de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que foi fundamental em muitos aspectos do meu desenvolvimento, para além das leituras obrigatórias e disciplina nos exercícios de leitura e escrita. As vivências no Campus do Vale com estudantes de outros cursos como Ciências Sociais, Biologia, Geologia, Jornalismo, Pedagogia e Geografia, me levaram a expandir as possibilidades de leituras e pesquisas para fora da caixinha preestabelecida do curso que escolhi. A UFRGS também me possibilitou acessibilidade a bibliotecas, videolocadoras e viagens para Encontros de Estudantes e Congressos pelo Brasil.

Nos últimos dois anos da faculdade, decidi me demitir do meu emprego formal em uma empresa de engenharia de segurança e me dedicar às minhas escolhas profissionais: ser educador, artista e pesquisador.

Comecei a estagiar na Ação Educativa do Memorial do Rio Grande do Sul, no PIBID História e a participar do Grupo de Pesquisa sobre Pierre Bourdieu do Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó, meu orientador do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Os estágios remunerados me possibilitaram um ótimo desenvolvimento no meu relacionamento com o público e nas minhas primeiras experiências em sala de aula. Desenvolvi o Curso de Cinema Brasileiro no Memorial, que me impulsionou para o tema de meu TCC: a História Social do Cinema Brasileiro, por meio do ‘Cinema revolucionário de “Rio, 40 graus”’: a luta, a polêmica e o sucesso’, filme dos anos 50, realizado pelo precursor do Cinema Novo Brasileiro, o diretor Nelson Pereira dos Santos. Esse filme tem como protagonistas cinco meninos negros de uma favela do Rio de Janeiro, que buscam o sustento da família vendendo amendoim em pontos turísticos.

Nesses anos que estagiei, participei do Grupo de Trabalho de Cultura dos Fóruns Mundiais Temáticos de 2012<sup>5</sup> e 2013<sup>6</sup>, que me possibilitaram conhecer boa parte das pessoas que trabalham com cultura engajada aos movimentos sociais nos mais variados segmentos e, principalmente, os militantes do Hip Hop de Porto Alegre e da Região Metropolitana. No Fórum Temático de 2012, cantei no palco do Acampamento da Juventude com a banda Burning Brain.

---

5 Fórum Social Temático 2012 – Evento organizado por um grupo de ativistas e movimentos sociais ligados ao processo do Fórum Social Mundial. Sob tema “Crise Capitalista, Justiça Social e Ambiental”. Teve como proposta ser um espaço de debates preparatório para a Cúpula dos Povos, reunião alternativa à Rio + 20. O evento foi realizado em Porto Alegre, Canoas, São Leopoldo e Novo Hamburgo, entre 24 e 29 de janeiro.

6 Em janeiro de 2013, Porto Alegre recebeu milhares de pessoas para mais uma edição do Fórum Social Mundial Temático. O evento ocorreu entre os dias 26 a 31 de janeiro.

No mesmo período e cidade, ingressei na Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela, que desenvolve um trabalho com teatro de rua, teatro de vivências e intervenções cênicas com forte engajamento com os Movimentos Sociais de Porto Alegre; também oferece oficinas gratuitas e desenvolve projetos em centros culturais, escolas e associações comunitárias. Suas principais influências são as metodologias de Augusto Boal (Teatro do Oprimido), Teatro União e Olho Vivo e a Terreira da Tribo.

No final do ano de 2013, me licenci em História pela UFRGS e comecei a estudar para concursos públicos para Professor de História e Técnico em Assuntos Educacionais. As leituras das leis brasileiras, dos planos nacionais e os teóricos da educação me ajudaram muito a perceber como eu poderia aliar a arte, a cultura, o social e a educação, campo onde tenho diploma.

Aproveitei esse período para fazer uma cadeira no PPGE da Educação da UFRGS sobre a Decolonialidade nos Estudos de Rodolfo Kusch, com as professoras Carla Beatriz Meinerz e Maria Aparecida Bergamaschi. Nessa cadeira tínhamos uma diversidade impressionante de pessoas de Movimentos Sociais, africanas, colombianas, uruguaias, kaingangs, guarani e muitas mulheres negras militantes da educação popular. Esse momento combinou os saberes acadêmicos, com os saberes práticos dos Movimentos Sociais e dos Espaços Educacionais, assim, pude vivenciar e trocar conhecimento com pessoas com diferentes pontos de vista. Tive, pela primeira vez na academia, o contato com as epistemologias e rastros decoloniais.

Os marginais somos nós, herdeiros da colonialidade nas Américas! Na época da Ditadura Civil-Militar brasileira (1964-1985), que obrigou um ensino nas escolas com visão eurocêntrica positivista, existia na intelectualidade e na classe artística, uma famosa frase proposta por Hélio Oiticica, que foi tema do filme “Bandido da Luz Vermelha” (SGANZERLA, 1968) e que foi pichada em vários muros na época, motivando a desobediência civil no combate à Ditadura Civil-Militar: “Seja Marginal, Seja Herói”.

Por un lado, lo marginal, lo liminal, asumido no sólo como postura epistémica, sino también como posicionamiento ético y político, permite ver, decir y hacer lo que no es visible, nombrable o factible desde el centro de las instituciones de conocimiento y poder. Porque lo marginal o liminal no significa por fuera, al borde, sino en el borde, en el umbral del sistema; por dentro y por fuera del orden, de lo instituido. Así como en lo social los momentos y las situaciones liminales evidencian los límites del sistema y posibilitan lo nuevo, instituyendo nuevos vínculos sociales, las prácticas de conocimiento social hechas desde el borde permite miradas y abordajes inéditos, que desbordan los límites de la ciencia social instituida. (CARRILLO, 2004, p.66)

Evidenciamos, neste início de novo milênio, a valorização do que não é institucional e dos fazeres populares. Percebe-se que nas últimas décadas, a partir do fim das ditaduras nas Américas e das Independências Africanas e Asiáticas, houve uma maior possibilidade de pensar o mundo sem as amarras das filosofias eugênicas e positivistas. Nossos objetivos como pensadores, produtores de conhecimento e de estratégias em educação, não é inaugurar um novo pensamento universal e hegemônico, mas construir, coletivamente, alternativas para uma vida mais harmônica, menos dependente dos interesses coloniais e capitalistas, que usurpam vidas e riquezas.

As formas de pesquisa e contação de histórias vêm sendo reformuladas nas últimas décadas. Fatos antes dados como inegáveis, hoje são questionados e muitas vezes desmentidos. A história dos “derrotados”, marginais e oprimidos, vem ganhando vultos importantes, tanto na pesquisa acadêmica, como nas novas formas multimídias de divulgação. Os Povos Originários da América e Afro-diaspóricos, no Brasil, têm suas Histórias contadas por meio de “derrotas”, mesmo tendo a resistência e o heroísmo como virtude. No entanto, são muitos os outros aspectos interessantes e importantes para o entendimento da nossa sociedade, que podemos abstrair das Histórias ameríndias e afro-brasileiras. A história oral vem ganhando destaque nas academias de ciências humanas. E é, evidentemente, por meio da história oral, que várias gerações de descendentes de nativos da América e africanos perpetuam os conhecimentos culturais, religiosos e científicos dos seus povos.

Os estudos e vivências me possibilitaram escrever um projeto ligado às questões étnico-raciais e conquistar junto ao Levanta Favela, o Prêmio Mirian Muniz FUNARTE de Artes na Rua de 2014, com a peça “Sepé: Guarani Kuery Mbaraceté”, livre adaptação do texto “Sepé Tiaraju”, de César Vieira. O prêmio possibilitou investirmos em pesquisa, materiais, figurinos e vivências com o Povo Guarani, em especial com o Cacique Vherá Poty, que nos orientou nos processos da peça. Em 2016, apresentamos a peça para mil pessoas, no aniversário de 260 anos da morte do Sepé, na cidade Missioneira de São Gabriel, e muitas outras apresentações em dezenas de cidades e festivais de teatro de rua.

Muitos dos ritos, mitos, costumes, sincretismos, palavras e visões do mundo missioneiro permanecem e são muito valorizados em nossa sociedade contemporânea, como por exemplo, o sincretismo cultural e religioso, a miscigenação, a diplomacia e tantos outros aspectos importantes para o entendimento da sociedade brasileira. De forma mais regional, percebemos a valorização dos rio-grandenses de aspectos culturais, como o sincretismo linguístico indígena-“portunhol” – imbricamento entre os idiomas português e espanhol –, assim como as vestimentas hispano-indígenas, a cultura do chimarrão e do churrasco, tipicamente indígena mis-

sioneira e tantas outras características que distinguem o gaúcho, nesse lindo e diverso mosaico de culturas deste continente chamado Brasil. No entanto, é evidente que por mais diverso que seja culturalmente nosso país, os povos e as culturas indígenas são matrizes dessa sociedade brasileira e devem ser valorizadas e respeitadas.

Outro projeto em que utilizei a Lei 10.639/03 como justificativa, foi a produção do CD “Na Trilha e no Ritmo do Negro” da Banda Kalunga, onde sou baterista e produtor musical. Álbum que conta, de maneira musical, as Histórias do Mestre Griô Telmo Flores: cantor, compositor, sambista, ex-militante do MNU e fundador da Escola de Samba do Areal da Baronesa, que posteriormente conquistou o autorreconhecimento como Quilombo Urbano. Vencemos o Edital Estúdio Geraldo Flack de 2015, da Prefeitura de Porto Alegre, para gravar, mixar e masterizar, gratuitamente, o álbum. Fizemos um clipe da música “Kalunga” no aniversário de 5 anos da Titulação do Quilombo dos Silva, primeiro Quilombo Urbano titulado no Brasil. As vivências com o Mestre Telmo nas comunidades, periferias e quilombos, contribuem muito na minha prática antirracista, em minha vida profissional e particular.

A banda Kalunga tem por objetivo, transmitir por meio de suas músicas e intervenções político-culturais, a visão de mundo do afro-brasileiro e suas vivências em comunidade, tendo o Quilombo como referência do protagonismo negro e espaço de criação. A inspiração e a referência são a trajetória de luta e a poesia do Mestre Griô Telmo Flores que destila africanidades em suas letras e melodias. Seguindo a trilha e o ritmo do negro, as canções trazem a modernidade do funk, reggae, ska, rock, sem deixar de pulsar a tradição dos tambores do samba, candombe, makulele, capoeira e do batuque de terreiro, uma mistura *sui generis* da resistência cultural dos povos africanos na América Latina.

O Mestre Griô é um dos principais agentes da manutenção e divulgação da memória afro-brasileira. Telmo Flores é um desses tantos que africanizam o cotidiano das pessoas com suas histórias, conhecimentos e, principalmente, com sua luta pelos direitos sociais dos negros e fortalecimento da cultura afro-brasileira.

O Quilombo é o núcleo da sociedade africana no Brasil. É a raiz de sua cultura e o espaço de empoderamento do negro, onde ele pode administrar e agregar suas comunidades. É o espaço negro e afro-brasileiro dentro de um sistema branco e europeu. Possui um nível simbólico importante na relação com a história da resistência e da luta pelos direitos à moradia dos territórios ocupados e de continuidade cultural. São as escolas de samba, terreiros, maracatus, na capoeira, na Cultura Hip Hop, blocos de frevo e os ranchos, os espaços de recriação e propagação da história e da cultura dos descendentes de africanos.

Formei-me no final do ano de 2013, ao mesmo tempo que desenvolvia os projetos junto ao Levanta Favela e à Kalunga, estudava e fazia provas para concursos para Professor de História. Foram muitos certames em diversas cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre. O primeiro que passei e fui chamado foi no Município de Esteio e, um ano e meio depois, no Município de Sapucaia do Sul, como Professor de História das Séries Finais do Ensino Fundamental. Na primeira escola, trabalhei dois anos, a E.M.E.F. Maria Lydia de Andrade Haack, localizada em um Território de Paz na fronteira entre Esteio, Canoas e Cachoeirinha, próxima à rodovia RS 118. A colonialidade era vivida e sentida todos os dias: racismo, machismo, homofobia, abusos, carências e resistência. O re-existir era fundamental na prática cotidiana e percebi que trabalhar e desenvolver a autoestima era fundamental em paralelo ao conteúdo. Nas escolas públicas da periferia de Sapucaia do Sul a realidade não muda muito.

Ao começar a lecionar em uma Escola Pública de periferia, percebo o grande desafio que assumi, ensinar a História de “derrotas” para um povo sofrido e destacar pessoas brancas, datas e acontecimentos que não dizem nada para quem vive um dia de cada vez e luta para ter alguma coisa na geladeira. Minhas vivências com a Militância artística junto aos Movimentos Sociais exigiu de mim outra tomada de decisão, entendi que deveria abrir mão do currículo base do Ensino de História e buscar outras alternativas: metodológicas, de conteúdos e avaliações.

Teoricamente, tinha o entendimento, nesse momento, que a base filosófica educativa que deveria utilizar na prática era a Educação Popular proposta por Paulo Freire em suas Pedagogias da Autonomia, Esperança, Indignação e do Oprimido.

A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. (FREIRE, 1996, p.10)

Freire relaciona ideias para formação pedagógica, como de que ensinar exige estética e ética, consciência do inacabamento, assunção e reconhecimento da identidade cultural, curiosidade, disponibilidade para o diálogo, escutar, alegria, esperança e a convicção de que a mudança é possível. Educar exige uma tomada de posição consciente de decisões, pois é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 1996).

Minhas experiências de oficinas e apresentações de teatro de rua e com a banda Kalunga me deram segurança para ousar e ser criativo; o meu primeiro ano como Professor de História

foi de muito trabalho de pesquisa fora da sala de aula, me dedicava mais tempo criando metodologias e conteúdos para uma Educação Popular, do que propriamente em sala de aula. Assim, como Paulo Freire aponta, o diálogo e a escuta junto às educandas e educandos me faziam refletir sobre o papel do Ensino de História no ambiente periférico, a consciência do inacabamento me dava esperança, mas me pressionava a encontrar alternativas mais condizentes com a realidade vivida nessa comunidade.

Ao ser chamado nos concursos, em 2016, troco minha residência de Porto Alegre para Esteio e conheço a Associação da Cultura Hip Hop de Esteio (ACHE). Em 2018, após a inauguração da Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (CCHE), os coordenadores me convidaram para ser Coordenador Pedagógico e de Oficinas e ao aceitar o convite, me exonerei no Município de Esteio. Ao entrar na Associação, desenvolvo junto à equipe, o Plano Político Pedagógico e uma metodologia para executarmos as Oficinas 5 Elementos do Hip Hop (DJ, MC, Graffiti, Dança e Conhecimento). As oficinas têm o intuito de desenvolver a ética e a cidadania por meio das Educabilidades da Cultura Hip Hop; a arte e a educação juntas tem um poder transformador na vida das pessoas.

São cinco anos de ação e reflexão, tendo obtido resultados muito bons junto às educandas, educandos e às entidades que nos apoiaram e financiaram nossas oficinas, tais como: Organização Internacional do Trabalho (agência da Organização das Nações Unidas), FIOCRUZ, Ministério Público do Trabalho e Instituto Federal Sul-rio-grandense. Em 2019, a ACHE e o Instituto de Assessoria a Comunidades Remanescentes de Quilombolas, em parceria com a Fundação Escola Superior do Ministério Público, realizaram o curso da Universidade Popular dos Movimentos Sociais - Vozes da Periferia, intitulado “Pedagogias Do Sul Global - Aportes Para o Diálogo entre Movimentos Sociais e Saberes Insurgentes”. Nesse curso fui Coordenador Pedagógico, desenvolvi e executei com a equipe da ACHE, o Módulo “HIP HOP: uma estratégia pedagógica para formação de jovens e adultos”.

Nosso trabalho na ACHE e nossas metodologias vêm recebendo reconhecimento do poder público, privado e das pesquisadoras e pesquisadores. No ano de 2019 foram três TCCs e inúmeros trabalhos e artigos com a CCHE, como tema em várias Faculdades da Grande Porto Alegre. Neste ano de 2022, o pesquisador Diogo Raul Zanini vai defender sua tese no Doutorado em Educação da UFRGS, tendo como tema a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio e suas metodologias pedagógicas.

A colonialidade do ser, saber e poder transforma o Ensino de História em mecanismo de dominação e de controle com suas decorebas e na celebração de nomes de heróis do Estado colonial, que em geral são assassinos e usurpadores. E foi em umas dessas várias encruzilhadas

da vida que consegui perceber que a Cultura em geral, mas a Hip Hop em específico, tem um gigantesco potencial como estratégia metodológica e prática para criar engajamento e alegria para um Ensino de História Antirracista.

Vivenciei, nas últimas décadas, muitos momentos de ensino-aprendizagem junto aos Movimentos Sociais, coletivos de artistas nas áreas da música, teatro de rua e na Cultura Hip Hop, assim como na Educação Formal, Não-Formal e Informal. Estar e viver em espaços diversos com diferentes objetivos, me mostrou os vários pontos de vista do mundo e me ensinou as múltiplas formas de lidar com pessoas e situações. Entendo, hoje, que cada ambiente e público merece sua atenção especial; que as estratégias utilizadas nas atividades e intervenções sinalizam os objetivos e resultados que iremos alcançar.

Desenvolvo há seis anos dentro da sala de aula a arte-educação, penso as vivências com as educandas e educandos como uma apresentação de teatro de rua ou uma intervenção da Cultura Hip Hop, na qual desenvolvo um roteiro com diferentes momentos e formas de apresentação de conceitos e conteúdo, assim como a interação com o público. A performance do educador é central em sua ética e estética, a dialogicidade exigida no ensino-aprendizagem instiga a darmos importância a todos os momentos de troca.

Nas experiências como Professor de História e na Coordenação Pedagógica da ACHE venho buscando aperfeiçoar formas de conseguir o engajamento nas atividades propostas. Em um mundo digital midiático, desenvolver estratégias para tornar as vivências educacionais interessantes tem sido um desafio: a arte-educação por seu poder de conciliar a racionalidade e os sentimentos, vem se mostrando como uma potência a ser explorada. Por isso, nesta dissertação, temos como objetivo demonstrar de maneira teórico e prática como a Cultura Hip Hop estimula Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03.

## **2.2 – Sentipensar os entendimentos para uma Educação Antirracista**

Os jovens brasileiros não se sentem representados quando a história é política e econômica; os saques e descontroles promovidos pelo colonialismo bagunçam o entendimento do Brasil, é doloroso aprender sobre essa História sequencial de derrotas, fica difícil torcer/gostar para/de quem sempre perde/morre.

Pues debemos irnos a los bordes, ser exterioridad, vivir en la frontera, experimentar y vivenciar en/desde los bordes. Las vivencias y experiencias son las configuraciones biopráticas de acciones emocionales, cognitivas, intelectuales, axiológicas, actitudinales y praxiológicas. Es decir, son las huellas que configuran el sentir, pensar, conocer, aprender, saber, ser, hacer y vivir humanos. (OCAÑA, 2019, p.10).

Desenvolvemos o trabalho, no sentido de refletir sobre práticas Antirracistas no ensino de História nas Escolas Públicas e demonstrar a vocação da Cultura Hip Hop no Sentipensar para o agir decolonial. Segundo Patrício Arias(2010), o Sentipensar dá potencialidade que as sabedorias insurgentes marginalizadas têm para oferecer, como caminhos metodológicos, que rompem com o sentido positivista, fragmentador, instrumental, homogeneizante e colonizador, com que se constituiu a pesquisa social. Sentipensar possibilita propostas metodológicas outras na perspectiva de construir uma pedagogia mais comprometida com a vida

investigar é ir ao encontro do sentir, pensar, dizer, fazer dos outros, para descobrir o que é o nosso próprio sentimento; pensar, dizer e fazer a vida, pois não podemos esquecer que o outro nos habita e que nós habitamos os outros; Investigar nada mais é do que uma viagem pelo mundo do significado, a fim de compreender os sentidos do mundo. (ARIAS, 2010.p. 493)

Originalmente, o conceito de Sentipensar foi proposto por Fals Borda, como síntese de uma proposta de investigação participativa. Sentimento e estética são os elementos fundamentais nessa proposta, que pouco são trabalhados nas investigações formais. A Cultura cria e recria envolvendo a ciência e a arte. “Porque parece más productivo casar a estas dos hermanas, como lo canta un poeta, que seguir amándolas por separado como si fuesen enemigas” (2015, p. 318).

Propomos o Sentipensar e agir no Ensino de História de maneira Antirracista e Decolonial, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDBE), como elemento que ampara, protege e estimula as educadoras e educadores a desenvolver essas práticas dentro das Escolas Públicas, com engajamento e alegria. Além disso, queremos perceber a Cultura Hip Hop como sendo uma estratégia na construção de “outras/nossas” epistemologias.

Assumir um “pensamento outro” implica, sobretudo, adotar outro fazer pedagógico. De nada valeria uma reestruturação curricular ou redefinição de conteúdo sem uma profunda mudança de atitude e de postura dos agentes da educação, especialmente os docentes, pois são estes os propulsores – ou não – do fazer pedagógico. São os professores que possibilitam, como mediadores e motivadores, o desencadeamento do processo de aprendizagem (SILVA, 2019, p.601).

O Sentipensar é um conceito importante nas práticas desenvolvidas por meio do pensamento Decolonial, é a fundamental valorização dos sentimentos para desenvolver uma compreensão mais complexa dos papéis desenvolvidos pelos oprimidos e marginalizados na História de maneira geral, mas principalmente nos últimos séculos nas Américas. Evidenciamos por meio da arte e cultura, a manutenção de entendimentos e práticas da vida que rompem as limitações do pensamento cartesiano, que enquadra e quantifica os acontecimentos Históricos e do momento presente. Quando vivenciamos a arte, provocamos e somos provocados a experimentar sensações diversas como compaixão, medo, angústia, terror, alegria, simpatia, empatia, etc., experimentar sentimentos para compreender como os seres humanos viveram e o que isso nos ajuda nas escolhas que faremos no presente, potencializa o entendimento do mundo.

Desenvolvemos nesse trabalho um fazer decolonial, por meio de experimentações nas práticas pedagógicas interculturais e na sistematização dessas práticas. “Por eso, emerge el hacer decolonial, no como investigación, ni como metodología ni técnica, sino como vocación, como configuración de acciones/huellas decolonizantes” (OCAÑA, 2019, p.7). As minhas experiências junto aos Movimentos Sociais e Culturais, me indicam uma ação educativa multidisciplinar e que valoriza as vivências participativas para as educandas e educandos. Fernando Seffner propõe às professoras e professores de História andar um pouco no descaminho:

É bastante desejável que um professor, ao longo de sua carreira, reflita sobre os saberes docentes, e procure construir um “estilo” próprio de ser professor, incorporando características pessoais e valores pedagógicos que considera os mais apropriados, “estilo docente”... Cada professor deveria ter como preocupação construir um estilo docente, uma marca pessoal em seu trabalho, pelo tipo de materiais que utiliza, pelas opiniões que tem, pelo modo de lidar com os alunos, até mesmo pelas roupas que veste e pela linguagem que utiliza (SEFFNER, 2010, p.215).

A pretensa neutralidade cartesiana e positivista científica defendida no último século controla a produção intelectual e fortalece as teorias defendidas pelo sistema colonial. A proposta de Seffner valoriza e defende a necessidade das educadoras e educadores desenvolverem seu trabalho com identidade e protagonismo, fazendo de suas vivências uma potente ferramenta que articulada com os saberes acadêmicos possibilitem uma compreensão dos saberes do mundo mais complexa para os educandos a partir de experiências e gostos particulares de uma referência que é o seu professor ou professora.

É notável nos espaços educacionais a força e as possibilidades que os trabalhos com arte e educação produzem juntos. A inspiração na vida que a cultura traz fornece o Sentipensar

sobre os temas abordados coletivamente nos encontros. O entendimento e o comprometimento emocional são fundamentais para captar a concentração e dedicação racional para desenvolver as atividades de maneira ativa. Nós, educadoras e educadores, também temos um comprometimento com a alegria das crianças, jovens, adultos e com nós mesmos.

Acreditamos, assim, como Catherine Walsh, que por meio de uma História de larga duração, percebendo o mundo para além da modernidade europeia industrial capitalista, que a Educação Decolonial adquire sua razão e sentido político, social, cultural e existencial, “como apuestas accionales fuertemente arraigadas a la vida misma y, por onde, a las memorias colectivas que los pueblos indígenas y afrodescendientes han venido manteniendo como parte de su existencia y ser”.

Desde luego, fue con la invasión colonial-imperial de estas tierras de Abya Yala —las que fueron renombradas “América” por los invasores como acto político, epistémico, colonial— que este enlace empezó tomar forma y sentido. Se podía observar claramente en las estrategias, prácticas y metodologías —las pedagogías— de lucha, rebeldía, cimarronaje, insurgencia, organización y acción que los pueblos originarios primero, y luego los africanos y las africanas secuestrados, emplearon para resistir, transgredir y subvertir la dominación, para seguir siendo, sintiendo, haciendo, pensando y viviendo —decolonialmente— a pesar del poder colonial (2013, P.25).

A Educação Intercultural, que respeita e valoriza os diferentes saberes de uma educação Pluriversal, possibilita refletirmos a partir de outros/nossos pontos de vista e Histórias, provoca dinâmicas de des-aprender e re-aprender, desconstruindo a História única e o pensamento racista europeu moderno. Gomes et. al. (2021, P.105) acredita que a educadora e o educador precisam assumir uma postura política de reflexão sobre o conhecimento e “beber epistemicamente de outras fontes”, possibilitando a construção de uma geopistemologia.

A escola intercultural é aquela onde muitas histórias são contadas e valorizadas, onde há espaço para ouvir vozes-outras e conhecer narrativas para além da história dita oficial. É um lugar onde a história única, seus estereótipos e sua estética são questionadas. Um espaço crítico, onde se busca destruir as estruturas sociais e raciais construídas pela colonialidade (GOMES et. al., 2021, P.107).

A Cultura Hip Hop traz conteúdos decoloniais por meio das suas múltiplas plataformas artísticas, mas, mais importante que isso, mexe com a mente e corpo das pessoas. Possibilita transcender as dimensões comportamentais das dinâmicas cristãs industriais capitalistas impostas nas escolas, que geram uma postura domesticada dentro das fábricas.

A militante, educadora e filósofa feminista negra Bell Hooks, trabalha com ideia de Eros para entender essa paixão, não necessariamente sexual, que precisamos desenvolver entre educadoras e educadores com suas educandas e educandos.

A compreensão de que o erotismo é uma força que intensifica nosso esforço global de auto-realização, de que ele pode fornecer uma base epistemológica que nos permita explicar como conhecemos aquilo que conhecemos, possibilita tanto professores quanto estudantes a usar tal energia no contexto da sala de aula de forma a revigorar a discussão e estimular a imaginação crítica. (HOOKS, 1999, p.85)

A Cultura Hip Hop mexe como as paixões por sua pluralidade, ancestralidades, interconectividade, multidisciplinaridade, jovialidade, crítica social e a visão de mundo advinda das periferias; promove infinitas possibilidades de articulação com temas e matérias dentro das escolas. Além disso, impulsiona pela arte e atitude o Sentipensar para um agir antirracista e decolonial, que desenvolva trocas de saberes nos espaços educacionais com alegria.

A possibilidade de o ser humano se constituir como tal depende tanto do seu desenvolvimento biológico, em especial do sistema nervoso, quanto da qualidade das trocas que se dão entre os homens no meio no qual se insere. O homem se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas, que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere. (DAYRELL, 2003, P.43)

A educação tem como pressuposto as relações sociais e as vivências em coletivo, a promoção de atividades que possibilitem uma boa interação social entre os jovens e também junto ao adulto que coordena os encontros educacionais, é fundamental para construir alternativas ao ensino-aprendizagem nos moldes positivista cartesiano, focado em avaliações e resultados. Viver bem é difícil, por isso temos que desenvolver estratégias para conquistar esse objetivo. Jua-rez Dayrell (2003, P.43) sinaliza para a necessidade de evitarmos a “desumanização dos jovens nos meio educacionais, nos quais o ser humano é “proibido de ser”, privado de desenvolver as suas potencialidades, de viver plenamente a sua condição humana.” Este pesquisador percebe que a Cultura Hip Hop pode ser um espaço de recriação das juventudes, possibilitando novos modos de ser jovem para além das obrigações do mundo capitalista do estudo e do trabalho.

O mundo da cultura se apresenta mais democrático, possibilitando espaços, tempos e experiências que permitem que esses jovens se construam como sujeitos. Mas não podemos esquecer que, no Brasil, a modernização cultural que influencia tanto a vida desses jovens não é acompanhada de uma modernização social. (DAYRELL, 2003, P.51)

No Ensino de História, por já termos o texto como principais referências para a construção dos conhecimentos históricos, as letras de RAP parecem ser a opção mais óbvia para começarmos a pensar a articulação das Educabilidades da Cultura Hip Hop dentro da educação formal. A oralidade se destaca nas formas de propagação dos conhecimentos dos Povos Originários da América e dos Povos Africanos, com destaque para figura do Griô:

A força da palavra oral da diáspora africana funciona como um mecanismo depositório de conhecimentos preservados que os colonizadores interditam no discurso oficial. Por meio de parlendas adivinhas, onomatopeias, o discurso do griot prolifera para os seus descendentes de forma lúdica e interativa. Mesmo contando história de sofrimento, a leveza e a afetuosidade encontram-se presente [sic] na memória dos negros que foram trazidos da África para as ilhas do Caribe como escravos (CARVALHO, 2014, p. 325).

Na prática do Ensino de História Antirracista utilizamos a música RAP em suas múltiplas plataformas, para além da continuidade da pedagogia do Griô, pois normalmente as letras são escritas por jovens e adultos novos residentes ou com vivência nas periferias das cidades. Essas visões de mundo das margens da sociedade, com ancestralidade diferente da dos produtores de cultura das elites, possibilitam contar “outras/nossas” Histórias, interpretações dos fatos e acontecimentos em diferentes espaços e tempos. Além disso, os jovens se identificam com a estética dos rappers: postura, gírias, jeito de andar, roupa, cabelo, tatuagens e adereços.

O mais importante na compreensão dos sentidos que as letras de rap apresentam, independentemente do fato de serem construídas em territórios bem marcados e diferentes, não é o sentido em si, mas o fato de que elas carregam um pouco desse modo de ser dos rappers. Um modo de ser rapper que se assemelha e até mesmo se confunde com o modo de ser da juventude no mundo: uma juventude de identidade plural, complexa, definida nas referências com pequenas e múltiplas tribos urbanas (FERNANDES e PEREIRA, 2017, p.118).

Dentro das Escolas Públicas espalhadas em sua maioria pelas periferias das cidades brasileiras, as crianças e jovens buscam aproximação de suas vidas com os ensinamentos da escola. Suas vivências de sofrimento com violências e desesperança, encontram no RAP

a sinceridade de, primeiramente, reconhecer as dores e dificuldades; em outro momento, com atitude, conhecimento e autoestima, buscam a superação dos desafios há séculos colocados como intransponíveis, no intuito de manter a subalternidade das camadas pobres da população. As letras de RAP fazem muito mais do que trazer referências e informar, são capazes de incentivar os jovens e adultos a buscarem o seu próprio modo de viver em sociedade. Os militantes dizem que “o Hip Hop salva!!!”

Utilizamos como estratégia nessa ação sistematizada, a Cultura Hip Hop e suas Educabilidades, como uma “outra/nossa” prática pedagógica decolonial no Ensino de História. Essa perspectiva vem apoiada em estudos brasileiros em educação, analisados por Fernando Zanetti (2017, p.1446), que percebem a utilização da arte e da cultura como uma estratégia para metodologias e conteúdo para vencer os “novos paradigmas com que o professor se depara, tornando necessário compreender como as práticas da arte podem se tornar um instrumento de resistência capaz de dar voz ao aluno contra a hegemonia da cultura burguesa.” Segundo Oliveira e Fonseca (apud ZANETTI, 2016, p. 1448):

A arte passaria a ter a função de reencantar a educação, pelo potencial que tem de disparar processos cognitivo-ontológicos, de resgatar as emoções e de construir um mundo melhor, de fazer os alunos construírem esteticamente a escola e, com isso, desacomodá-la e abri-la para os devires.

Somando-se à utilização de letras de músicas RAP, desenvolvemos neste estudo e ação, uma leitura prática, por meio da reflexão sobre vídeos, sugerimos que sejam assistidos os vídeos indicados para melhor compreensão das leitoras e leitores do trabalho, como sendo referências das práticas que foram sistematizadas para um Sentipensar para agir em sala de aula. Ensinamos-aprendemos o Ensino de História Antirracista a partir da Pluriversalidade, com diversidade de culturas, epistemologias e histórias, a formatação do espaço de ensino-aprendizagem por meio da roda ancestral, possibilitando equidade, horizontalidade e maior democracia nos espaços escolares. E, por fim, demonstrar de maneira teórico e prática como a Cultura Hip Hop estimula Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03.

### 3 – CULTURA HIP HOP: SUAS HISTÓRIAS E EDUCABILIDADES

A necessidade de sobreviver e re-existir a partir das colonialidades impostas, criaram mecanismos e estratégias para manutenção de parte importante das Culturas, Tradições, Filosofias e Ciências dos Povos Oprimidos. No Brasil, a oralidade das canções religiosas, tradicionais, infantis, capoeira, xôndaro, sambas, repentes, trovas, raps, etc., contam as Histórias e tem “outros/nossos” pontos de vista dos acontecimentos, conhecimentos e reflexões.

As Culturas como um todo nas Américas, mantêm por meio da culinária, vestimentas, adereços, músicas, pinturas, graffitis, danças, teatros, tradições, oralidades, escritas diversas, línguas, estéticas, éticas, ecologias, religiões, visões de mundo, “outras/nossas” epistemologias há mais de 500 anos. Viver e conviver fazendo escolhas difíceis é re-existir, mesmo que as possibilidades sejam limitadas e que a miscigenação em todos os sentidos seja imposta e inevitável.

A mescla Cultural, Filosófica e Religiosa é o fundamento desse “Novo Mundo” Americano enquadrado na modernidade colonial. Porém, não está resumido à colonialidade, pelo contrário, assim como a natureza retoma o seu lugar enquanto selvagem, a naturalidade da vida, que não é colonial, também está sempre disposta a retomar as suas posições. Portanto, os mecanismos de controle coloniais estão sempre sendo atualizados e ressignificados. A decolonialidade da vida é natural e constante, se expressa na Cultura e na Educação. As misturas e a fluidez nas estratégias do re-existir dos oprimidos são características fundamentais, e suas idiosincrasias retomam e criam, a partir de “outras/nossas” possibilidades e conhecimentos.

Após quatro séculos de ocupações e saques nas colônias, o século XX se inicia com a predominância das filosofias eugênicas e essas, evidentemente, influenciaram de maneira violenta as culturas, artes e educação. O tecnicismo industrial criou padrões para a arte, diagnosticou todas as artes e culturas fora desses padrões, como folclores primitivos, feios, ruins, selvagens, desatualizados esteticamente e de menor importância.

#### 3.1 – Origens, Referências e Protagonismos

No centro do Império Capitalista, em Nova York, início dos anos de 1970, começam a surgir manifestações e organizações políticas, culturais, juvenis, artísticas e de resistência negra e periférica, que ao longo das últimas décadas constituem o que conhecemos como Cultura/Movimento Hip Hop, a Cultura de Rua. O bairro do Bronx, formado naquela época com uma

população de imigrantes negros e indígenas das Américas Central e do Sul, estava colado em Manhattan, em que está situada Wall Street (centro financeiro do mundo). Viviam lá, basicamente, trabalhadores pobres que faziam os serviços que os senhores de colarinho e pedigree não gostam de fazer, como limpeza, segurança, dirigir, cozinhar e etc.

O modelo metropolitano tem como característica o crescimento/desenvolvimento do centro para a periferia e essa década foi marcada pela gentrificação dos bairros ao redor de Manhattan. Nos Estados Unidos, em seu momento de maior potência, havia um conflito armado no Bairro do Bronx e essa população sofria todas as mazelas da colonização no primeiro país desenvolvido das colônias da América.

Esse espaço nunca deixou de ter e conter os elementos indesejáveis que o poder e a ideologia tentam até hoje mascarar. Elementos humanos, estéticos e marginalmente desagradáveis para o sabor da burguesia, foram a principal matéria-prima e constitutiva do Hip Hop, tanto em Nova York, quanto em São Paulo e São Luís. A violência representada por disputas entre gangues, pelas ações da polícia, pela prostituição, pelo racismo, pela fome, pelo desemprego, pela corrupção política, foram colocadas dentro do universo de produção do Hip Hop. (FREITAS, 2019, p.20)

No entanto, essas populações de porto riquenhos, jamaicanos, cubanos, colombianos, brasileiros etc., vivenciavam toda cultura e tecnologia do Império estadunidense. Estavam no centro cultural mundial da época, mas não podiam participar e se desenvolver a partir de tantas possibilidades criadas do American Way of Life que se divulgavam pelo mundo. Desde os anos 60, existia uma ebulição do Movimento Negro nos Estados Unidos, com destaque para os Panteras Negras e os líderes religiosos, tanto do cristianismo de Martin Luther King, como no islamismo de Malcon X, que foram porta-vozes das mudanças exigidas pelas comunidades negras e periféricas do país mais rico e poderoso do mundo.

o hip-hop expressa a rebeldia da juventude afro-descendente, tendendo a modificar o perfil dos ativistas do movimento negro; seus adeptos procuram resgatar a auto-estima do negro, com campanhas do tipo: Negro Sim!, Negro 100%, bem como difundem o estilo sonoro rap, música cujas letras de protesto combinam denúncia racial e social, costurando, assim, a aliança do protagonismo negro com outros setores marginalizados da sociedade. E para se diferenciar do movimento negro tradicional, seus adeptos estão, cada vez mais, substituindo o uso do termo negro pelo preto. (DOMINGUES, 2007, p. 119-120)

O termo Hip Hop é derivado da frase **High Infinite Power Healing Oppresses People** – Alto Poder de Infinita Cura para as Pessoas/Comunidades Oprimidas. As bases da Cultura Hip Hop são de resistência, criatividade, pluralidade, multiculturalidade, diversidade, ancestralidade, autenticidade, cultura, união, diversão, amor, paz e o “faça você mesmo”. A impossibilidade de pintar um quadro, pois o pincel, tinta, tela e moldura são inacessíveis economicamente para as populações de periferia, que também não frequentavam as universidades, fizeram os trens e muros da cidade de telas, que exprimiam os mais diferentes pensamentos e atitudes, principalmente, refletiam territorialidade e identidade negra nos Graffitis.

A falta de dinheiro para frequentar boates e clubes, fez os jamaicanos reviverem no território yankee, a sua cultura do Sound System, com grandes e potentes caixas de som em praças e parques, que animavam as tardes das comunidades ao som dos Disk Jockeys (DJs). As músicas que mesclavam o rock, soul e funk estadunidenses, com os ritmos latinos das américas e reggae jamaicano, eram a sonoridade que embalava os corpos dos Break Boys (B.Boys) e das Break Girls (B. Girls) de maneira espontânea, sem regras e técnicas específicas, fazendo da criatividade e inovação, as características mais potentes da dança Hip Hop.

Nesses encontros populares, que com o passar do tempo ficaram conhecidos como Festas de Hip Hop, sempre teve a figura marcante do Mestre de Cerimônias (MC), que organizava, animava e fazia discursos poéticos, enquanto o DJ fazia uma base musical de fundo. Com o tempo, os discursos improvisados começaram a ganhar importância no contexto político e social dos Estados Unidos e os MCs foram aos poucos ganhando mais espaço nas celebrações e tendo bases musicais específicas para os seus discursos poéticos, surgindo músicas que tinham ritmo e poesia (RAP – Rhythm and Poetry). Hoje, o estilo musical RAP, que faz parte da Cultura Hip Hop, tem músicas e artistas por vários anos seguidos no topo dos principais rankings musicais do planeta.

As dificuldades vividas pela população do South Bronx não impediram que alguns jovens comessem, através da arte, uma revolução cultural denominada Hip Hop. Este trilhou um caminho inverso do operado e estimulado pela sociedade do espetáculo, com suas separações e especializações. O Hip Hop, pelo contrário, juntou elementos que estavam dispersos na mesma miséria, ao mesmo tempo, no mesmo espaço: o Breakdance, o Graffiti e o RAP. (FREITAS, 2019, p.36)

A dança, que no Hip Hop é mais conhecida como Break, as artes plásticas com o Graffiti e a música com o DJ e MC fazendo o RAP, têm formado o que conhecemos como os Quatro

Elementos da Cultura Hip Hop, e são as expressões artísticas das ruas nas diferentes cidades do mundo. Contudo, o cimento que une, que dá o amálgama de responsabilidade e ancestralidade com as comunidades e com a rua, é o Quinto Elemento: Conhecimento/Atitude.

É prática propalada no movimento Hip Hop a valorização do conhecimento, citado pelos integrantes como um dos elementos da cultura: referem normalmente a própria história e a conjuntura atual do movimento, mas também a ancestralidade negra e as informações sobre as condições de vida das comunidades onde vivem e atuam. (PINHEIRO, 2013, P.13)

O ícone fundador do Hip Hop teria sido Clive Campbell, ou DJ Kool Herc. O primeiro evento da história do Hip Hop ocorreu no dia 11 de Agosto de 1973, na festa de aniversário da irmã do DJ, Cindy Campbell, no número 1520 da Sedgwick Avenue, no Bronx, em Nova York. Outra data que é um marco na História da Cultura Hip Hop é o dia 12 de novembro de 1973, data da fundação da ONG Zulu Nation, organizada pelo DJ Afrika Bambaataa, que promovia a cultura como forma de manter os jovens longe do crime e da violência, inspirados nas estratégias e ações dos Panteras Negras, como promoção de alimentação, arte e educação para crianças e jovens.

A postura ética e a busca pelas referências é que possibilitam um bom proceder dentro da Cultura Hip Hop, tendo atitudes de respeito e positividade com todas e todos, assim como o conhecimento sobre a Cultura e suas principais referências artísticas, políticas, estéticas e dos movimentos sociais. A Doutora Nilma Lino Gomes (2017, p.18) diz que “Todos são, de alguma forma, herdeiros dos ensinamentos do Movimento Negro, o qual, por conseguinte, é herdeiro de uma sabedoria ancestral.”

Me refiro ao hip-hop enquanto movimento social, que utiliza a cultura como um meio de reivindicação de melhorias para a parcela da sociedade que representam em suas músicas. Tenho clareza de que para além de um movimento social, hoje o hip-hop é uma expressão cultural. No entanto, sua gênese, que se inicia com sua construção histórica como expressão cultural, sempre esteve ligada a questões sociais. (MESQUITA, 2018,p.35)

A Cultura Hip Hop se caracteriza por valorizar as identidades individuais e coletivas, as idiossincrasias e o ineditismo . As pessoas que desenvolvem a Cultura Hip Hop mostram sua autenticidade por meio dos cruzamentos da identidade da sua cultura e comunidade, sempre buscando criar algo genuíno, valorizando suas referências e a História do seu povo. É muito di-

fácil encontrar grupos de RAP que fazem cover, escritores e escritoras de Graffiti que compõem os traços e desenhos. Nas batalhas de Dança, MC e DJ, quando alguém copia o que outro já fez é desmerecido pelo seu adversário.

Essa possibilidade de ser quem você é, por si só já é libertadora dentro de uma lógica colonial de controle, mas, para além disso, a valorização dos diferentes protagonismos cria a semente da autoestima e possibilita infinitas alternativas de criação nas mais diversas culturas e movimentos sociais do mundo. Na atualidade, se formos na periferia de qualquer parte do mundo, provavelmente encontraremos grupos desenvolvendo os elementos e a ética da Cultura Hip Hop, em sintonia com a cultura do local.

Como um escudo para as periferias e as favelas na defesa da vida, nasce uma importante revolução no mundo, a Cultura Hip Hop, que ainda criança cria raízes e transformações positivas no Brasil. A História do Movimento no Brasil nos aponta como berço desta revolução coletiva, a cidade de São Paulo.

vários indivíduos isolados ou em pequenos números já haviam visto através da indústria cultural, pelos videoclipes, televisão e cinema (filmes como *Beat Street* [1984] e vídeos de Michael Jackson, por exemplo), a dança americana sendo executadas por jovens nos Estados Unidos e começaram a se interessar por aquela dança, e a partir de 1985 começaram a se reunir na Estação São Bento do metrô, para troca de experiências sobre a dança, Hip Hop em si não existia, somente o Breakdance. (FREITAS, 2019, p.47)

Começa a ser desenvolvida nos anos 1980, nos encontros de jovens majoritariamente pretas e pretos, pobres e moradores de favelas, que, sem fomento à cultura, em contexto de ditadura, censura, racismo, agenda de violência extrema, extermínio das vidas negras, as classes trabalhadoras e políticas faziam a resistente ocupação da rua 24 de Maio e do famoso Metrô São Bento, como um espaço de criação e inventividade, produzindo saberes e cultura. Muitas negras e negros periféricos que vivenciavam esses espaços eram descendentes do Movimento Negro, onde já desenvolviam as culturas Black, Soul e Funk, que nas últimas décadas dominava as casas de show e os bailes na periferia das grandes capitais do Brasil.

A dança inicialmente era praticada nos salões dos frequentes bailes black's que aconteciam pela cidade, porém os mais jovens que realizavam essa dança "esquisita" aos olhos dos mais tradicionais frequentadores dos bailes blacks, precisou logo arranjar outros espaço, pois o dos bailes não era tão receptivo. Foram para as ruas e algumas praças, mas especificamente a Praça Ramos e a Rua 24 de Maio, ambos espaços no centro da cidade, mas logo encontraram o espaço da São Bento como local apropriado às suas realizações. (FREITAS, 2019, p.47)

Por esses locais passaram os principais referenciais artísticos, sociais, cidadãos e políticos da nossa cultura, como Thaíde, Dj Hum, Nelson Triunfo, King Nino Brown, Racionais MC's, Rappin Hood, Os Gêmeos, Marcelinho Back Spin, B. Girl Kika, Dragon Breakers, entre muitas outras referências. Porém, ao mesmo tempo, em muitos outros estados brasileiros, em especial no Rio Grande do Sul e também no Distrito Federal, desenvolviam-se práticas e expressões da Cultura Hip Hop nos bailes Blacks e ocupações emblemáticas de espaços públicos, como a Esquina do Zaire (hoje, chamada Esquina Democrática), em Porto Alegre, por grupos e indivíduos, tais como a Crew Dare Devils, Hackers Crew, Grand Master Nezzo, B.Boys Shaolin, Babalu, Diter, B.Girl Lu, entre outras e outros.

As letras de RAP no Brasil, ou a Cultura Hip Hop como um todo, tem como característica marcante o protesto, questionamentos de uma sociedade que é excludente em sua essência, por mais que as leis determinam o contrário. As primeiras décadas foram de denúncia das atrocidades cometidas pelo Estado, principalmente, representado pela polícia. A consciência negra, este reconhecimento identitário para união e luta foi amplamente trabalhada nos discursos musicais produzidos pelo RAP nacional; grupos como Racionais MC's e Cambio Negro tiveram papel fundamental neste processo de identidade negra no nosso Hip Hop.

Ao denunciar condições precárias de vida e pleitear acesso a recursos sociais, este movimento social dispõe como 'não-negociável' o reconhecimento simbólico dos artefatos culturais produzidos na periferia e, sobretudo, postula seu direito à capacidade de enunciar identidades e cotidianos em uma sociedade constituída por intensa produção/circulação de informações e apelos ao consumo. (PINHEIRO, 2013, P.15)

A região nordeste brasileira também é um importante polo do RAP nacional, a cultura do repente, que nasceu no século XIX, na região de Teixeira na Paraíba, foi trazido a São Paulo por migrantes nordestinos. Influenciou, direta ou indiretamente, rappers e MC's a atuarem de modo coletivo, musical e rimado, a exemplo do desenvolvimento das Batalhas de Rima improvisadas de MC's. Essa variação folclórica de ritmo e poesia também foi popular no Rio Grande do Sul, onde era chamada de trova, difundida amplamente por homens e mulheres.

A influência da história e da cultura local de cada Estado do Brasil sobre as atrizes e os atores do Movimento, fez com que a Cultura Hip Hop nacional criasse características específicas de narrativas, ritmos e saberes compartilhados nos seus elementos DJ, MC, Graffiti e Breaking. A partir dessa mistura, ocorrem importantes trocas de saberes interestaduais, potencializando a transdisciplinaridade, conhecida como 5º elemento da Cultura Hip Hop, o Conhe-

cimento, que de modo imaterial fez nascer algo único, o original Hip Hop Brasileiro.

A Cultura Hip Hop no Brasil tem a característica de ser uma estratégia cultural do Movimento Negro e social de periferia, suas atividades vão além de apresentações e espetáculos, com forte engajamento na educação e formação cidadã da juventude pobre em todo país.

As juventudes provenientes de comunidades da diáspora africana, deportadas e escravizadas em diferentes locais do mundo, como a afro-americana e a afrobrasileira, encontraram na cultura maneiras de recriar suas respectivas tradições musicais. Em seu proveito, utilizam as formas de reprodutibilidade técnicas da arte de modo a traduzir para a poesia do rap, do grafite, do recorte e colagem e da dança do break as angústias e revoltas vivenciadas em seus guetos e favelas. (FERREIRA, 2012 pág.162)

Há três décadas no país, os elementos do Hip Hop são estratégias de oficinas socioeducativas para jovens pobres e de periferia, que não encontraram na educação formal, a possibilidade de desenvolverem a cidadania e um futuro promissor. Em 29 de julho de 1999, na cidade de Diadema em São Paulo, foi fundada a primeira Casa da Cultura Hip Hop da América Latina. Considerada a Casa Mãe, foi conquistada a partir da reivindicação e da luta árdua dos mesmos jovens que, nos anos 1980, ocupavam a 24 de Maio e o Metrô São Bento. A Prefeitura Municipal de Diadema transformou um dos muitos Centro Juvenis existentes da cidade na Casa da Cultura Hip Hop, por conta da enorme demanda da cultura na localidade.

Os cursos oferecidos pela entidade englobam todas as áreas do Hip Hop: Break, Grafitti, MC e DJ. Além do Hip Hop, a casa oferece cursos como capoeira, teatro de bonecos infantis, pintura em tela para adultos, circos infantis, entre outros. A casa serve, ainda, como palco para diversos artistas nacionais e internacionais. Hoje, existem mais de 50 Casas da Cultura Hip Hop espalhadas por outras cidades e estados, com diferentes formas de gestão. Por exemplo, as de Mogi das Cruzes e as regionais de São Paulo, atreladas diretamente ao poder público; já as de Esteio e Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, Criciúma em Santa Catarina, Salvador na Bahia e Teresina no Piauí, atuam de modo independente, autogerido e sustentável, entre muitas outras, todas seguindo a iniciativa vinda de Diadema.

Os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos da nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais. Muito do conhecimento emancipatório produzido pela antropologia e educação no Brasil se deve ao papel educativo desempenhado por esses movimentos, que indagam o conhecimento científico, fazem emergir novas temáticas, questionam conceitos e dinamizam o conhecimento (GOMES, 2017, p.16-17).

A preocupação de resgate, reconhecimento, multiplicação, equilíbrio e transformação do quadro social e cultural, sempre foi da periferia para periferia, e assim foi exemplificado no trabalho da Central Única das Favelas, a CUFA. Esta organização surgiu em reuniões de jovens de várias comunidades do Rio de Janeiro, idealizada por Celso Athayde, MV Bill, Nega Gizza e muitas outras e outros, no dia 14 de novembro, Mês da Consciência Negra, no ano de 2000, quando foi realizada a primeira edição do Prêmio Hutúz, maior premiação do Hip Hop latino-americano. A CUFA prospectou e construiu um novo e melhor futuro para as juventudes das favelas brasileiras que, por meio da Cultura Hip Hop, encontraram a possibilidade de serem vistas e respeitadas pelos seus talentos, apresentando-se como soluções das problemáticas sociais e não mais como anomalias urbanas, criando e possibilitando saídas para as adversidades cotidianas, como crime e tráfico.

No Estado do Rio Grande do Sul, podemos sinalizar praticamente quatro décadas da Cultura Hip Hop, nas várias regiões do Estado com suas idiossincrasias, estamos iniciando uma pesquisa mais aprofundada dessas Histórias para a construção do acervo do Museu da Cultura Hip Hop do RS, mas ainda não há um mapeamento completo. Contudo, podemos destacar algumas entidades que fizeram e fazem essa História: Instituto Trocando Ideia, Restinga Crew, ALVO Cultural, Embolamento Cultural, Galpão Cultural, Casa de Hip Hop Fluência e Associação da Cultura Hip Hop de Esteio.

A partir do fim da primeira década do novo milênio, em várias cidades do Brasil, mas especialmente no Rio Grande do Sul, foram aprovadas Leis que obrigam o investimento e a colocação da Semana da Cultura Hip Hop no calendário das Prefeituras Municipais. Essas Leis aprovadas em muitas cidades do Estado, foram fundamentais para a criação de espaços de organização e para o financiamento das atividades realizadas pelos ativistas, artistas e educadores da Cultura Hip Hop.

A Associação da Cultura Hip Hop de Esteio (ACHE), na qual sou Coordenador Pedagógico e de Oficinas, desenvolve sua atividade desde 2012 no Município de Esteio, incentivando, promovendo, produzindo e executando atividades relacionadas às várias áreas artísticas e de transformação social ligados à Cultura Hip Hop. Nos primeiros cinco anos de atividades, foram realizadas oficinas de Hip Hop em Escolas, Batalhas de MC's, capacitação e formação de ativistas da Cultura e uma ampla mobilização na cidade para realização das Semanas da Cultura Hip Hop de Esteio, após a Lei ser aprovada em 2011.

AACHE conquistou um espaço para realizar suas atividades no fim de 2017, chamado Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (CCHE), o primeiro espaço do gênero no Sul do país

e o maior em metros quadrados da América Latina. Nos anos de 2018 e 2019, desenvolvemos Oficinas 5 Elementos do Hip Hop (DJ, MC, Graffiti e Dança) para pessoas acima de 10 anos de idade no contraturno escolar ou após o trabalho, de maneira gratuita, no primeiro ano com financiamento do Ministério Público do Trabalho e no ano posterior, da Organização Internacional do Trabalho (entidade ligada à Organização das Nações Unidas). Além de oferecermos Oficinas, também possibilitamos atendimento psicológico, formatação de currículos e promoção de estágios para jovens em empresas de Esteio.

Nestes dois anos, realizamos eventos de Hip Hop, como batalhas de MC's e de Dança, Semana do Hip Hop de Esteio, Troca de Saberes e Celebrações gratuitas para mais de 2 mil pessoas, tal como a de inauguração da CCHE e dos aniversários de 1 e 2 anos. Em 2019, também fundamos a Universidade Popular dos Movimentos Sociais - Vozes da Periferia, realizamos em parceria com o Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos (IACOREQ) e a Fundação Escola Superior do Ministério Público (FMP), o primeiro curso de formação para Militantes dos Movimentos Sociais, chamado UPMS - Vozes da Periferia. Para finalizar, neste mesmo ano, iniciamos o projeto Hip Hop Alimentação, com intuito de apoiar as comunidades carentes de Esteio com cestas básicas, formações, formatação de currículos e encaminhamento para empregos em empresas da região.

Em 2020 e 2021, devido à pandemia da Covid-19, não fizemos atividades presenciais na CCHE, seguindo os protocolos sanitários; porém, realizamos projetos como Oficinas e Atendimentos Psicológicos no formato online. Tivemos como financiadores em três cursos diferentes no decorrer destes anos, o Ministério Público do Trabalho de São Paulo, a Fundação Oswaldo Cruz e o Instituto Federal do Sul Rio-Grandense (IFSUL) - Campus Sapucaia do Sul. O projeto Hip Hop Alimentação teve apoio do Ministério Público do Trabalho do Rio Grande do Sul e conseguiu distribuir mais de 40 toneladas de alimentos e insumos de combate à pandemia.

Em 2021, com o objetivo de construir o primeiro Museu da Cultura Hip Hop do Rio Grande do Sul (MCHHRS), realizamos uma pesquisa Histórica e Antropológica sobre a Cultura Hip Hop do Rio Grande do Sul, em parceria com o Instituto Fidedigna e financiado pelo Ministério Público do Trabalho. Realizamos fóruns online com artistas e militantes do Hip Hop do Estado, divididos em suas 9 regiões. Ainda, buscamos junto ao Governo do Estado e à Prefeitura de Porto Alegre, um espaço para desenvolver o Museu, assinamos, em setembro de 2021, um comodato de 20 anos com a Prefeitura de Porto Alegre, assumindo o espaço da antiga Escola Osvaldo Aranha, na Vila Ipiranga.

Com a diminuição dos riscos e a vacinação da maior parte da população contra a Covid-19, no ano 2022, retomamos as atividades na Casa da Cultura Hip Hop de Esteio, com um projeto em parceria com IFSUL - Campus Sapucaia do Sul, para a realização das Oficinas 5 Elementos do Hip Hop e Atendimentos Psicológicos. Além das Oficinas na CCHE, este projeto também contemplou Oficinas na EMEF Justino Camboim, em Sapucaia do Sul e dois cursos da UPMS-Vozes da Periferia, no Campus Sapucaia do Sul do IFSUL. Neste ano, em parceria com o Festival Rap in Cena, foram arrecadadas e doadas 100 toneladas de alimentos em Esteio e região.

Em 2022, desenvolvemos o Projeto Na Estrada, financiado pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul, que realizou uma busca ativa nas 9 regiões do Estado, para arrecadar doações e catalogar acervo histórico das pessoas que fizeram e desenvolvem a Cultura Hip Hop, com o objetivo de construir a exposição do MCHHRS. Em cada região, foi realizada uma celebração com apresentações artísticas e depoimentos, que para além da catalogação museológica, em muitos locais, funcionou como uma reativação da cena Hip Hop e das pessoas envolvidas.

Com a parceria do Instituto Fidedigna, este projeto também realizou uma pesquisa de impacto social do Museu junto à comunidade da Vila Ipiranga. Ainda neste ano, desenvolvemos o Projeto Museu Mais Cores, com o objetivo de reformar o Espaço da Escola para adequá-lo para ser o MCHHRS, com financiamento da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Além das adequações, foi realizada a grafiteagem dos muros, da quadra e da empena do Museu. Como contrapartida, foram realizados 3 eventos culturais e formativos, envolvendo os 5 Elementos da Cultura Hip Hop (Dança, Graffiti, DJ, MC e Conhecimentos): apresentações de artistas, oficinas, batalhas de rap, dança e grafitegens, com representantes de todas as regiões do Estado do Rio Grande do Sul, as pessoas foram escolhidas por meio de editais de seleção, buscando a equidade de gênero, raça, elementos do Hip Hop e região do Estado.

A ACHE conta com uma grande rede de parceiros solidários da sociedade civil, entidades filantrópicas, instituições e institutos de arte e cultura, instituições de ensino superior, dentre outros, o que garante que o projeto tenha continuidade e cada vez mais novos adeptos e multiplicadores do mesmo.

Acreditamos que a aprendizagem está diretamente conectada à prática, assim, para além das oficinas, desenvolvemos projetos culturais para que os jovens possam dar sequência e se mantenham ativos no Hip Hop. Nós temos como missão a autonomia financeira de nossos projetos, o que por sua vez garante a continuidade sem a necessidade de alianças que não contribuem para a manutenção desta prática sustentável de trabalho.

### 3.2 – Educabilidades Sentipensantes na luta Antirracista e Decolonial

#### A COISA TÁ PRETA

(Vamo nessa!)

Ei, pela minha raça não tem amor  
Lava a boca pra falar da minha cor  
Se eles quiser provar do sabor  
Peça benção pra bater no tambor  
Nunca age, nunca fala  
Que a melanina vira bengala  
Só porque fugimos da senzala  
Querem dizer que nóiz é mó mala  
Abre alas, tamo passando  
Pólicia no pé, tão embaçando  
Orgulho preto, manas e manos  
Garfo no crespo, tamo se armando  
De turbante ou bombeta  
Vamo jogar, ganhar de lambreta  
Problema deles, não se intrometa  
Óia a coisa tá ficando preta

Essa batida faz um bem, diz da onde vem  
Corpo não para de mexer da até calor  
É vitamina pra alma, melanina tem  
E todos querem degustar desse bom sabor

Vamo, vamo, vamo  
Sem corpo mole, mole, mole  
Tamo no corre, corre, corre  
A coisa ta preta, preta  
(SAPIÊNCIA, 2017)

Foto 1 - Clipe “A coisa tá Preta”, dança



Foto 2: Clipe “A coisa tá Preta”, expressões e rostos



O clipe da música “A coisa tá Preta”<sup>7</sup> do MC Rincon Sapiência, inicia mostrando imagens do nascer do Sol em um Complexo Habitacional (COHAB), típico das grandes cidades brasileiras e logo em seguida mulheres e homens negros vestindo roupas coloridas com vários desenhos, nitidamente com características africanas. Como em todas as periferias do Brasil, o famoso “areião”, campo de futebol sem grama, é o palco para negras e negros jovens, que no vídeo dançam com harmonia em um ritmo, (Fotos 1 e 2) que mistura o “boom bap” do Rap com a batida do Funk. As africanidades brasileiras estão caracterizadas pelos movimentos dos quadris provocativos, roupas coloridas e alegres, pinturas e piercings nos rostos, junção de pessoas e os sorrisos brilhantes.

Ao trabalharmos com arte na educação, possibilitamos o entendimento e engajamento por meio de sentimentos e emoções; a arte por si só gera sentimentos de alegria, tristeza, identidade, carinho, terror, aflição, etc. A Cultura Hip Hop é provocadora em sua estética e conteúdo, questionada por meio do Sentipensar a história e cultura única: que valoriza o mundo branco europeu capitalista. Conhecer o mundo por outras/nossas vozes exigem outras metodologias e o Sentipensar deve ser incentivado para uma educação mais humana, coletiva, horizontal e com respeito.

Afrocentrado, o MC utiliza o codinome (vulgo, apelido, tag) Sapiência, porque ele sabe e tem uma postura em relação aos seus conhecimentos, faz questão de fortalecer a sua visão de mundo com ética, estética e conteúdo, por meio do Sentipensar da música e das

---

<sup>7</sup> Assista ao vídeo [A Coisa Tá Preta](#), para melhor compreender as potências das Educabilidades do Hip Hop no combate ao racismo.

imagens do vídeo: não aceita o racismo, tem orgulho preto do garfo no cabelo crespo, do cabelo armado (Black Power), do turbante, da bombeta (boné), da ousadia no futebol com seu drible lambreta (SAPIÊNCIA, 2017), que inclusive, ultimamente, essas jogadas artísticas estão sendo proibidas no futebol europeu, assim como as roupas e cabelos também sofrem muito preconceito em todo mundo.

Ao assistirmos ao clipe, percebemos a confiança, poder, alegria, conhecimento, ma-landragem das ruas, colorido das roupas, ritmos, desenvoltura nos movimentos, beleza negra, autoestima e orgulho das periferias por meio dos protagonistas do clipe (Foto 3).

Foto 3: Clipe “A coisa tá Preta”, protagonistas



O vídeo é todo filmado em uma COHAB, com participação exclusiva de pessoas negras, cantando a exaltação do mundo preto como postura de vida e resistência. Além disso, critica o racismo das palavras, dos olhos, das roupas e da polícia.

A Cultura Hip Hop tem a capacidade de sair do senso comum, do que sempre é mostrado e da visão preconceituosa quando dá protagonismo aos excluídos; em verdade, ela ressignifica o entendimento das vidas e Histórias das pessoas da periferia, criando e recriando uma visão de mundo potente na valorização da beleza da luta de negras e negros para vencer toda a colonialidade que impera na sociedade brasileira.

a certo componente discursivo em prol da resistência (individual e/ou coletiva) às adversidades, que temos observado em mensagens que narram histórias pessoais de logro e superação, a despeito das dificuldades da vida em situação vulnerabilizada.

Neste sentido, parece conformar-se um código moral, com destaque à valorização de não violência, respeito à comunidade de origem, militância aguerrida e/ou suposta firmeza de caráter, dentre outros.(PINHEIRO, 2013, P.9-10)

É por isso que exploramos as Educabilidades da Cultura Hip Hop no Ensino de História Antirracista, pois as quatro décadas de criações nos vários elementos, são conteúdos potentes para perceber as “outras/nossas” visões da História. Acreditamos que reler as Histórias dos colonizadores seja importante, mas nosso tempo é curto, melhor é irmos certos nas Histórias que estão sendo contadas pelos colonizados, percebendo o quanto somos ousados e criativos para nos desprendermos dos controles epistemológicos do sistema colonial. No sentido de escaparmos dos calabouços da pedagogia como espaço de poder e controle, decidimos pela palavra “Educabilidades” para entendermos as múltiplas possibilidades de construções cognitivas e corpóreas que a Cultura Hip Hop pode promover. Felipe Gustsack, em sua tese “Hip-Hop: Educabilidades e traços culturais do movimento”, definiu “Educabilidades” como:

conhecimentos e modos de construí-los que se produzem a partir das relações humanas possíveis dentro dos limites de ações sociais mais abertas do que aquelas reguladas por instituições formais como a escola. Neste sentido, são saberes ‘transinstitucionais’, e portanto ‘trans-escolares’. Afinal, como ocorre com os processos de ensinoaprendizagem escolares, as educabilidades também se constituem do que eu não sei (desconhecidos), do que eu vou dizer (dúvidas – incertezas – imaginações), das palavras ditas por outras pessoas (pré-construídos – outras presenças – diálogos) e do que posso definir aqui-agora, refletindo de maneira relacional e aberta dentro dos limites desta cultura (certezas provisórias) em que a escola é uma das instituições formadoras. São conhecimentos e modos intensos de construí-los que fazem as cores, palavras, gestos, traços, imagens e atitudes (2002, P.33).

Muitos dos conteúdos e conceitos trabalhados em sala de aula fazem muito sentido nas lógicas curriculares pedagógicas, pois no futuro serão cobrados em provas de concursos, vestibulares e testes para avaliação do ensino das próprias escolas e dos ensinos particulares, municipais e estaduais. No entanto, são distantes das vivências e conhecimentos da vida em família e nas comunidades das educandas e educandos. E essa dificuldade de relação entre as necessidades institucionais curriculares e da vida é o dilema a ser vencido, e isso faz parte dos questionamentos de intelectuais da educação há muitas décadas no Brasil.

O preconceito e a discriminação das Culturas e Histórias que constituem as identidades das populações periféricas criaram as barreiras para manutenção desse distanciamento. Propomos a valorização dessas Culturas e Histórias, não como uma questão de gosto pessoal,

entendendo que o trabalho das educadoras e educadores só pode ser transformador e fortalecedor da autoestima, se for coletivo. Felizmente, hoje, temos leis constitucionais e diretrizes educacionais que combatem esses preconceitos e fortalecem a superação das discriminações, mesmo não sendo suficiente para que a transformação se dê na prática, de modo geral. Porém, não há dúvidas de que está possibilitando muitos avanços em vários campos da educação e da pesquisa e, dependendo dos rumos da política brasileira, temos boas possibilidades de um futuro de valorização dos conhecimentos e práticas dos Povos Originários da América e de África.

As Educabilidades da Cultura Hip Hop transcendem as habilidades consagradas pela pedagogia; elas não possuem um direcionamento positivista e industrial, exclusivamente voltado ao trabalho e ao desenvolvimento dentro da lógica da sociedade competitiva e capitalista. Gustsack organiza as educabilidades em expressivo-identitários, ético-estéticos e sócio-políticos.

A cultura (a indústria cultural transformada) invade os nossos textos, os nossos ‘muros teóricos’, os nossos seres como ‘sujeitos explicáveis e explicados’, iluminando-os como se fossem os últimos espaços proibidos para que as pessoas possam exercer seus poderes e desafiar seus limites conquistando, grafitando ali as marcas da sua expressão, das possibilidades do seu poder ser mais. Estas são educabilidades expressivo-identitárias de nossa época, imagino, porque nos identificam no espaço-tempo do aqui-agora. (GUSTSACK, 2002, P.79)

As expressões dos seres humanos estão relacionadas à ideia de movimento, como o balanço de partes do corpo, gestos, vozes, olhares e toques, que configuram sentidos e ideias a serem transmitidas, com objetivos e necessidades. As interpretações das expressões são variadas, conforme espaço-tempo; portanto, a dúvida, a incerteza e a imaginação também são partes integrantes, mas quem expressa calcula e quer atingir seu objetivo, assim, negocia com a cultura para saciar a sua necessidade de se comunicar.

A construção social popular ao longo do tempo, cria nas relações sociais, códigos de expressões que a naturalização e a repetição de tais símbolos e expressividades configuram as identidades, diferentes da construção burguesa do Estado-nação, pois comporta as ecologias sociais de comunidades específicas e suas configurações culturais e históricas têm sentidos e interesses que vão além do institucional.

O garfo no cabelo crespo, a lambreta no futebol, a benção no tambor e o turbante das mulheres negras são Educabilidades expressivo-identitárias, destacadas nas imagens e nos versos da música do MC Rincon Sapiência, que temos o dever de trabalhar nas escolas. Esses

elementos podem ser valorizados e trabalhados em sala de aula como busca de expressões e códigos identitários das populações negras e periféricas no combate ao racismo.

A COISA TÁ PRETA (continuação da letra)

Ritmo tribal no baile nós ginga  
 Cada ancestral no tronco nós vinga  
 Cada preto se sente Zumbi  
 E cada preta se sente a Nzinga  
 Pinga, quica, pinga, quica  
 Querendo uma brecha, toma bica  
 Misturou, mas a essência fica  
 Açúcar mascavo adocica  
 Sangue de escravo não, pulei  
 Vou um pouco mais longe, sangue de rei  
 Na onda do stereo, história prolongo  
 Não rola mistério, sou Manicongo  
 Ei, DJ, ferve mil grau  
 Arame, cabaça, pedaço de pau  
 Que nem capoeira fechou, berimbau  
 A coisa tá preta, ó que legal

Se eu te falar que a coisa tá preta  
 A coisa ta boa, pode acreditar  
 Seu preconceito vai arrumar treta  
 Sai dessa garoa que é pra não moiá  
 (SAPIÊNCIA, 2017)

Os jovens das periferias se interessam por ritmos e estéticas tribais, assim, retomam os rastros e traços ancestrais e suas formas de expressão e cultura, admitem que misturou, mas a essência fica. Quando buscamos entender qual era a ética de Zumbi e Nzinga, percebemos que temos muito em comum: resistência, luta, negritude, anticolonialismo, estratégias, orgulho da cor, sabedorias ancestrais e coletivismo. Podemos trabalhar as características das educabilidades ético-estéticas com as educandas e educandos, como mutabilidades, recursividade, apropriação, dialogicidade, midiaticidade, negatização, autopoietica, efemeridade, vivencialidade e territorialidade, que são expressos na Cultura Hip Hop como um todo (GUSTSACK, 2002, P.130-136).

Assim, falar de educabilidades ético-estéticas é falar de conhecimentos, de cultura e das práticas que os instituem como sendo a favor de algo, contra algo e para além de tudo isso. As letras de rap, como as demais elaborações artísticas dos hip-hoppers, carregam uma dose muito forte de desafios: é a vida dentro da cultura. Cultura dos desafios presente nas danças dos B-boys, nos traços dos Grafites, nos gritos e na verbosidade dos MCs, e minha, e nas descontinuidades rítmicas e harmônicas propostas pelos DJs. Os desafios que os rappers fazem aos instituídos e à sociedade de um modo geral são também os desafios que enfrentam ao assumir a responsabilidade de cons-

truir sentidos (viver suas histórias) e as formas com as quais podem apresentá-los. É a cultura dos desafios, o desafio às outras culturas ou educabilidades éticoestéticas em movimento? (GUSTSACK, 2002, P.114)

A ética desenvolvida pelas pedagogias positivistas está ligada ao colonialismo católico e capitalista. No ensino de História, é fortalecida nas definições do que é progressista e atrasado; portanto, as invenções da modernidade europeia desenvolveram uma ética racista, machista, homofóbica, classista e etarista, estabelecendo o que e quem faz parte da “nobreza”, incluindo os conhecimentos filosóficos, epistemológicos e pedagógicos. A música questiona a ética desses conhecimentos, afirmando que se “a coisa tá preta, a coisa tá boa” e que “seu preconceito vai arrumar treta” (SAPIÊNCIA, 2017).

Movimentos de pessoas negras há anos debatem o racismo como estrutura fundamental das relações sociais, criando desigualdades e abismos. O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro tão grande? No entanto, não devemos nos intimidar. A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas (RIBEIRO, 2019, P.7)

Nas imagens do clipe do MC Rincon Sapiência, o território da COHAB é ressignificado e a negatização da periferia caracteriza e fortalece a identidade de morar nos guetos, vivenciando ritmos e gingas do baile em que se quica e, também, se toma pinga. O sangue de escravo é efêmero, se pula, o que importa é a busca pelo reconhecimento do nosso sangue de Rei e Rainha (SAPIÊNCIA, 2017).

Os MC's desenvolvem uma identificação dialética com o espaço e o povo de seus territórios, onde ele os valoriza e destaca com sua arte, mas também é homenageado e identificado por meio do Graffiti (Foto 4) e do carinho de sua comunidade.

Foto 4 – Graffiti do MC Rincon Sapiência na COHAB 1/SP



São as mutabilidades de entendimentos e de intenções, associadas à recursividade rítmica, poética, corpórea e simbólica, que a Cultura Hip Hop acrescenta Educabilidades para desenvolvermos e fortalecermos novas/ancestrais/nossas éticas e estéticas nas escolas e fora delas.

As pessoas acabam tomando consciência: assumem novas atitudes. Assumir uma atitude significa modificar seu comportamento diante de, ou em relação à, alguma coisa. Implica conhecer algo e saber como se deu este conhecer para poder assumi-lo como seu diante do mundo. Atitudes integram as educabilidades sócio-políticas...Atitudes, paixões e consciência são aspectos importantes da personalidade humana e da identidade de cada um. Outro exemplo da paixão com que os hip-hoppers do mundo inteiro se vinculam com as suas causas, com a cultura e com o movimento em si. (GUSTSA-CK, 2002, P.139-140)

Decolonizar é re-existir, existir e desenvolver resistência, é ter atitude, paixão, consciência de quem você é e representa, para entender o que quer e desenvolver as Educabilidades necessárias para conseguir o que deseja. A capoeira e o seu berimbau não possibilitam apenas Educabilidades ligadas à música e à dança, pois contam Histórias da resistência negra, fortalecem atitudes e desenvolvem a paixão pela ancestralidade africana e de seus descendentes que viveram e vivem no Brasil. Entender e reconhecer ser negra e negro, é muito difícil dentro de uma sociedade racista como a brasileira; combater o racismo, precisa de atitude, e as Educabilidades Socio-políticas que a Cultura Hip Hop desenvolve, são fundamentais na busca por uma sociedade mais justa e com equidade.

Aí reside, ainda, uma das grandes diferenças entre educação e educabilidades: as educabilidades se produzem com base em envolvimento emocional - afetivos - muito mais intensos do que a educação produzida nas escolas e mesmo de muitas outras formas de educação produzidas fora delas. (GUSTSACK, 2002, P.112)

Acreditamos que é fundamental Sentipensar as Educabilidades da Cultura Hip Hop, desse modo, podemos articular os conhecimentos e conceitos históricos com os saberes/rastros ancestrais dos Povos Originários da América e de África, assim como de seus descendentes na contemporaneidade.

Desenvolvemos por meio das plataformas culturais como músicas, graffitis, ritmos, letras, danças e vídeos, outras/nossas possibilidades de um ensino-aprendizagem, vinculando os conhecimentos necessários para compreender as habilidades institucionais do mundo capitalista industrial, com as Educabilidades da cultura e da vida em comunidade.

A Cultura Hip Hop tem um papel fundamental na construção ética e estética das periferias do Brasil e cada vez mais suas Educabilidades entrelaçam as ruas e as instituições culturais e educativas informais e formais da sociedade. Na continuidade do nosso trabalho revisamos como nas últimas duas décadas foram produzidas, em todo país, teses e dissertações que compreendem a importância das estratégias e Educabilidades da Cultura Hip Hop para a educação brasileira.

### *3.2.1 - Samples e Mixagem de conteúdos*

As inovações tecnológicas podem acrescentar qualidade nos encontros educativos de diversas formas, utilizando os suportes tecnológicos da televisão, celular, pen drive, internet, aplicativos e computador, além das tecnologias mais antigas, como o quadro branco, textos em papel, mapas e imagens impressas. No entanto, gostaríamos de destacar duas técnicas dos DJs da Cultura Hip Hop para indicar como um métodos ou recursos que podem ser desenvolvidas por educadoras e educadores nos encontros educacionais conhecidos na música como Sample e Mixagem . Nilton Faria de Carvalho em sua dissertação “DJs, remixes e samples: inovação, memória e identidades na linguagem híbrida da música nas mídias” define Sample como:

Esse tipo de citação torna possível selecionar determinado trecho de uma canção existente e reutilizá-lo como elemento construtivo, seja o sample um fraseado instrumental ou uma sequência rítmica, seja uma parte cantada. A tecnologia atual permite ainda ao disc-jóquei alterar a estética sonora do sample, modificar sua velocidade ou traba-

lhá-lo como desejar, inclusive usando-o em loop (para ser tocado repetidas vezes). Inseridos em uma nova música, esses fragmentos inovam a linguagem musical ao trazer uma série de complexidades à canção: misturam sons de vertentes distintas na geração de hibridismos, recontextualizam canções do passado no presente, mesclam identidades musicais variadas, evocam memórias musicais e demonstram como, no fluxo musical globalizado, os disc-jóqueis assumem diferentes posicionamentos para produzir sentido na cultura midiática de forma independente. (2016, p.68)

A Mixagem é a mistura de diferentes sonoridades por meio da computação, o RAP é uma produção eletrônica da Música Negra, que invariavelmente utiliza de referências do Funk, Soul, Jazz e Rock como ritmos e melodias que recebem as poesias dos Rappers. Atualmente no Brasil, muitos grupos brasileiros de RAP utilizam Sample de Samba, Baião, Rock nacional, Embolada, Capoeira, Milonga, etc, mixando com a batida Boom Bap do RAP para produzir suas canções. Artistas como Luiz Gonzaga, Bezerra da Silva, Originais do Samba, Jovelina, Tim Maia, Zeca Pagodinho, Belchior, Jorge Ben, entre outros, são sampleados nos RAPs nacionais.

Samba, então, nem se fala. Hoje já está bem clara a conexão do rap com a herança do samba de raiz e o espírito da malandragem consciente de bambas como Bezerra da Silva e Martinho da Vila ou gurus do suingue como Jorge Ben e os Originais do Samba – Xis até gravou participação no disco ao vivo destes últimos. “Para os manos que gostam de rap e de um samba do bom”, canta Jorge Aragão, e Leci Brandão já fez até uma canção intitulada “Para o Mano Brown”. O rap já não é o “filho bastardo” da cultura afro-brasileira. (PIMENTEL, 1997, P.26)

Na Cultura Hip Hop, o Sample e a Mixagem são a base musical para a criação dos RAPs nas primeiras décadas, principalmente, pela falta de condições financeiras de possuir instrumentos musicais e educação musical para tocá-los e, assim, criavam melodias para que pudessem serem expressadas poesias em cima de uma base sonora. A partir do começo dos anos 90, surgem grupos de RAP acompanhados por bandas de músicos; no entanto, até hoje, não é comum grupos com instrumentistas, são DJs predominam na criação e execução das melodias que acompanham as letras dos Rappers.

Carvalho destaca que “o sampleamento subverte discursos predominantes na indústria fonográfica e reforça a diversidade nas mídias”, além de fortalecer e homenagear as músicas antigas que foram retiradas das melodias ou falas de seus antepassados. As infinitas possibilidades de utilizar trechos instrumentais ou verbais de músicas possibilita uma reciclagem de conteúdos, podendo criar um mosaico verbal e sonoro. “Esses procedimentos fazem das artes

um ambiente caleidoscópico de concentração textual, em que elementos diferentes se cruzam, reciclam e se fundem constantemente”. (2016, p.68)

Assim, os samples que emergem de obras do passado podem ser apropriados de variadas formas e reeditados com base nos impulsos artísticos de mudança e inovação, em meio às tensões relacionais entre os significados musicais trazidos do passado ao presente. Essa característica é impressa na canção em especial por articulações subjetivas, abastecidas pelas experiências de vida que absorveram matrizes sonoras diversas e agora reconfiguradas como variantes estéticas num sentido dialético, que difere dos discursos hegemônicos de interesse mercadológico. (2016. p.75)

Ao samplearmos e mixarmos conteúdos e estratégias nos encontros educacionais, fazemos escolhas objetivas e subjetivas, assim, recriamos a História, a partir de pontos de vista definidos pela educadora ou educador. Não é necessário passar um documentário com um ponto de vista de um diretor externo, pode ser um trecho para não se tornar maçante, é indicado a criação a partir de seus conhecimentos e vivências de um roteiro, possibilitando diferentes dinâmicas para exposição de conteúdos, como uma peça de teatro, com interações com o público e utilização de múltiplas mídias e experiências. Hoje, há muitos canais no Youtube dedicados à História, que se utilizam destas técnicas no campo audiovisual.

A internet é uma ferramenta interativa preciosa, pois seus mecanismos de busca em diferentes plataformas possibilitam ampliar as exemplificações e aproximar o conteúdo apresentado aos conhecimentos trazidos pelas educandas e educandos, que são ávidos nas pesquisas na internet. Samplear trechos de vídeos e músicas para apresentar em aula, é um mecanismo que não é estranho aos jovens no seu cotidiano digital. Existem muitos aplicativos gratuitos para edição de fotos, vídeos e criação de músicas acessíveis para os jovens usarem sua criatividade. Os mediadores devem ter um roteiro, porém devem sempre abrir espaço, quando possível, para que a interação e debates possam ser ilustrados por vídeos, imagens, matérias jornalísticas e tudo que possa acrescentar para um aprofundamento nas reflexões dos temas trabalhados.

[...] certa construção de temporalidades, regimes de historicidade, espaço de experiência e horizonte de expectativa na atualidade e particularmente entre os jovens, onde paradoxalmente memória, nostalgia, entretenimento e presentismo mostram-se em conflituoso jogo, apontando tanto para idealizações quanto para reapropriações do passado [...] a busca pelo passado, por ícones da memória e dos patrimônios não precisam ser vistos exclusivamente ou necessariamente como um “passadismo” vazio e a-crítico, podendo apontar para outras formas de construir o presente e o futuro, inaugurando outros jogos entre as categorias temporais (PEREIRA, 2015, p. 104).

A pesquisa histórica vem ganhando força para construção de teorias e nos debates em redes sociais, pois cada vez está mais diversa, interativa e divertida, possibilitando variados pontos de vista e a defesa de diferentes teorias sobre um mesmo tema. As decorebas não fazem mais sentido, por isso, as educadoras e educadores de História são cada vez mais importantes para as interpretações e para construção de reflexão crítica sobre os conteúdos produzidos e difundidos largamente na rede mundial de computadores. É inevitável que dentro das instituições de ensino formal sejam trabalhados diversos temas contemporâneos, a partir das múltiplas plataformas existentes.

O Sample e a Mixagem possibilitam variações na estratégia pedagógica em um mesmo encontro educacional. Utilizando diferentes plataformas, como por exemplo, por meio da leitura coletiva de um texto, mixado a vídeos, imagens, mapas e debates, articulamos muitas formas cognitivas de interação e aprendizagem. Ao trabalharmos as Educabilidades da Cultura Hip Hop, temos essa múltipla possibilidade, fazendo uso de suas plataformas artísticas como o graffiti, vídeos clipes, apresentações de dança e letras de músicas.

As juventudes vivem o mundo das variações instantâneas por meio de cliques, as palestras perderam interesse nos espaços educacionais, sendo inevitável promovermos vivências mais complexas e instigantes como estratégias pedagógicas. Assim como na música, a mistura de trechos de produções culturais trazem referências e diversificam os conteúdos e reflexões. Sentipensar exige novas estratégias. Seguir um livro didático e a exaustiva necessidade de vencer conteúdos sem reflexão, não servem para construção de uma educação democrática, as juventudes precisam das bases propiciadas pela Escola e seus profissionais devem aprender a lidar com as novas técnicas de comunicação.

#### **4 – REVISÃO DE LITERATURA**

O Movimento/Cultura Hip Hop começa a ser desenvolvido no Brasil com bastante intensidade no final dos anos da década de 1980, tendo grande propagação e visibilidade nas principais capitais do país. O seu desenvolvimento dentro das periferias para além da arte e de sua organização juvenil e urbana, também começa a ocupar os espaços de educação e de readequação social de jovens e adultos infratores.

No final dos anos de 1990, começam a ser publicadas as primeiras pesquisas no Brasil que destacam a capacidade educadora e a identidade cultural do Hip Hop, nas mais diversas comunidades do país, em suas variadas plataformas, estratégias e necessidades. Nosso objeti-

vo nessa etapa do trabalho é demonstrar a importância que a utilização das Educabilidades da Cultura Hip Hop vem adquirindo no desenvolvimento educacional nas últimas décadas em todo território nacional e sua ampla produção acadêmica.

#### 4.1 – Os primeiros passos na Academia

Utilizamos, para apresentar as teses e dissertações da primeira década de trabalhos escritos que articulam a Cultura Hip Hop com a Educação, a revisão de literatura feita pela Doutora Geyza Rosa Oliveira Novais Vidon, em sua tese de 2014, intitulada “A narratividade do Hip Hop e suas interfaces com o contexto educacional”. A pesquisa de Vidon foi realizada em 2013 no Banco de Teses da Capes.

No estudo desenvolvido por Vidon, ela aponta como trabalho pioneiro, de 1996, a dissertação de mestrado de Elaine Nunes de Andrade “Movimento Negro Juvenil: Um Estudo de Caso sobre Jovens Rappers de São Bernardo do Campo”, dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP. Elaine também foi a organizadora do livro “Rap e educação, Rap é educação”, de 1999, obra importante na afirmação da potência da vinculação da Cultura Hip Hop com a Educação:

Os artigos constituintes dos capítulos desse livro foram pioneiros em suas pesquisas sobre rap e educação em diversas áreas de estudo, como sociologia, antropologia, história, artes, jornalismo, comunicação, letras e, claro, educação. Muitos desses pesquisadores, também, atuam em suas esferas sócio-discursivas através de práticas envolvidas com o rap e com o universo cultural do hip hop. (VIDON, 2014.P.21)

A pesquisa de Elaine foi fundamental, nesse primeiro momento, para possibilitar o entendimento das práticas que já vinham sendo executadas há mais de uma década nos centros educacionais. Em seu trabalho “Investigou-se o movimento Hip Hop, e a partir de uma observação participante, registrou-se os dados que justificaram a hipótese inicial, a de que um determinado movimento juvenil desenvolve uma ação educativa.” (VIDON, 2014.P.28)

A pesquisa de Vidon encontrou ao todo 18 trabalhos, divididos em teses e dissertações, entre os anos de 1999 e 2010, em estados do Sul, Centro Oeste, Sudeste e Nordeste do Brasil. Observa-se uma prioridade nos estudos sobre as letras de raps e suas possibilidades de desenvolver atividades em educação em várias áreas, com destaque para o letramento. Outro ponto importante são as questões de identidade cultural, pertencimento e a elevação da autoestima junto aos jovens periféricos.

No campo teórico, as questões mais recorrentes giram em torno de aspectos relacionados às identidades culturais dos sujeitos envolvidos, sua constituição social, histórica e ideológica, apresentando-se como referências marcantes os estudos culturais, discursivos e, claro, educacionais.

Um aspecto, no entanto, que parece unir o conjunto dos trabalhos resenhados acima é a ideia de que as práticas multilínguas, artísticas, políticas ou pedagógicas em que o movimento hip hop está envolvido constituem um lugar de resistência a uma ideologia individualista, excludente, e que tem no acúmulo de capital sua mola propulsora. (VIDON, 2014.P.38)

A Cultura Hip Hop, ao longo das últimas décadas, vem se desenvolvendo e ganhando espaço nos mais variados segmentos da sociedade. Na educação, os levantamentos de Vidon também apontam para um crescimento na utilização de suas Educabilidades e estratégias para o desenvolvimento cultural, artístico, psicológico e na autoestima de crianças, jovens e adultos. As universidades do Brasil estão reconhecendo esse potencial e ampliando o espaço para pesquisadoras e pesquisadores desenvolverem seus trabalhos, aliando a Cultura Hip Hop à Educação:

as pesquisas acadêmicas em torno do hip hop e do rap e suas repercussões no campo acadêmico e educacional, se intensificaram nos últimos anos, em especial a partir de 2007. Esse levantamento, ainda que incompleto, mostra, também, a diversidade regional de abrangência desses estudos, isto é, os trabalhos de pesquisa vão do sul ao norte-nordeste do Brasil, do Rio Grande do Sul ao Maranhão, passando por Paraná, Minas Gerais, Bahia, e, principalmente, São Paulo. Aliás, a maioria dos trabalhos é deste último estado, tendo sido realizados em instituições diversas, públicas ou privadas (Usp, Unicamp, Ufscar, Mackenzie, Universidade Metodista, Universidade de Sorocaba, Universidade São Judas Tadeu). A Faculdade de Educação da Unicamp, por este levantamento, é a que apresenta o maior número de trabalhos concluídos. (VIDON, 2014.P.36)

Grande parte desses trabalhos se vale de uma metodologia que inclui pesquisa bibliográfica, documental e etnográfica. Entre as estratégias mais utilizadas, estão as entrevistas e análises discursivas de documentos variados, como letras, músicas, vídeos, eventos gravados, fanzines, etc. (VIDON, 2014. P. 37)

#### **4.2 – A Cultura Hip Hop na Educação Formal**

Dando continuidade ao levantamento de dissertações e teses que articulam a Educação e a Cultura Hip Hop, foi realizada uma busca em janeiro de 2022, no Banco de Teses e Dissertações da Capes, utilizando o descritor “Cultura Hip Hop no Ensino de História Antirracista”,

com resultado de 1.367.059 trabalhos. Para objetivar nossa busca, foram selecionados os filtros dos anos de 2011 a 2021, área do conhecimento Educação, área de concentração e nome do programa Educação Escolar, chegando ao resultado de 388 teses e dissertações. Em uma análise detalhada, se destacaram 30 trabalhos que realmente desenvolveram o Hip Hop na sala de aula e, posteriormente, selecionamos 12 trabalhos com caráter antirracista, que utilizaram as Educabilidades da Cultura Hip Hop em sala de aula na Educação Formal.

Dos 12 trabalhos selecionados, 4 estão em consonância com parte do objetivo geral da nossa Dissertação: demonstrar de maneira teórico e prática como a Cultura Hip Hop estimula Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03. Pedro Henrique Parente de Mesquita, em 2018, em sua dissertação no Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) na Universidade Federal Do Rio Grande do Norte, intitulada “Nas batidas dos beats e na cadência do flow: Hip-Hop, Ensino de História e identificação Racial”, trabalhou com o ensino da história afro-brasileira dentro do complexo ambiente escolar diante da modernização do currículo, no qual se tem a obrigatoriedade de trabalhar o assunto dentro dos espaços de ensino (Lei 10.639/03).

Esse trabalho foi realizado por meio de uma oficina de História (Hip-hop, identidade e História), que aconteceu na escola EEEP Dona Creusa do Carmo Rocha, localizada na cidade de Fortaleza, no bairro Monte Castelo, no Estado do Ceará. A oficina possibilitou a criação de uma rádio e de trabalhos para Mostra Técnico, Científica e Cultural na Escola:

a proposta de nome para essa rádio seria rádio Griot, pois como foi apresentado na oficina, os Griots são os contadores de história que passavam o conhecimento através de narrativas para as tribos. O interessante é que uma grade inicial de programas já poderia ser desenvolvida, pois ao final da oficina a escola teve sua Mostra Técnico, Científica e Cultural, intitulada Saberes e diversidades. Os alunos que haviam participado da oficina produziram três trabalhos para serem apresentados na mostra: um que debatia a questão do movimento negro, outro que falava sobre a questão da implementação da lei 10.639/03 e outro que falava sobre a história do hip-hop. Esses trabalhos foram apresentados numa sala temática. Os alunos que visitaram a sala demonstraram um certo interesse a respeito dos temas apresentados. (MESQUITA, 2018, P.88-89)

Importante destacarmos a potencialidade das Educabilidades da Cultura Hip Hop na construção e criação de novas possibilidades na prática cotidiana das escolas. Ao criar uma rádio, as educandas e educandos desenvolvem seu senso criativo, autoestima, responsabilidade, protagonismo e utilizam o RAP como maneira de propagar as mensagens relacionadas à negri-

tude brasileira, assim como fizeram levando para a Mostra assuntos como Movimento Negro, a Lei 10.639/03 e a História do Hip Hop.

Também utilizando o RAP para o ensino dialógico das questões étnico-raciais, destacamos a dissertação de Michele Perciliano, intitulada “No ritmo e na rima: ensinando História e Sociologia a partir da música do rapper Emicida”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão, em 2018. Este trabalho discute e apresenta as possibilidades didático-pedagógicas do uso da música RAP como recurso didático no ensino de História, tomando como referência a obra do rapper brasileiro Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida. Suas composições mencionam e problematizam aspectos da história da diáspora africana e da história do negro no Brasil em diferentes períodos e contextos, tais como as revoltas escravas, o cotidiano da escravidão, a desigualdade social, a discriminação, etc.

O estilo musical selecionado para o trabalho com os alunos do ensino fundamental e médio foi o rap e hip hop. Tal escolha se deu em face da enorme aceitação que este estilo tem entre os adolescentes e jovens brasileiros, em especial dos que vivem nos grandes centros urbanos e suas periferias. (PERCILIANO, 2018, P.78)

A análise das canções foi feita por meio da leitura da historiografia sobre a História da diáspora negra no Brasil, bem como a partir dos autores ligados à denominada Nova História Cultural. Partindo da seleção de um conjunto de canções, produzimos uma sequência de atividades didáticas para ser utilizada pelos professores das disciplinas de Humanas, sobretudo História e Sociologia, em harmonia com a aplicabilidade da Lei 10.639/03 - que instituiu o ensino de História da África e cultura afro-brasileira na educação básica.

Grazielly Alves Pereira, em 2019, defendeu sua dissertação no Programa de Mestrado profissional em ensino de História (Profhistória), da Universidade Federal de São Paulo, intitulada “Resistências Afro-Brasileiras no ensino de História: A sala de aula e as letras de RAP”. A pesquisa analisou a relação de letras de RAP e ensino de História. O propósito foi o de investigar como as letras desse gênero podem ou devem ser consideradas meios e instrumentos pedagógicos para a sala de aula. O trabalho parte do pressuposto de que rappers são sujeitos históricos, que intercambiam saberes com a juventude periférica e que, portanto, constroem leituras de fatos históricos, a partir de pontos específicos: juventude negra e periférica, ressignificando seus lugares de fala e configurando singulares leituras sobre o passado.

As letras de música podem servir de fonte de pesquisa e compreensão de um determinado tempo e fatos históricos, em razão de sua relação intrínseca entre sujeitos e sociedade. Neste sentido, é possível afirmar que as letras de Rap representam uma importante fonte de debate sobre questões como juventude, periferia, negritude, desigualdade social e resistências. (PEREIRA, 2019, P.97)

Percebe-se, na análise das dissertações apresentadas, que a Educabilidade do Hip Hop na qual as educadoras e educadores melhor desenvolveram o Ensino de História Antirracista, foi a dialogicidade das letras e músicas RAP, devido às potentes reflexões sobre as questões étnico-raciais, históricas e cotidianas das periferias brasileiras. Precisamos de outras Histórias, novos pontos de vista e ritmos, que dão sentido ao ensino-aprendizagem para todas as pessoas que participam das atividades. A linguagem das juventudes, com gírias, estética própria e identitária das periferias, também são pontos a serem destacados para que se entenda o êxito dessa estratégia de utilização de letras e músicas RAP em sala de aula.

Além disso, relacionamos os saberes das letras com os saberes históricos dos alunos através de suas reescritas, onde confirmamos que adolescentes são sujeitos históricos que buscam compreender a realidade social em que estão inseridos ao relacioná-los com o passado através de dúvidas, ações, reações, indagações e posicionamentos. (PEREIRA, 2019, P.97)

Devido ao destaque das Educabilidades das letras e músicas RAP no ensino-aprendizagem na Educação Formal, vamos apresentar trabalhos realizados na área das linguagens, pela importância das estratégias e resultados demonstrados. Em 2011, Ana Silvia Andreu da Fonseca, em sua tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, “Versos violentamente pacíficos: o rap no currículo escolar”, justificou a didatização e a inserção curricular do rap nacional na grande área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Ensino Médio, sobretudo no tocante ao ensino de Língua e Literatura. A autora ressalta que o rap nacional tem ocupado um lugar de destaque na produção cultural urbana do Brasil enquanto gênero poético-musical, visto como a voz de uma maioria (jovens das classes C, D e E), que é frequentemente tratada, no discurso, como minoria.

Assim, as respostas às perguntas da pesquisa aqui empreendida são: (i) o rap nacional apresenta riqueza de linguagem e sofisticação poética (figuras de linguagem, de construção e de pensamento enquanto índices de interpretação das canções, rimas enquanto ritmo, intertextualidade temática, além de elementos que evoluíram a partir da tragédia ática e da crônica) – de uma perspectiva discursiva e multiculturalista, portanto, grande parte da produção de nosso rap não pode ser considerada —pobre em

termos poético-linguísticos –; e (ii) a utilização do gênero em questão no Ensino Médio, na grande área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, pode muito colaborar para uma compreensão crítica de problemas do mundo contemporâneo, sobretudo no que diz respeito à percepção de quais são os fatores que mais têm contribuído com a violência urbana. (FONSECA, 2011, P.224)

A questão foi analisada de uma perspectiva qualitativa-interpretativista. A expectativa de Sílvia é que idealizadores de currículo, produtores de materiais didáticos, professores e formadores de professores, a partir da leitura deste trabalho, possam se convencer da contribuição do rap nacional ao currículo de Língua Portuguesa do Ensino Médio, tanto em escolas públicas, quanto em particulares.

Em sala de aula, essa produção híbrida – ao mesmo tempo popular e de massa – pode contribuir, como espero ter conseguido demonstrar ao longo deste trabalho, tanto em termos de forma – materialidade linguística – quanto de conteúdo. (FONSECA, 2011, P.224)

Geyza Rosa Oliveira Novais Vidon, em 2014, já citada anteriormente, problematiza o espaço escolar enquanto lugar de reprodução da ideologia hegemônica, analisando o projeto “Escola de Rimas”, como movimento de resistência e ressignificação cultural na escola; ela percebe a potencialidade da Cultura Hip Hop como conteúdo e estratégias que fortalecem os conhecimentos populares e comunitários, valorizando as vivências das educandas e educandos:

o Hip Hop se coloca como um grande parceiro no desenvolvimento e na construção da cidadania entre os adolescentes em situação de exclusão social. Além de resgatar a autoestima dos sujeitos envolvidos por ele, pois essas práticas viabilizam o espaço da criação, da escuta e do cuidado de si e dos outros, a esperança é resgatada, o inédito viável, conforme Paulo Freire, é aplicado, experimentado e compartilhado de forma real e concreta. (VIDON, 2014, P.170)

A autora dimensiona o debate das culturas marginais nos contextos educativos, voltando-se para os sujeitos e suas experiências narrativas, avaliando a interação de algumas de suas práticas discursivas com o processo de ensino-aprendizagem. O trabalho defende que o espaço escolar como espaço de disputas é ressignificado, com a introdução de outras práticas discursivas e culturais, entre elas o Hip Hop, que apontam para a necessidade de ouvir responsiva e responsabilmente as narrativas dos educandos, contribuindo, assim, para a formação crítica desses sujeitos e enfrentando, ao mesmo tempo, práticas de exclusão historicamente instituídas.

Outro trabalho importante é a dissertação “Hip-Hop: rompendo os extramuros da escola para multiletramentos”, defendida na Universidade Estadual de Londrina em 2015, escrito por Elaine Cristina Pinheiro. Ela defende a importância de uma pedagogia dos multiletramentos que considere a multiplicidade semiótica de constituição dos textos, por meio dos quais, as pessoas das diferentes camadas sociais se comunicam. O contexto empírico da pesquisa foi uma escola pública do norte do Paraná, envolvendo de forma mais específica, uma turma multisseriada dos anos finais dos Ensinos Fundamental e Médio. Os resultados evidenciaram que o trabalho didático com foco nos discursos emergentes nas práticas sociais inseridas no movimento cultural Hip-Hop, por muitos considerado “periférico”, por envolverem apreciações ideológicas resistentes a essas práticas, uma vez apreciados ética e esteticamente como expressões culturais, podem constituir objetos de estudo pelos quais se desenvolvem capacidades de linguagem.

Ao término da pesquisa podemos dizer que a canção de rap não se sobrepõe os letramentos institucionalizados, mas ela também se institucionaliza como outros textos presentes na escola, elas têm o mesmo valor por isso precisa ser respeitado e trabalhado, o professor enquanto mediador mesmo que não goste ou tenham preconceito em relação ao estilo da canção precisa estudar, conhecer e aplicar novos conhecimentos para os seus alunos.

Acreditamos que no processo de geração de dados e leitura de textos sobre o movimento hip-hop nos trouxe muitas aprendizagens, se havia algum resquício de preconceito em relação aos “manos” e as “minas”, foi totalmente extinto com esse processo, sem dúvida não apenas os alunos se desenvolveram mais nós também enquanto pesquisadoras aprendemos muito. (PINHEIRO, 2015, P.145)

Cristina Santos da Conceição Ramos, em sua dissertação de 2016, “O ‘RAP’ na sala de aula, uma proposta de leitura e escrita em língua portuguesa”, defendida no Programa de Mestrado Profissional em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, propõe um conjunto de atividades que visam ao desenvolvimento das capacidades de audição, leitura e produção de textos, a partir de canções do gênero RAP. O trabalho foi direcionado a estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, fase em que o aluno precisa ser capaz de se posicionar criticamente em diversas situações sociais. Para compreender as características do gênero textual RAP, o aluno desenvolveu suas habilidades de percepção dos explícitos e implícitos nos textos das canções, principalmente os relacionados com o tema transversal Trabalho [e Consumo] dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A utilização do gênero rap no Ensino Fundamental de Língua Portuguesa pode proporcionar momentos de reflexão, entretenimento e leitura prazerosos e diferentes dos modelos tradicionais de estudos e compreensão de textos. O desenvolvimento de ati-

vidades com o gênero rap promove mais diálogo e interação entre alunos e professores, pois os conteúdos das canções abrangem reflexões sobre a vida do jovem e suas relações com os processos sociais. O rap também coloca em discussão temas que são pouco discutidos em sala de aula, como o trabalho, a segurança pública, os direitos e deveres civis, entre outros. (RAMOS, 2016, P.91)

Para finalizar os trabalhos ligados às Educabilidades das letras e músicas RAP, apresentamos uma dissertação desenvolvida em Caxias do Sul, defendida no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, pelo rapper, pesquisador e educador Jankiel Francisco Claudio, intitulado “O Hip Hop como contribuição para o aprendizado educacional na Escola Dante Marcucci”.

As letras de raps com teor de críticas sociais podem ser analisadas em sala de aula e interpretadas por cada um de acordo com suas realidades e aproximação do bairro/escola. Além disso, expõem essa desigualdade social, cenário em que muitos alunos e alunas se encontram. (CLAUDIO, 2018, P.112)

A pesquisa verificou a possibilidade de o Hip Hop ser instrumento didático para o reforço da Educação Formal. Foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da educação formal e não formal, a educação popular e libertadora de Paulo Freire ligado ao Movimento Hip Hop, às populações empobrecidas e ao fracasso escolar. O trabalho conclui que é possível acreditar que o Hip Hop pode contribuir para o aprendizado educacional, além de ressignificar a identidade dos jovens pobres e despertá-los para o engajamento no combate às violações aos direitos humanos e a possibilidade de “RAPensarmos” a educação.

Temos três trabalhos importantes no desenvolvimento da Educação Formal Antirracista que não foram elaborados especificamente na área da História, mas que trazem muitas Educabilidades da Cultura Hip Hop, que podem ser utilizadas em diferentes áreas do saber. O primeiro é de Valéria Paixão de Vasconcelos, em sua dissertação “Educação Étnico-Racial com Pedagogias Outras, Ações de Novas Perspectivas Educacionais e Interculturais”, de 2017, defendida no Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. A autora analisa as Práticas Pedagógicas para a educação das relações étnico-raciais, em estudos com alunos e professores de Ensino Fundamental de duas escolas do município de Nova Iguaçu, com a expectativa de reconhecimento da diversidade étnico-racial e da cultura brasileira, por meio dos aspectos da Lei nº 10.639/2003.

Em relação às análises dos aspectos relevantes para o entendimento da negritude por meio de experiências pedagógicas relacionadas à educação étnico-racial, implicadas

na lei 10.639, pode-se dizer que consegui alcançar, pois foram feitas, dentro do possível, reflexões teórico-metodológicas com base nas leituras e estudos realizados, permitindo perceber, em algumas imagens das atividades que fizeram, a transformação e o pertencimento nas circunstâncias de cor e identidade étnico-racial.

No que se refere às análises das experiências pedagógicas, fundamentando-se em conceitos como identidade étnico-racial e interculturalidade, também identifiquei o resultado como positivo, pois além do entendimento que passaram a ter houve a possibilidade de conhecimento de pedagogias outras, participando e desenvolvendo outros caminhos para os estudos e aprendizado. (NEPOMUCENO, 2017, P.110)

O trabalho está fundamentado em pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, trazendo, na perspectiva epistemológica pós-colonial, autores como Aníbal Quijano e Boaventura de Souza Santos, pensando, assim, em desconstruir fatores da colonialidade e fortalecer a decolonialidade. A pesquisa de campo foi realizada com procedimentos baseados na pesquisa-ação, abordando ações pedagógicas efetivas para que não haja o silenciamento que invisibiliza o racismo e todas as questões étnico-raciais com metodologias, visando à transformação social.

Para investigar se alunos que passaram pela formação para a educação das relações étnico-raciais, por meio de práticas pedagógicas realizadas para o grupo selecionado para o Programa Mais Educação, mudaram de postura diante do racismo, realizamos uma roda de conversa onde a pergunta chave foi “se eles achavam que as atividades que fizemos nas nossas aulas, trouxeram alguma mudança na vida de vocês? E quais?” Essa roda de conversa me mostrou que como, em pouco tempo, a juventude é capaz de absorver conceitos e conteúdos, trazendo a transformação de hábitos e rompendo com ideologias racistas. (NEPOMUCENO, 2017, P.110)

Na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 2018, Cristiane Correia Dias defendeu sua dissertação “Por uma pedagogia Hip-Hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica”. A pesquisa objetivou analisar em que medida as expressões estéticas do Hip Hop, em especial a dança Breaking, tenderiam a atualizar a tradição cultural afro-americana e afro-brasileira por meio de um olhar estético contemporâneo, como estratégia de luta e de fortalecimento sociocultural para a juventude negra e periférica.

Acreditamos que esta pesquisa identificou na dança breaking um potencial para uma formação justa, democrática e emancipatória, sobretudo para os (as) jovens negros (as) periféricos (as), ao desvelar toda a barbárie a que o negro foi submetido e ainda o é. Para tanto, foi necessário provocar o choque, por meio de experiências e narrativas no ir e vir entre o passado e o presente, gerando práticas educativas capazes de permitir tocar em feridas abertas, tornando possível, ao mesmo tempo, potencializar a criatividade dos (as) jovens, utilizando o Hip-Hop como um universo de possibilidades. (DIAS, 2018, P.175)

A proposta prioriza o desenvolvimento de habilidades e de competências necessárias para o desenvolvimento da juventude periférica, concebidas neste trabalho como “letramento de reexistência”. Ou seja, que propicie uma leitura crítica do mundo, com base em uma interpretação do corpo negro que se abre para uma afromemória.

Interseccionando as questões étnico-raciais e de gênero, Darlene Marina Vieira, em 2019, defendeu seu trabalho “Arte e Resistência: Mulheres Negras no Movimento Hip Hop do Grande ABC”, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. A autora diz que o lugar em que se encontra a mulher negra socialmente, é indispensável em todos os âmbitos.

as artistas têm a possibilidade de representação, expressão e conhecimento do mundo a partir dos seus olhares e vozes. Discutem assuntos referentes ao seu lugar (Grande ABC) e cultura de origem, no caso a cultura negra, enaltecendo o eu como protagonista de suas próprias histórias. São cientes do papel que desempenham no sentido de mudança, transformações em suas existências e dos seus pares. (VIEIRA, 2019, P.23-24)

Por meio de entrevistas com representantes do Movimento Hip Hop do Grande ABC, especificamente, ela verificou a trajetória e os enfrentamentos dessas mulheres nesse contexto e percebeu o caráter de resistência. A pesquisa possibilitou entender a motivação para que elas se tornassem parte do Movimento Hip Hop, bem como seu significado apontou as opressões sofridas pelas mesmas no dia a dia e, conseqüentemente, nesse enquadramento. Conclui que os desafios são muito grandes, mas há nas vozes delas, um sentimento de esperança de que as novas gerações de mulheres do Hip Hop serão protagonistas da Cultura, acreditando que a luta desenvolvida até hoje dará frutos no futuro.

Para finalizar esse levantamento de trabalhos que relacionam o Movimento/Cultura Hip Hop e suas Educabilidades junto à Educação Escolar, com destaque a Formal, é apresentado o trabalho de Renata Paula dos Santos Moura, de 2015, “Novos olhares, novas costuras...O Movimento Hip Hop e suas práticas educativas na Escola”, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Este estudo teve como objetivo analisar como as ações advindas do Movimento Hip Hop – espaço de produção e de transmissão de saberes – dialogam com a gestão da escola pública, refletindo, mais especificamente, as práticas educativas promovidas por meio do Hip Hop e de suas repercussões no cotidiano escolar.

Os movimentos sociais e os outros sujeitos são por nós vistos como espaços educativos, rompendo com essa lógica predominante na nossa sociedade que detém os saberes e os reconhece atrelados apenas ao espaço escolar, o que nos permite visibilizar as práticas e saberes não escolares e viabiliza a entrada desses outros sujeitos educativos na escola. A escola não é o único lugar —qualificado para transmissão de saberes e esses não devem ser apenas os conteúdos escolares associados ao currículo tradicional: os saberes estão presentes em outros espaços e permeiam outras ações e contextos. Portanto, tratamos de problematizar também a educação que ocorre fora dos muros da escola, nem sempre em sintonia com esta. (MOURA, 2015, P.155)

O trabalho de Renata propõe reflexões, a partir da interseção entre a educação não escolar e escolar - este espaço formativo que emana linguagens das juventudes e constitui sujeitos ativos em diferentes espaços, com os destaques os de arte e educação não formal e informal. Dentre as conclusões, ela enfatiza que ao estudarmos como as ações advindas do movimento Hip Hop dialogam com a gestão da escola pública, compreendemos que as relações que se estabelecem entre os jovens via Hip Hop, ocorrem por meio de momentos ricos de trocas, não só de conhecimentos, mas também de afeto e de experiências de vida. Além disso, a relação entre a cultura de rua e a escola só é possível com uma abertura para a comunidade, assim como para projetos sociais - que têm e/ou desenvolvem parcerias - ou em escolas com uma proposta diferenciada, que precisam, sobremaneira, do apoio decisivo da gestão escolar, o que é fundamental para que ocorram as ações, atuando como mediação entre escola e projetos.

#### **4.3 – Duas décadas de Cultura Hip Hop nas Academias Brasileiras**

Podemos evidenciar nesses levantamentos de teses e dissertações dessas últimas duas décadas, uma amostragem crescente de produções, que tem a Cultura Hip Hop como estratégia e prática importante para o Ensino nas suas mais diversas áreas. Também, ficou evidente a penetração lenta, mas contundente, dessas estratégias e práticas na Educação Formal, principalmente nas áreas da linguagem, educação física e das ciências humanas.

Em uma análise mais macro dessa revisão de literatura, percebe-se que a utilização da Cultura Hip Hop na educação está muito associada a sua ética e estética, aos seus pilares conceituais de Paz, União, Amor e Diversão Consciente. O Quinto Elemento do Hip Hop, o Conhecimento, é o que permite nas mais diferentes modalidades educacionais, criar a ponte para uma Educação Popular engajada com alegria e diversão. Por meio das realidades da rua trazidas pela Cultura, as crianças, jovens e adultos se integram ao entendimento da vida que tem relação com as suas realidades, aproximando os conhecimentos científicos formais

ensinados na escola aos saberes ancestrais das ruas e vielas.

Outro ponto a se destacar são os inúmeros trabalhos que utilizaram as Educabilidades da Cultura Hip Hop como elemento para o entendimento e debates no entorno da Educação Étnico-racial e de Gênero. A visão positiva das periferias, as críticas sociais e a valorização das protagonistas e protagonistas negros do Brasil estão propagadas nas diferentes produções artísticas da Cultura Hip Hop. Muitas referências e Histórias contadas nos RAPs não estão nos livros didáticos e são difíceis de serem contadas nas salas de aula.

Ficou evidente nesse compilado de trabalhos, que as letras de RAP são conteúdos e estratégias mais utilizados pelas educadoras e educadores que fizeram esses registros acadêmicos. Talvez, a palavra escrita ainda seja a mais valorizada dentro da Educação Formal, mas também pela alternativa de pensamentos e visões de mundo que a escrita Hip Hop possibilita. Além disso, a poesia e o ritmo dos RAPs dão brilho e alegria nessas contações de Histórias, ricas em metáforas e gírias que cercam o imaginário das juventudes de periferia.

Para finalizar, cabe ressaltar que nessas primeiras décadas, boa parte dos trabalhos acadêmicos tiveram grande preocupação em contar a História do Hip Hop, defendê-lo como possibilidade Educacional e teorizar sua utilização nas práticas escolares. No entanto, encontramos poucas sistematizações de práticas nas Escolas com plano pedagógico, realização das atividades e avaliação. Como contribuição para esse valoroso estudo de mais de duas décadas, vamos sistematizar no próximo capítulo a utilização das Educabilidades da Cultura Hip Hop no Ensino de História Antirracista em uma Escola Pública Municipal na periferia da cidade de Sapucaia do Sul.

## **5 – SOBRE O PERCURSO DA PESQUISA**

Como vimos, a Cultura Hip Hop é uma estratégia sentipensante de resistência, que foi organizada e produzida pelas populações oprimidas pela filosofia, cultura e armas do colonialismo. Acreditamos que as formas de re-existir dos últimos cinco séculos de conquistas europeias e da implementação da modernidade colonial capitalista, estão associadas às culturas populares, por meio das artes, religiões, jogos e rituais que se perpetuaram, mesmo com todas as opressões. Portanto, para desenvolvermos uma Educação Intercultural e Decolonial, devemos desaprender e aprender a aprender com os conhecimentos promovidos e defendidos pelos Movimentos Sociais e Populares, como a Cultura/Movimento Hip Hop.

La apertura a la cultura y la subjetividad de los actores sociales, propiciada por los enfoques cualitativos, también ha permitido reconocer y valorar otras racionalidades y lógicas diferentes a la analítica y cartesiana; la sabiduría popular, el saber cotidiano y la expresión estética, así como las sensibilidades y miradas generacionales y de género han ayudado a confirmar que el saber sobre lo social no es patrimonio exclusivo de la razón científica; por ello, otros lenguajes y narrativas de lo social son incorporados creativamente en estas investigaciones: la literatura, el cine, el video, la multimedia, el teatro y la expresión plástica intervienen, no sólo como medio de comunicación, sino como estrategia en la construcción misma del nuevo conocimiento social. (CARRILLO, 2004, p.69)

São evidenciados o preconceito e o desconhecimento da potencialidade do Sentipensar nos discursos de que a arte e a cultura não têm valor científico e racional para a educação. Além disso, as formas de ensino desenvolvidas pelas epistemologias positivistas buscam o controle dos corpos e uma racionalidade acrítica. A decolonialidade está na vida e nos fazeres cotidianos, que sinalizam para necessidade de uma vivência comunitária, com diálogo intercultural, por meio de diversos discursos que devem se entrelaçar de forma dialética, buscando identidades culturais; devemos romper com as percepções e interesses individualistas nas pesquisas e produções acadêmicas.

Postula-se que a decolonização do currículo escolar deva trilhar “caminhos outros” na/para a formação docente e discente, com objetivos, programas e práticas pedagógicas educativas diferentes do que é praticado em muitas instituições de ensino de todos os níveis no Brasil. Para tanto, pensa-se que a educação intercultural seja o caminho viável e mais adequado para a consecução dessa proposta, notadamente como “colaboração intercultural”, traduzindo o potencial prático do discurso decolonial na esfera educacional. E nesse sentido, acrescenta-se o lugar de desafio para a construção deste processo de transição. (MUNSBURG, 2019, P. 594)

A Cultura Hip Hop tem sua origem nas periferias do mundo, tendo nos Estados Unidos seu passado primitivo; no entanto, todas as margens das cidades capitalistas possuem suas próprias construções culturais, éticas e sociais, criam suas regras e formas de conviver, na maioria das vezes a partir do abandono dos Estados. As sociedades periféricas do mundo capitalista construíram cidades no entorno das grandes cidades. Existem muitos conhecimentos a serem explorados, que estão à margem do que é controlado e produzido pelo mercado educacional capitalista. Nossa educação vive uma crise, pois fingimos existir apenas um caminho possível, mas as resistências demonstram há séculos que temos múltiplas possibilidades.

É inevitável a construção de uma nova proposta curricular decolonial e intercultural para a prática educacional utilizarmos nossa criatividade e “bebermos de nossas culturas

populares”. Ao desenvolvermos educação com arte, possibilitamos a utilização das diferentes esferas cognitivas das pessoas, também realizamos um trabalho aprofundado no senso crítico, que é fundamental para entender o mundo e fazer as escolhas necessárias para manutenção de uma boa vida.

A Cultura Hip Hop que hoje dialoga com as culturas brasileiras de diversas maneiras, tem em seus pilares o Amor, a União, a Paz e a Diversão Consciente, viabilizando uma ética e estética que as juventudes precisam para um desenvolvimento com liberdade e criatividade.

### **5.1 - Para uma sistematização do fazer decolonial**

Nossa dissertação se caracteriza por desenvolver alternativas no fazer educacional no cotidiano das Escolas Públicas brasileiras, no combate ao racismo, criando possibilidades de uma educação inclusiva e atrativa, no sentido de produzir engajamentos e participação das educandas e educandos, de maneira coletiva e horizontal. Portanto, acreditamos que o planejamento, realização e sistematização das atividades e dos produtos obtidos ao longo do percurso, seja fundamental para objetivarmos uma formação e atuação de docentes atingindo as propostas da Lei 10.639/03.

Alfonso Torres Carrillo (2004, p.73) entende que a sistematização decolonial como “una modalidad de conocimiento de carácter colectivo, sobre prácticas de intervención y acción social que, a partir del reconocimiento e interpretación crítica de los sentidos y lógicas que la constituyen, busca potenciarlas y contribuir a la teorización del campo temático en el que se inscribe.”

Carrillo destaca a importância da sistematização nas transformações que devemos promover na educação, decorrentes das práticas e experimentações, pois só a partir de novas possibilidades e tentativas, podemos criar e recriar uma educação decolonial e antirracista:

De acuerdo con las precisiones hechas, también podemos definir la sistematización como una autorreflexión que hacen los sujetos que impulsan una experiencia de acción social o educativa, a partir del reconocimiento de los saberes que ya poseen sobre ella y de un esfuerzo colectivo e intencionado por reconstruirla, de comprender los factores y elementos que la configuran, para transformarla. Este carácter reflexivo-práctico de la sistematización ha implicado un posicionamiento epistemológico y metodológico frente a otras modalidades de producción de conocimiento sobre la realidad social, como son la investigación científica convencional y la evaluación institucional, así como frente a concepciones de investigación de corte positivista y empírico analítico (CARRILLO, 2004, p.75).

Nosso intuito é demonstrar que estas experiências dos encontros educacionais formais do Ensino de História Antirracista por meio do Sentipensar promovido pelas Educa-bilidades da Cultura Hip Hop, contêm aprendizagens fundamentais que podem e devem ser disseminadas, além disso, são um instrumento poderoso para contribuir no enfrentamento aos desafios que estão colocados. Utilizaremos a sistematização de experiências desenvolvidas por Oscar Jara (2006), que tem como fundamento a Concepção Metodológica Dialé-tica, que entende a realidade como um processo histórico-social, com suas contradições e potencialidades transformadoras.

A Concepção Metodológica Dialética é uma maneira de conceber a realidade, de aproximar-se dela para conhecê-la e de atuar sobre ela para transformá-la. É, por isso, uma maneira integral de pensar e de viver: uma filosofia.

A Concepção Metodológica Dialética entende a realidade como um processo histó-rico. Nesse sentido, concebe a realidade como uma criação dos seres humanos que, com nossos pensamentos, sentimentos e ações, transformamos o mundo da natureza e construímos a história outorgando-lhe um sentido. (JARA, 2006, P.46)

Utilizando essa Concepção, não podemos tratar os fenômenos sociais como se fossem “coisas” ou “objetos de estudo”; viver a realidade e interagir com ela é o fundamento para entendê-la, sistematizá-la com o objetivo de aprender, para em outras oportunidades transformá-la, porque buscamos mudanças práticas para essa lógica opressora colonial.

A imparcialidade dos cientistas positivistas coloniais não relaciona os fatos sociais com a totalidade histórica-social, baseia-se no empiricamente mensurável, não interroga as causas profundas dos fenômenos, portanto, não critica a ordem estabelecida e nem se pergunta se é possível mudá-la por outra melhor. Buscamos ser protagonistas ou vítimas das práticas sociais e históricas da humanidade, somos parte das mudanças e movimentos, em suma, queremos ser responsáveis pelo seu devir.

O exercício de sistematização das práticas é objetivamente teórico, relacionando pro-cessos e contextos, reflete sobre a prática a partir dos pressupostos teóricos que a inspi-ram. É dialético em seus movimentos e ressignificações do aprendizado, prática e teoria se alimentam mutuamente, produzindo categorias, ordenando elementos empíricos, análises, induções, deduções e sintetizações; seu objetivo é obter conclusões que avaliem como po-demos melhorar nosso trabalho.

1. A sistematização (como dissemos linhas acima) é um processo que permite “objetivar” o vivido.
2. Ao ter que dar conta de nossa prática, vemo-nos obrigados a expor ante os outros um produto que a comunique, o que significa realizar uma “segunda objetivação”. Normalmente, este fato nos permite compreender ainda melhor os ensinamentos obtidos ou dar-nos conta de alguns vazios de interpretação que só se fazem evidentes quando buscamos explicá-los.
3. Ao tentar apropriar-nos das aprendizagens de outras práticas, vamos relacioná-las necessariamente com a nossa, pondo em confronto crítico os aspectos comuns e os diferentes. Realiza-se, desse modo, uma “terceira objetivação” de nossa própria experiência, graças às contribuições que nos suscitam as experiências alheias. (JARA, 2006, 34)

Neste trabalho, nossa estratégia de organização dos estudos e práticas foi elaborada por meio da “sistematização de cinco tempos” de Oscar Jara (2006, P.74), construída para desenvolver pesquisas em Educação e junto aos Movimentos Sociais. Acreditamos que os diferentes tempos de reflexão e ação estão imbricados e, por isso, exigem uma organização complexa, porém nítida na sua sistematização. A partir desses processos fazemos registros escritos, levantamento junto às educandas e educandos, fotos, áudios, vídeos e a sistematização dos trabalhos avaliativos produzidos:

A) O ponto de partida:

a1. Ter participado da experiência:

Experiência de 6 anos como professor de História e Coordenador Pedagógico de Oficinas de Hip Hop há 5 anos. Realizei a experiência como professor de História em uma turma de 9ºano no último trimestre de 2022, em uma Escola Pública de Sapucaia do Sul.

a2. Ter o registro das experiências:

Registramos uma experiência no último semestre do ano de 2022 e, assim, temos material para analisar nesta dissertação.

B) As perguntas iniciais:

b1. Para que queremos? (Definir o objetivo):

Demonstrar de maneira teórico e prática como a Cultura Hip Hop estimula Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03.

b2. Que experiência(s) queremos sistematizar? (Delimitar o objeto a ser sistematizado):

Um trimestre de Ensino de História, utilizando as Educabilidades da Cultura Hip Hop, seguindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

b3. Que aspectos centrais dessa experiência nos interessam sistematizar? (Definir um eixo de sistematização):

Planejamento, realização, perceber as Educabilidades da Cultura Hip Hop e os resultados produzidos pelas educandas e educandos nas avaliações.

C) Recuperação do processo vivido:

c1. Reconstruir a história:

Trata-se de fazer uma reconstrução ordenada daquilo que sucedeu na experiência, no nosso caso, de como se deram os encontros formativos nos eixos temáticos, descrever, narrar e contar as ações que vão nos acompanhar neste momento.

c2. Ordenar e classificar a informação:

É mergulhar na construção das situações experimentadas, agregando detalhes, colhendo frases significativas, expressões, histórias e acontecimentos durante a situação em narração. Aqui foi feita uma descrição cuidadosa, “rigorosa” da situação. O esforço está centrado na descrição do que ocorreu.

D) A reflexão de fundo: Por que aconteceu o que aconteceu?

d1. Analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo:

Para realizar essa reflexão de fundo, foi necessário penetrar por partes na experiência, quer dizer, fazer um exercício analítico; localizar as tensões ou contradições que marcaram o processo e, com esses elementos, voltar a ver o conjunto do processo, ou seja, realizar uma síntese que permita elaborar uma conceitualização, a partir da prática sistematizada.

E) Os pontos de chegada:

e1. Formular conclusões:

Foi verificado se o objetivo geral e os específicos foram alcançados, analisando o processo, a partir das vivências sistematizadas e entendendo como melhorá-las.

e2. Comunicar a aprendizagem:

Desenvolveu-se por meio da sistematização do processo um mecanismo que possibilitou demonstrar de maneira teórico e prática como a Cultura Hip Hop estimula Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03.

Nosso fazer decolonial em educação, promoveu, tanto na apresentação dos conteúdos, na disposição em roda da sala de aula, horizontalidade nas dinâmicas, como nas formas de avaliação, uma proposta que rompa com o positivismo racionalista da valorização excessiva na prova escrita individual, com todos os conteúdos no final do trimestre, a partir

de textos ou livros apresentados. Portanto, utilizamos da criatividade e das Educabilidades da Cultura Hip Hop como elementos que foram valorizados ao longo das atividades, nos 15 encontros propostos.

O fazer decolonial em educação foi produzido com a prática docente e a análise da mesma durante e depois dos processos. Assim, nossa pesquisa se desenvolveu a partir do trabalho realizado em um trimestre de Ensino de História Antirracista junto ao 9º ano, em Escola Pública, com ensino-aprendizagem, debates, práticas, alegria, arte, questionamentos e diferentes avaliações. Para tanto, utilizamos as produções da Cultura Hip Hop como vídeos de músicas, danças, graffitis, filmes, imagens, mapas e textos, com o intuito de desenvolver as diferentes esferas cognitivas: ver, ouvir, ler, escrever, falar, manusear, dançar, cantar, desenhar, pintar, produzir e debater em coletivo de forma horizontal.

O trabalho foi desenvolvido de maneira que foram se aglutinando experiências, vivências e conhecimentos referentes aos conteúdos sobre as questões étnico-raciais no Brasil, como o entendimento e conhecimento da Cultura Hip Hop. Acreditamos que o trabalho final possibilitou à turma um ensino-aprendizagem Sentipensante, por meio da arte e da educação, para entender e debater as questões étnico-raciais.

As reflexões e práticas do Sentipensar e agir que foram desenvolvidas ao longo da prática e estudo, para além das leituras teóricas, também são frutos das vivências, ensinamentos e aprendizados em espaços educacionais no Ensino de História em Escolas Públicas dos Municípios de Esteio e Sapucaia do Sul, cidades metropolitanas na periferia da capital do Estado do Rio Grande do Sul, nos anos finais do Ensino Fundamental e na Coordenação Pedagógica da Associação da Cultura Hip Hop de Esteio, que desenvolve as Oficinas Cinco Elementos do Hip Hop na Casa da Cultura Hip Hop de Esteio. As articulações entre educação formal, não formal e informal são fundamentais para a experimentação criativa e propositiva, no intuito de formatar estratégias Antirracistas e Decoloniais no ambiente escolar formal.

## **5.2 – Contexto da Pesquisa: lugar onde se pensa, se vive**

Nosso trabalho é teórico e prático em Educação, desenvolvemos um trimestre de Ensino de História Antirracista em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental do Município de Sapucaia do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul. Essa escola está localizada numa região limítrofe das cidades de Esteio e Sapucaia do Sul, a cerca de um quilômetro da RS-118, onde os estudantes possuem baixa renda em sua maioria e alguns em situação de vulnerabilidade,

principalmente neste período de pandemia. Trabalho como educador há 5 anos nessa escola.

A escola tem boa estrutura, com quadra esportiva não coberta, biblioteca pequena e organizada, laboratório de informática, refeitório que serve lanche e almoço, sala de professores grande e arejada, pátio espaçoso que comporta o recreio com todas as turmas ao mesmo tempo, espaço coberto para atividades artísticas e 11 salas de aula, com capacidade para 30 alunos. Atende em torno de 200 educandas e educandos nos turnos da manhã e da tarde do Ensino Fundamental, sendo as turmas dos anos finais, divididas em 8º e 9ºanos pela manhã, e 6º e 7º à tarde.

A escola é municipal, segue o regime de Sapucaia do Sul, que não possui eleição para diretoria do colégio, sendo indicação da Secretaria de Educação toda a direção, auxiliares, secretária, equipe de limpeza e de cozinha, educadoras, educadores, assim como a orientação e supervisão. As educandas e educandos, em sua maioria, vivem em Sapucaia do Sul e em Esteio, grande parte das estudantes e dos estudantes estão no colégio desde o Pré ou 1ºano, bem como também suas mães, pais, tios, tias, avôs, avós estudaram na escola. Podemos defini-la como “uma escola de bairro”, onde muitas famílias há várias gerações usufruem da educação municipal que o colégio proporciona.

Foto 5: Frente da E



Foto 6: Biblioteca da Escola



Foto 7: Sala de aula da Escola



Foto 8: Parquinho e quadra da Escola



### 5.3 - Os participantes da pesquisa: de corpos, subversões e resistências

Desenvolvi a prática-pesquisa junto ao 9º ano, com idades entre 14, 15, 16 e 17 anos, pois pude construir um ensino-aprendizagem nos últimos quatro anos de confiança e dedicação de ambas as partes. Além disso, os jovens dessa faixa etária já possuem pensamento crítico sobre a sociedade e têm um entendimento da colonialidade já trabalhada em sala de aula no ano passado. Nosso maior desafio com as educandas e educandos nessa faixa etária é do engajamento nos encontros educacionais, pois estão em uma fase de muitas descobertas e novas vivências que em geral são mais interessantes que a Escola, além disso, muitas vezes por ficarem nas redes sociais muitas horas dormem tarde e não ficam dispostos nos aulas no turno da manhã.

Suas vidas estão relacionadas a um mundo distante do centro de Sapucaia do Sul e mais ainda da Capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Vivem nas margens da Estrada RS-118, local de muitas fábricas e de poucos prédios de moradia; a maior parte vive em casas e casebres nas ruas de paralelepípedo. O sustento das famílias, em sua maioria, se dá em trabalhos nas fábricas da região ou em Canoas e Porto Alegre. Sapucaia do Sul ainda se caracteriza como uma cidade dormitório, sem muitas alternativas de trabalho, esporte, cultura e entretenimento para a população.

A turma do 9º ano que escolhi para desenvolver a proposta didático-pedagógica, tem 14 educandas e 12 educandos, totalizando 26 jovens, com características sociais e econômicas heterogêneas, mas não muito discrepantes. Existem famílias com melhores condições de vida do que outras, algumas de classe média e outras de classe baixa, com pequena porcentagem em vulnerabilidade. A minoria da turma pode ser considerada descendente de africanos, levando em consideração o fenótipo. A maioria da turma é cristã, dividida em católicos e evangélicos, e uma pequena parte segue os pressupostos religiosos de matriz africana, como candomblé e umbanda.

As educandas e educandos se interessam por jogos, filmes, séries, músicas, literatura e em fazer amizades pessoalmente e nas redes sociais. Sinto-me à vontade em desenvolver as atividades com esta turma, pois há três anos trabalho o ensino-aprendizagem com as educandas e educandos, utilizando das Educabilidades da Cultura Hip Hop. Além disso, trabalhei com a turma conceitos como Colonialismo, Industrialização, Capitalismo, Racismo, História das Mulheres, América e da África. Destaco que toda turma aceitou participar na pesquisa, ficaram felizes pelo meu mestrado e por participar desse desafio.

Para não expor a identidade das educandas e educandos durante os relatos das atividades, utilizamos nomes de flores para as meninas e de frutos para os meninos, desta forma:

Flores: Bromélia (14 anos, branca), Camélia (14 anos, branca), Erva-doce (14 anos, branca), Jasmim (14 anos, branca), Jacarandá (14 anos, branca), Lavanda (14 anos, mestiça), Lilás (14 anos, branca), Lótus (15 anos, branca), Margarida (14 anos, mestiça), Malva (14 anos, branca), Magnólia (14 anos, branca), Nube (17 anos, branca), Rosa (14 anos, branca) e Violeta (14 anos, mestiça);

Frutos: Acerola (14 anos, branco), Bergamota (15 anos, branco), Butiá (16 anos, branco), Guaraná (14 anos, branco), Hilocéreo (14 anos, preto), Ingá (16 anos, preto), Kiwi (14 anos, preto), Limão (16 anos, branco), Mamão (14 anos, branco), Tamarindo (17 anos, preto), Vacínio (16 anos, mestiço) e Yuzu (15 anos, mestiço).

## **6 - VIVÊNCIAS COM A CULTURA HIP HOP NO ENSINO FORMAL EM CINCO TEMPOS**

Chegamos na parte principal da dissertação, que é a sistematização da experiência de um trimestre de Ensino de História Antirracista em uma Escola Pública, por meio das Educabilidades da Cultura Hip Hop. Como já descrevemos anteriormente, fizemos esta sistematização baseados no método de “Cinco Tempos” de Oscar Jara (2006, P.74), que tem como objetivo produzir teorias através das práticas, para que estas sejam aprimoradas em suas novas experiências. Jara teve a preocupação de pensar estratégias que possibilitem evolução teórica e prática para os Movimentos Sociais, Culturais e Educacionais, partindo dos pressupostos Decoloniais, nos quais quem participa das vivências são sujeitos que influenciam na pesquisa.

Objetivamos, por meio desta sistematização, perceber de maneira minuciosa como as Educabilidades Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas podem contribuir no Ensino de História, para colocarmos em prática a Lei 11.646/08, assim, identificando estratégias e potencialidades para um Ensino Antirracista dentro da Educação Formal.

O trimestre foi dividido em três momentos distintos que se somam, no intuito de produzir uma vivência antirracista dentro da escola: o primeiro, com cinco encontros, apresentou os Pilares, Elementos e História da Cultura Hip Hop, utilizando vídeos, texto e o capítulo de uma série para ilustrar historicamente o contexto do início da Cultura nos Estado Unidos. A avaliação foi de maneira oral e em grupo, utilizando questões criadas pelas educandas, educandos e educador. O segundo momento, mais enxuto e dedicado ao estudo das Leis, com três encontros, proporcionou a produção de análises em grupo, de forma escrita e oral, sobre o funcionamento prático de alguns incisos da Constituição Federal. Para finalizar, em sete encontros, buscamos

refletir e produzir conteúdos por meio da Cultura Hip Hop em suas diferentes plataformas e elementos que questionem a não efetivação das Leis e fortaleçam o combate aos preconceitos que está amparado na Carta Magna, mas pouco efetivo na prática. Para tanto, foram produzidos cartazes utilizando letras de RAP e Graffitis pelas educandas e educandos da turma e colados nos corredores da Escola, ficando em exposição por cerca de um mês.

O trimestre será apresentado por meio da sistematização de 5 tempos, foram utilizados vários elementos para construção de um memorial dos encontros educacionais, como textos produzidos pelo educador, fotos, áudios, links de vídeos e o recorte de respostas de um questionário respondido pela turma, que foi analisado e sistematizado, obtendo conclusões e formulando aprendizagens para influenciar e, possivelmente, qualificar as novas práticas educacionais no Ensino de História Antirracista.

### **6.1 - A) O ponto de partida:**

a1. Ter participado da experiência:

Experiência de 6 anos como professor de História e Coordenador Pedagógico de Oficinas de Hip Hop há 5 anos. Realizei a experiência como professor de História em uma turma de 9ºano no último trimestre de 2022, em uma Escola Pública de Sapucaia do Sul.

a2. Ter o registro das experiências:

Registramos por meio de um memorial contendo relatos, áudios, fotos, avaliações e um questionário sobre a experiência de um trimestre de Ensino de História no ano de 2022.

### **6.2 - B) As perguntas iniciais:**

b1. Para que queremos? (Definir o objetivo):

Demonstrar de maneira teórico e prática como a Cultura Hip Hop estimula Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03.

b2. Que experiência(s) queremos sistematizar? (Delimitar o objeto a ser sistematizado):

Um trimestre utilizando a Cultura Hip Hop para estimular as suas Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03.

b3. Que aspectos centrais dessa experiência nos interessam sistematizar? (Definir um

eixo de sistematização):

Planejamento, realização, os resultados produzidos pelas educandas e educandos nas avaliações e demonstrar como as Educabilidades da Cultura Hip Hop produzem conhecimentos e reflexões para uma Educação Antirracista.

### 6.3 - C) Recuperação do processo vivido:

c1. Reconstruir a história:

Temos três etapas distintas (verde, preto e vermelho), que produziram três produtos/avaliações como sistematização do ensino-aprendizagem desenvolvido, assim, finalizamos o trimestre com três notas que formaram a nota final, que foram colocadas no boletim do trimestre. Construímos um plano de trabalho que foi executado no último trimestre de 2022, em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular e o Plano de Estudo Municipal para o 9º ano do Ensino de História, cada encontro teve dois períodos que somados dão 1 hora e 50 minutos, organizado no quadro abaixo:

ENCONTROS E TEMAS	OBJETOS DO CONHECIMENTO (BNCC)	HABILIDADES SAPUCAIA DO SUL (BNCC)	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
1(18/08/22) e 2 (25/08/22) - Encontro expositivo e dialógico sobre o Surgimento do Movimento/Cultura Hip Hop e a sua representatividade e Afro-indígena	- O fim da Guerra Fria e o processo de globalização; - Pluralidades e diversidades identitárias na atualidade.	(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência;	- Formação em roda; - Apresentação de um texto com um resumo do surgimento do Hip Hop nos Estados Unidos, explicando seus elementos e pilares étnico-raciais; - Vídeos dos 5 Elementos do Hip Hop (Dança, Graffiti, MC, DJ e Conhecimento).
3 (01/09/22) – Encontro com utilização de série sobre o Surgimento do Movimento/Cultura Hip Hop e a sua representatividade e Afro-indígenas	- O fim da Guerra Fria e o processo de globalização; - Pluralidades e diversidades identitárias na atualidade.	(EF09HI33) Analisar as transformações nas relações políticas locais e globais geradas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação.	- Apresentação do primeiro capítulo da série “The Get Down”, que conta como foi o surgimento do Hip Hop e mostra seus protagonistas no início desse processo; - No fim da aula todas as educandas e educandos entregaram duas perguntas sobre o capítulo da série.
4 (08/09/22) e 5 (15/09/22) - Avaliação 1 – Oral em grupo	- O fim da Guerra Fria e o processo de globalização; - Pluralidades e diversidades identitárias na atualidade.	(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência; (EF09HI33) Analisar as transformações nas relações políticas locais e globais geradas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação.	- A turma foi dividida em 5 grupos; - Formação em roda; - Cada grupo respondeu 5 perguntas (criadas pelas educandas, educandos e educador), relacionadas às duas aulas anteriores (Surgimento, elementos e pilares étnico-raciais do Hip Hop + Série “The Get Down”)

6 (22/09/22) - Encontro expositivo e dialógico sobre o desenvolvimento do Hip Hop no Brasil e sua importância no Movimento Negro, na resistência e orgulho das periferias do Brasil.	- O processo de redemocratização; - A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens, etc.)	(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.	- Formação em roda; - Apresentação da Constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).
7 (29/09/22) - Pesquisa em grupos na Constituição de 1988.	- A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens, etc.).	(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.	- Formação de 8 trios; - Foi dividido os 8 primeiros artigos (relacionados aos direitos e deveres da população em geral) da Constituição de 1988 em 8 páginas; - Cada grupo teve que analisar uma página da Constituição destacar 2 incisos da Lei que na prática funcionam e 2 incisos da Lei que na prática não funcionam (como poderiam funcionar?). - No final do encontro todos os grupos entregaram suas produções escritas.
8 (06/10/22) - Avaliação 2 – Apresentação e debate dos destaques dos 2 incisos da Lei que na prática funcionam e 2 incisos da Lei que na prática não funcionam (como poderiam funcionar?)	A - Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens, etc.); - A história recente do Brasil: transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais - Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira - A questão da violência contra populações marginalizadas	(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo; (EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.	- Formação em roda; - Respostas orais dos grupos e debate.
9 (13/10/22) e 10 (20/10/22) - Encontro expositivo e dialógico debatendo as questões raciais no Brasil	- A história recente do Brasil: transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais; - Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira; - A questão da violência contra populações marginalizadas.	(EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.	- Formação em roda; - Apresentação de 8 vídeos Boca de Lobo (Criolo), Fé (Iza), De onde eu venho (Edi Rock feat Pedrinho), Cota não é Esmola (Bia Ferreira), Preto em Movimento (MV Bill), Preta de Quebrada (Flora Matos), Artigo 157 (Racionais MC's), Coisas de Brasil (Rinco Sapiência), selecionados que refletem e questionam as questões étnico-raciais e de gênero; - Apresentação de Graffitis selecionados que refletem e questionam as questões étnico-raciais e de gênero;
11(27/10/22) e 12 (03/11/22) - Avaliação 3 (parte 1) – Produção de Cartazes.	Intersecção dos Objetivos do Conhecimento trabalhados ao longo do trimestre	Intersecção das Habilidades trabalhadas ao longo do trimestre	- A turma foi dividida em 8 grupos; - Os grupos produziram cartazes, utilizando letras de RAPs brasileiros e imagens de Graffitis, que refletem e questionam as questões étnico-raciais e de gênero;

13 (10/11/22) – Saída de Campo: visita à Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (CCHE).	- Pluralidades e diversidades identitárias na atualidade.	(EF09HI33) Analisar as transformações nas relações políticas locais e globais geradas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação.	- Ida com o Ônibus da Prefeitura até a CCHE; - Apresentação da CCHE e da Equipe; - Oficina de MC e produção de uma letra coletiva; - Oficina de Graffiti e produção de pichações.
14 (17/11/22) - Avaliação 3 (parte 2) – Apresentação dos Cartazes.	Intersecção dos Objetivos do Conhecimento trabalhados ao longo do trimestre	Intersecção das Habilidades trabalhadas ao longo do trimestre	- Formação em roda; - Cada grupo apresentou de maneira oral os Cartazes produzidos; - Os cartazes foram colados nos corredores da Escola.
15 (24/11/22) – Sistematização do trimestre e das experiências com a Cultura Hip Hop produzida pelas educandas e educandos	Intersecção dos Objetivos do Conhecimento trabalhados ao longo do trimestre	Intersecção das Habilidades trabalhadas ao longo do trimestre	- Individualmente, foi respondido uma questionário de maneira escrita, contendo 10 questões referentes ao trimestre de Ensino de História Antirracista, utilizando as Educabilidades da Cultura Hip Hop.

## c2. Ordenar e classificar a informação:

Mergulhamos na construção das situações experimentadas, agregamos detalhes, colhemos frases significativas, expressões, histórias, acontecimentos durante a situação em narração. Aqui o importante é a descrição cuidadosa, “rigorosa” da situação, mais do que procurar já neste momento tecer alguma possível interpretação. O esforço está centrado na descrição do que ocorreu.

Encontro 1 – 18/08/22 – 1 hora e 50 minutos – Introdução à Cultura Hip Hop

Texto – Cultura Hip Hop

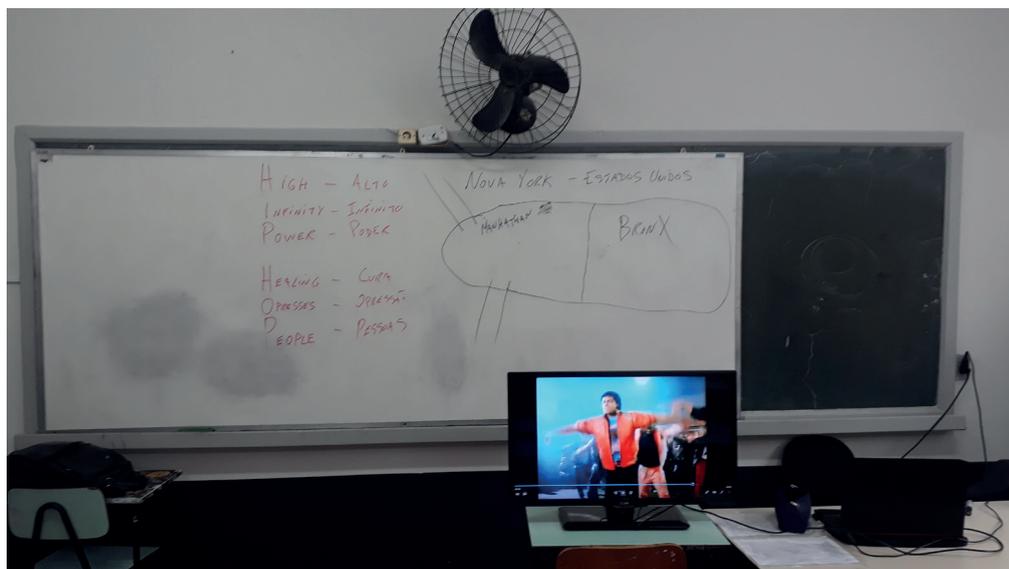
Vídeos – Colors of Reality<sup>8</sup>, James Brown (Dança)<sup>9</sup> e Michael Jackson (Beat it)<sup>10</sup>

8 Assista ao vídeo [Colors of Reality](#)

9 Assista ao vídeo [James Brown \(Dança\)](#)

10 Assista ao vídeo [Michael Jackson \(Beat it\)](#)

Foto 9: Primeiro encontro sobre a História do Hip Hop



Iniciamos o encontro mudando a organização da sala, de filas para uma disposição das classes em roda. Em um primeiro momento, faço a ligação da História da África e de sua Diáspora - que foi trabalhado nos meses anteriores com a turma, onde debatemos os temas e assistimos a vídeos, série e cada aluno apresentou e escreveu um trabalho sobre os países africanos - com a Cultura Hip Hop que é urbana e contemporânea, percebendo a continuidade nos processos culturais na América. Desenvolvemos relações com a colonialidade e as suas resistências, criando paralelos com as culturas africanas no Brasil: como a capoeira, samba, culinária, umbanda, candomblé, batuque, funk, etc.

Debatemos a capacidade que a arte e a cultura possuem de expressar ideias e sentimentos, que muitas vezes não podem ser falados ou discutidos. Outro ponto conversado foi a importância de expressar nossos sentimentos em um processo de cura e desenvolvimento corporal e mental, buscando na criatividade, momentos de reflexão e entretenimento. A educanda Magnólia evidenciou a importância do desenho em sua vida, principalmente nos momentos de tristeza. A Camélia falou que faz Danças urbanas e que fica muito feliz quando se apresenta com o seu grupo.

Apresento, antes de começarmos a ler o texto, o vídeo “Colors of Reality”, que foi feito durante as ondas de protestos nos Estados Unidos contra o racismo da Polícia estadunidense. Nesse vídeo, os artistas expressam em sua dança e em suas pinturas, o medo que os negros têm da polícia e de sua invisibilidade na sociedade capitalista. Conversamos sobre os movimentos da dança desenvolvida pelos dois artistas e as diferentes intenções de seus movimentos. A aluna Lavanda, em uma pesquisa rápida na internet, percebe que um dançarino está com cores azu-

ladas (produz segurança e compreensão) e outro avermelhadas (agressão, perigo e violência), que cada cor tem uma intenção e que são compatíveis com a intencionalidade dos movimentos apresentados por cada um.

No fim do vídeo, os dois saem do quadro que estão emoldurados (o vídeo é uma pintura da qual os dois fazem parte) e vão para rua, onde vivem experiências de invisibilidade, conflito com transeuntes e no fim tomam tiros sem motivo aparente, morrendo no meio da rua. A Cultura Hip Hop possui a capacidade de refletir sobre as dores e as opressões como forma de cura e protesto, tendo contundência em suas manifestações. Além disso, desenvolve a união em um vídeo de vários elementos artísticos como a música, dança, artes plásticas e cinema.

Após o vídeo, as educandas e educandos fazem a leitura do texto de forma alternada, os primeiros parágrafos anunciam a Cultura Hip Hop como sendo uma Cultura Popular oriunda dos Estados Unidos da América e que a população negra, latino-americana e caribenha que vivia no bairro do Bronx em Nova York, tem papel importante no seu desenvolvimento, percebendo sua Cultura Ancestral e de resistência ao Colonialismo, como sendo as bases dessa cultura que possui mais de 50 anos. Geograficamente, percebemos que o bairro do Bronx é a periferia do bairro de Manhattan, que desde os anos 60 é considerado o centro financeiro do Mundo, e que essas pessoas que viviam tão próximo da riqueza estão em situação de pobreza e violência.

Os anos 60 e 70 foram de ebulição da Cultura Black e do Movimento Negro e um dos seus ícones foi o James Brown, por isso, assistimos a um clipe, onde aparece em vários momentos de sua carreira, este artista dançando e cantando. Atualmente, ele é considerado o primeiro Hip Hopper, pois o ritmo de suas músicas e os movimentos de suas danças são referências até hoje para DJs, MC's e BBoys e BGirls.

O segundo parágrafo do texto traz a origem do significado do termo Hip Hop, derivado da frase High Infinity Power Healing Opresses People – Alto Poder de Infinita Cura para as Pessoas/Comunidades Oprimidas. Conversamos e percebemos como a música, dança e desenho tem esse poder de curar nossas dores, traumas e angústias. Muitas vezes, quando cantamos, dançamos e pintamos conseguimos aliviar sentimentos e angústias difíceis de lidar. Quando ouvimos uma música que expressa algo que vivemos, nos sentimos abraçados, como que aquele artista entendesse e compartilhasse o que estamos sentindo. Ao longo da História dos Oprimidos da América, a arte e a religião tornaram-se a forma de manifestação que ludibriou as proibições do controle colonialista.

O contexto de violência e a estratégia do Hip Hop de transformar essa energia negativa da pobreza das periferias em arte e educação, está no terceiro parágrafo do texto, indicando que

a válvula de escape para um mundo urbano, longe da natureza, com as contradições do capitalismo, pode ser a música, a poesia, o graffiti e a dança. No contexto das gangues dos anos 70 e 80 da origem do Hip Hop, refletimos sobre as periferias nos dias de hoje, com suas facções e tráfico de drogas, bem como percebemos a importância da arte e da cultura na transformação social. O educando Kiwi diz que o irmão dele escuta muito Racionais MC's e que ele gosta muito, pois sempre falam da periferia.

Para ilustrar esse contexto das gangues de Nova York e a necessidade de evitar essas violências, apresentei o vídeo clipe do Michael Jackson "Beat it"(Caia fora), onde o artista canta sobre as estratégias de fugir da violência e buscar alternativas para os conflitos. No vídeo, duas gangues vão brigar e o Michael convence ambas a não brigarem e no fim fazem uma coreografia juntos, que ficou famosa no mundo todo. Michael Jackson foi quem recebeu a capa do James Brown, como sendo que seguiu seu legado, o que demonstra que há uma continuidade na cultura e um respeito pelos ancestrais e seus legados. Este foi um momento de muito entusiasmo da turma, pois a maioria conhecia o Michael Jackson, havendo muitos comentários sobre como ele dançava bem.

Destaco que no final da atividade as educandas e educandos ficaram acompanhando o clipe do Michael Jackson, mesmo após bater o sinal para o intervalo, dedicando cerca de 3 minutos do recreio para assistirem com interesse ao vídeo clássico de um dos maiores ícones da cultura mundial.

Encontro 2 e 6 – 25/08/22 – 1 hora e 50 minutos – Introdução à Cultura Hip Hop

Texto – Cultura Hip Hop.

Vídeos – James Brown passando a sua capa para o Michael Jackson<sup>11</sup>, Afrika Bambaata (Planet Rock)<sup>12</sup>, Afrika Bambaataa no Aniversário de 1 ano da Casa da Cultura Hip Hop de Esteio, Best 3D Graffiti and Street Art from around the World (Graffiti)<sup>13</sup>, CyphAir Rincon Sapiência, Nego E, Livia Cruz, Tássia Reis, Rico Dalasam, Aori e Amiri (RAP)<sup>14</sup>, Custom Tech - Dj Erick Jay (DJ)<sup>15</sup> e JABBAWOCKEEZ at the 2022 NBA Finals (Dança)<sup>16</sup>.

---

11 Assista ao vídeo [James Brown e Michael Jackson](#)

12 Assista ao vídeo [Afrika Bambaata \(Planet Rock\)](#)

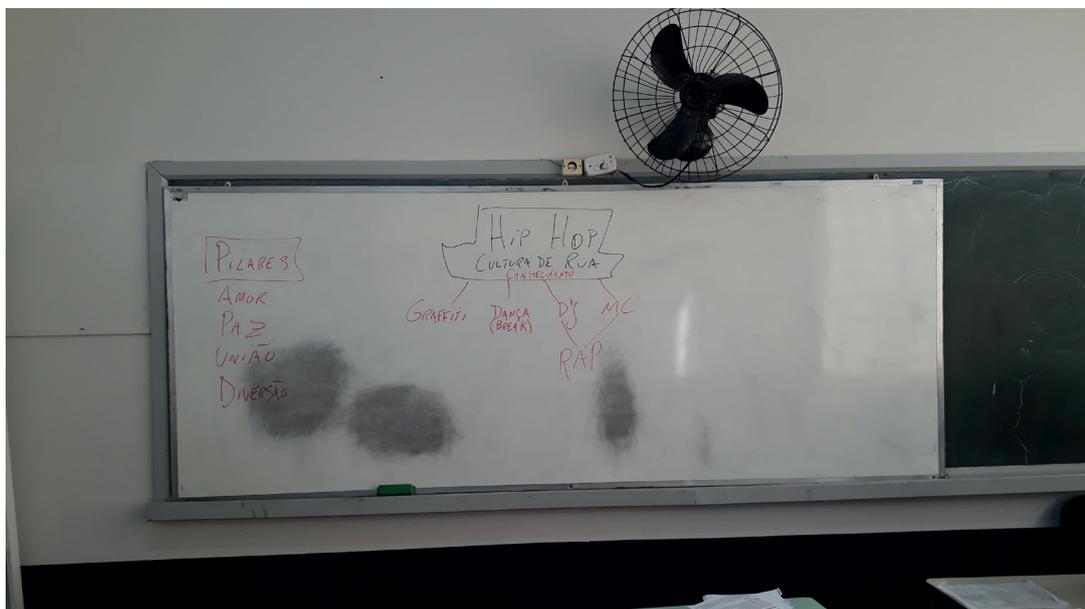
13 Assista ao vídeo [Best Graffit 3D](#)

14 Assista ao vídeo [CyphAir \(RAP\)](#)

15 Assista ao vídeo [DJ Erick Jay](#)

16 Assista ao vídeo [JABBAWOCKEEZ](#)

Foto 10: Segundo encontro sobre a História do Hip Hop, pilares e elementos.



Iniciamos o encontro mudando a organização da sala, de filas para uma disposição das classes em roda, e vendo um vídeo em que James Brown entrega a sua capa para Michael Jackson, como um sinal de continuidade de seu trabalho artístico. A apresentação desta cena tem por objetivo retomar as ideias trabalhadas na atividade anterior e demonstra a continuidade no processo histórico e cultural. Também refletimos sobre o entendimento do que é ancestralidade e sua importância para a compreensão dos pilares do Hip Hop.

Retomamos a leitura do texto “Cultura Hip Hop”, percebendo a importância dos DJs precursores e a ONG Zulu Nation, onde trabalhamos os Pilares da Cultura Hip Hop difundidos pelo DJ Afrika Bambaataa: Paz, Amor, União e Diversão Consciente. Por meio do vídeo “Afrika Bambaata – Planet Rock”, pode-se observar como eram as celebrações do Hip Hop nos anos 80, nas festas promovidas pela ONG Zulu Nation. Traçamos um contexto histórico e cultural, a partir do vídeo e do entendimento do que é o 5º Elemento do Hip Hop: o Conhecimento de Rua ou Sabedoria Ancestral. Quando falei que conheci este ícone do Hip Hop, as educandas e educandos pediram para eu mostrar o vídeo no qual ele faz um discurso e batiza a CCHE, como tinha no meu computador, e também vimos um vídeo do “Afrika Bambaataa no Aniversário de 1 ano da Casa da Cultura Hip Hop de Esteio”. A educanda Lótus comentou emocionada, que momento bonito e simbólico vivenciamos naquele ano de 2018 em Esteio.

Na sequência do Encontro, fizemos a leitura do texto e vimos vídeos para apresentar os outros quatro elementos do Hip Hop. Começamos com o Graffiti, debatemos a diferença da

Pixação para o Graffiti, destacando o caráter de proibição do Pixo e suas possíveis punições. Elevamos o Graffiti a uma arte complexa e que vem se destacando como profissão e sua conquista nas grandes galerias de arte do mundo. Para ilustrar, foi visto o vídeo “Best 3D Graffiti and Street Art from around the World”, que mostra dezenas de imagens de Graffitis 3D no mundo todo. Toda turma ficou impressionada durante o vídeo e comentou sobre a dificuldade de grafitar em prédios grandes.

Lemos e debatemos a função do MC (Mestre de Cerimônia) no começo das atividades do Hip Hop e, hoje, percebido como grande destaque da Cultura Hip Hop na atualidade com a música RAP (tradução: ritmo e poesia). Assistimos, para ilustrar, um vídeo com MC’s LGBTQIAP+, mulheres e homens da nova geração que vêm se destacando no RAP nacional, intitulado “CyphAir Rincon Sapiência, Nego E, Lívia Cruz, Tássia Reis, Rico Dalasam, Aori e Amiri”. O elemento que faz o ritmo para o RAP é o DJ – Disc Jockey, que também tem a função de animar as festas no mundo todo. Foi apresentado um vídeo de performance de DJ, intitulado “Custom Tech - DJ Erick Jay”, com um DJ brasileiro que ganhou duas vezes seguidas o título de campeão mundial em Batalhas dessa categoria.

Para finalizar a aula, conversamos sobre o Elemento Dança e suas várias vertentes dentro do Hip Hop, destacando que hoje temos com Danças Urbanas o Hip Hop em destaque e que nas próximas Olimpíadas o Break será uma das competições. No término do encontro, assistimos ao vídeo do show de intervalo da Final de Basquete da NBA, intitulado “JABBAWOCKEEZ at the 2022 NBA Finals”.

Encontro 3 – 01/09/22 – 1 hora e 50 minutos - Série “The Get Down” - Capítulo 1<sup>17</sup>  
 “Onde há ruína, há esperança de um tesouro”

Foto 11: Cartaz da Série The Get Down.



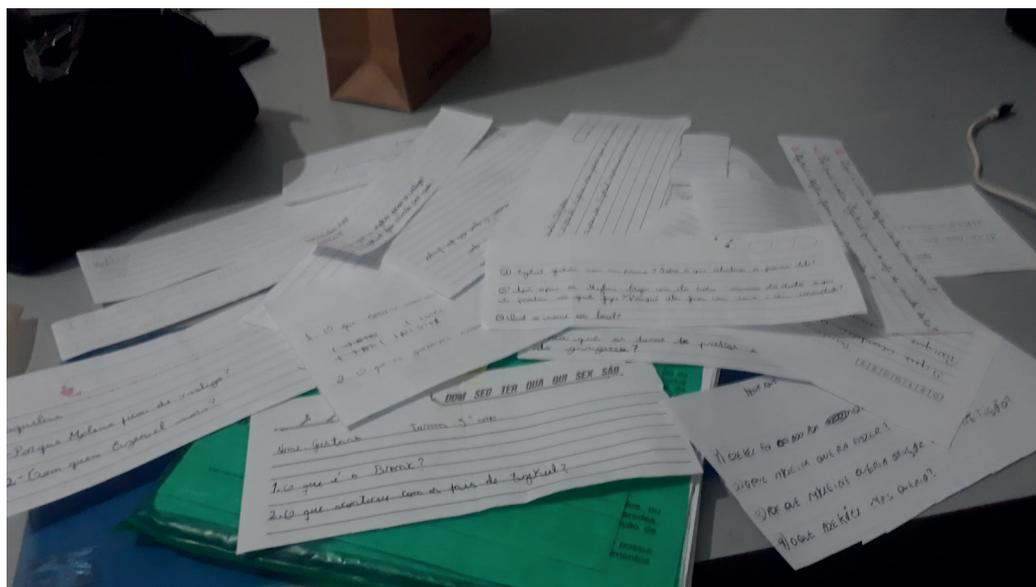
<sup>17</sup> Assista ao vídeo [Trailer da série The Get Down](#)

A trama é ambientada em Nova York durante o ano de 1977, *The Get Down* conta a história de como, à beira das ruínas e da falência, a grande metrópole deu origem a um novo movimento artístico no Bronx, focado nos jovens negros e de minorias que são marginalizados. Entre o surgimento do Hip Hop e o auge da Disco Music, a história se costura ao redor das vidas dos moradores do Bronx e de sua relação com arte, música, dança, latas de spray, política, religião e Manhattan.

Neste primeiro episódio da série são apresentados os dois personagens principais, suas famílias, amigos e desejos. São jovens de periferia, que buscam na arte e na cultura, as inspirações para uma vida mais brilhante em um contexto de pobreza e violência. A vida urbana de Nova York é mostrada sem filtros: o caos social, as drogas, gangues, contradições de um pastor, política corrupta e tantas outras questões são trazidas como pano de fundo desses jovens artistas sonhadores.

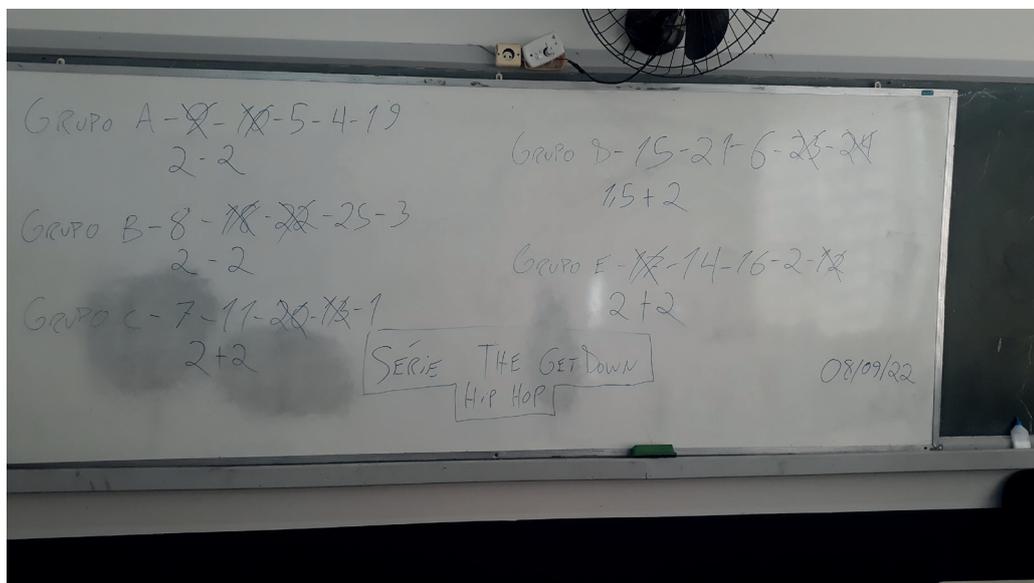
Enquanto a turma assistia ao episódio de 1 hora e 30 minutos, tive que elaborar duas perguntas para entregar com seus nomes no término do encontro. Por fim, foi produzido cerca de 60 questões, foram analisadas e escolhidas pelo educador, a partir do interesse de separar questões mais conceituais que refletissem sobre a sociedade, evitando questões de memorização, como nome de personagens, formando um conjunto de 25 questões para serem respondidas em grupo no encontro subsequente.

Foto 12: Questões elaboradas pelas educandas e educandos sobre a série *The Get Down*.



Encontro 4 – 08/09/22 – 1 hora e 50 minutos – Aplicação da primeira Avaliação – Em grupos e oral

Foto 13: Grupos, respectivas questões e pontos da atividade oral sobre a série The Get Down.



A turma foi dividida em 4 grupos de 5 pessoas e 1 de 6 pessoas. Foi feito um sorteio, onde cada grupo escolheu números de 1 a 25, sem saber qual questão era. Ao fim do sorteio, receberam uma folha com as 25 questões, assim colocaram os nomes, turma, grupo e circularam o número das questões que responderam. Tiveram 30 minutos para debater o filme, definir as respostas e escolher quem ia responder. Cada componente do grupo leu e respondeu uma pergunta.

Mudamos a organização da sala, de filas para uma disposição das classes em roda, e começamos o trabalho de responder às questões sobre a série. Momento de falar de vários assuntos, com atenção para saber a resposta e para ganhar pontos. Infelizmente, o áudio dessa primeira aula de resposta foi corrompido.

Questões produzidas pela turma e escolhidas pelo educador:

#### QUESTÕES DO FILME: THE GET DOWN (A QUEBRADA)

- 1) O que é conhecimento/sabedoria de rua?
- 2) Após o pai de Mylene brigar com ela sobre “músicas do diabo”, o que ele proibiu de a garota fazer? Por que ela ficou com raiva e saiu escondida?
- 3) O que aconteceu com os pais de Ezekiel? Ele foi criado por quem?

- 4) O que aconteceu na Les Inferno?
  - 5) Quem era Shaolin Fantastic? Por que era admirado pela turma de Ezekiel?
  - 6) Por que roubaram o disco? Como aconteceu?
  - 7) Em que época (ano) passa a série? Qual a cidade e o bairro?
  - 8) O que os Guerreiros Selvagens fizeram na festa? Por quê?
  - 9) Quem são Fat Annie e Cadillac?
  - 10) Qual o assunto da Série?
  - 11) Para que Francisco “Papa Fuerte” precisava de dinheiro?
  - 12) Para quem Ezequiel escreveu a carta/poema? O que aconteceu no concurso da escola?
  - 13) Por que o pai de Mylene não permite que ela pelo menos tente realizar os sonhos dela?
  - 14) No começo do episódio, como Ezekiel demonstrou o que ele sentia por Mylene?
  - 15) Por que a maioria das pessoas do filme eram negras?
  - 16) Qual era o sonho do Ezekiel e da Mylene?
  - 17) Por que Ezekiel e seus amigos não foram expulsos da festa de HIP HOP?
  - 18) Por que eles grafitaram todos os prédios e trens? O que é Grafite? Qual a diferença para a pichação?
  - 19) Por que as ruas estavam destruídas? Por que os prédios pegavam fogo?
  - 20) Como é o Break? Quais as influências do Break?
  - 21) O que faz o DJ? Onde surgiram?
  - 22) Por que eles resolviam tudo na bala, dança e rima?
  - 23) Quais os 5 elementos do HIP HOP?
  - 24) Por que era tão importante para eles criarem um grupo de HIP HOP?
  - 25) Por que o Prefeito procurou apoio do tio de Mylene, o Papa Fuerte?
- PERSONAGENS: Mylene, Ezekiel, Papa Fuerte, Shaolin Fantastic, Fat Annie, Cadillac, Dizzee, Ra-Ra, Boo-Boo, Yolanda, Pastor Ramon, DJ Malibu

Encontro 5 – 15/09/22 – 1 hora e 50 minutos – Continuação da Aplicação da primeira Avaliação – Em grupos e oral

Foto 14: Grupos se organizando e revisando as respostas para continuarem a atividade sobre a série.



Iniciamos o encontro possibilitando 15 minutos para retomar as questões e respostas, depois mudamos a organização dos grupos para uma disposição das classes em roda.

Transcrição do Áudio do Encontro:<sup>18</sup>

(Rafael) - Vamos começar.

Questão 2 (Grupo E) - Após o pai de Mylene brigar com ela sobre “músicas do diabo”, o que ele proibiu de a garota fazer? Por que ela ficou com raiva e saiu escondida?

Tamarindo – Música do Diabo: O Pai proibiu de escutar as músicas que ela gostava e foi atrás do seu próprio sonho.

Acerola – Não deixou ir à casa da amiga. Escutou a fita que ela gravou

(Rafael) - Que música que é do diabo?

Tamarindo – Hip Hop e Funk

(Rafael) - Qualquer música que não for louvor não é de Deus?

<sup>18</sup> No decorrer das transcrições não foram feitas correções gramaticais nas falas das educandas e educandos com objetivo de manter a originalidade do que foi dito. Nosso objetivo é observar as reflexões sobre as questões históricas e sociais desenvolvidas no trabalho.

(Rafael) - Na família de vocês alguém acha que a música que vocês escutam é do diabo?

Malva – Minha mãe, minha vó.

(Rafael) - Existe música do diabo?

(Várias pessoas)– Não .

Acerola – Sim, música satânica.

(Rafael) - O que é de Deus?

(Rafael) - A ideia de que algo não é de Deus, é um preconceito

(Rafael) - Não tem direito de espancar a filha em nome de Deus (O filme traz coisas da realidade)

Magnólia – Bater na filha não precisava

(Rafael) - Jesus não defende a violência. Bíblia – Velho e Novo Testamento (7 versões)

Malva – Ah gente, presta atenção!!!

(Rafael) - A História é feita de versões, cada um de vocês tem que buscar a História para vocês. História com mais elementos para dizer que é a verdade. Qual vai para o livro didático?

Malva – Mais possível de ser realidade, mais elementos e documentos

(Rafael) - As Histórias estão sendo recontadas. Debatendo a História. Não existe uma versão única

Versão do Pai (Putá) e versão da Maylene (Cantora)

Questão 6 (Grupo D) - Por que roubaram o disco? Como aconteceu?

Mamão – Levar o disco para dar de presente para Maylene. Tocar o disco na festa, o DJ queria porque o disco era raro.

(Rafael) - Quem tem disco de vinil?

Acerola – Já ouvi de um vizinho.

(Rafael) - Qualidade do som das plataformas (Vinil, CD, MP3). Tamanho dos arquivos

A briga simboliza a importância do Vinil para o Hip Hop (como funciona o RAP, repetição da parte sem vocal)

Questão 1 (Grupo C) - O que é conhecimento/sabedoria de rua?

Violeta – Saber gírias, raciocínio lógico, saber lidar. Conhecimento da Rua.

(Rafael) - Vocês já aprenderam coisas na Rua?

(Muitas respostas juntas) – Respeitar as pessoas.

Kiwi – Aprendi mais na Rua que na Escola.

Malva – Eu gosto(adoro) de ficar na Rua. Maneira de sobrevivência.

Ingá – Aprendi quase tudo que eu sei. Melhor do que ficar em casa.

Margarida – Gosto de ficar com os meus amigos. Conviver com as diferenças.

Magnólia – Aprendi a pegar ônibus.

(Rafael) - Conhecimento da Rua, quinto elemento do Hip Hop. Rap e funk fala a linguagem da juventude, ligação direta.

Questão 3(Grupo B) - O que aconteceu com os pais de Ezekiel? Ele foi criado por quem?

Ingá – Pais morreram num acidente de carro, criado pelos tios.

(Palmas)

(Rafael) - Vou descontar pontos pela conversa

Questão 4 (Grupo A) - O que aconteceu na Les Inferno?

Magnólia– Maylene queria ser cantora, Cadillac poderia contratá-la e dançar juntos.

Uma gangue entra atirando.

(Rafael) - O que Cadillac queria em troca?

Malva – Assédio dele, ela saiu fora.

(Rafael) - Muito cuidado com pessoas mais velhas, pois se aproveitam. Tem uma consciência que pode se aproveitar.

(Debate)

Malva – Quem é trouxa de ficar com um mais velho?

(Rafael) - Menor é até 14 anos. Diferença de idade. Pode também acontecer com meninos.

Questão 14 (Grupo E) - No começo do episódio, como Ezekiel demonstrou o que ele sentia por Mylene?

Butiá – Escreveu e leu o poema para Maylene. Tentou beijá-la, mas não conseguiu.

Margarida – Eles ficam depois Sor?

(Rafael) - A série tem na Netflix.

(Rafael) - Eles ficam nesse episódio.

Questão 15 (Grupo D) - Por que a maioria das pessoas do filme eram negras?

Yuzu – Porque no Bronx a maioria era negra.

(Rafael) - Nos EUA os bairros são divididos etnicamente. No Brasil bairro de rico, só tem rico, e pobre trabalhando. Divisão étnica acontece pelo dinheiro. O Racismo está associado à condição financeira. Jogo do Grêmio e Inter (ingressos caros)

Rosa – O show é muito caro.

Ingá – Absurdo de caro.

Malva – Caríssimo.

Questão 7 (Grupo C) - Em que época (ano) passa a série? Qual a cidade e o bairro?

Bromélia – 1977, na Cidade de NY.

Questão 8 (Grupo B) - O que os Guerreiros Selvagens fizeram na festa? Por quê?

Margarida – Queriam matar todo mundo, porque queriam o território.

Camélia– Foram matar a líder, a Fat Anie. Para conseguir o território, ela traficava.

Muito movimento de dinheiro.

(Rafael) - Isso acontece aqui na volta?

(Várias pessoas) – Sim!!!

(Rafael) - Muita violência na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Kiwi – Hoje está mais tranquilo sor.

(Rafael) - A guerra é quando a boca está em disputa.

Questão 5 (Grupo A) - Quem era Shaolin Fantastic? Por que era admirado pela turma de Ezekiel?

Jacarandá – Tinha estilo, pichador, grande grafiteiro. Não sabiam quem ele era, mas era conhecido pela sua arte.

(Rafael) - Usar touca é uma moda vinda do Graffiti, para não ser reconhecido. Não era proibido Graffiti no filme.

Questão 16 (Grupo E) - Qual era o sonho do Ezekiel e da Maylene?

Guaraná - O sonho do Ezekiel era ser Rapper e Maylene Cantora e ter uma vida melhor.

(Rafael) - Alguém quer ser artista ou jogador? Todos vocês têm que fazer arte e esporte. Fundamental para o resto da vida. Atividade artística alivia a nossa mente. Expressar o nosso sentimento. Não precisa ser famoso. Eu jogo bola, faço um som. É um momento em que eu esqueço tudo, fico só pensando no que eu estou fazendo. Momentos de alegria.

Kiwi – O dia de jogo é diferente. É tri Sor!!!

(Rafael) - Momentos especiais, de ser feliz. A chatice faz parte da vida, paga as contas.

Ingá – Onde tu joga Sor?

(Rafael) - Na Bombonera, no bairro Novo Esteio.

Questão 21 (Grupo D) - O que faz o DJ? Onde surgiram?

Bergamota – Faz músicas e processos eletrônicos, surgiram na Jamaica, na década de 60.

(Rafael) - Hoje, todo mundo é um pouco DJ, escolhe o que quer ouvir

Questão 11 (Grupo C) - Para que Francisco “Papa Fuerte” precisava de dinheiro?

Vacínio – Para construir prédios.

Nube – COAB, minha vó mora num lugar assim

Questão 25 (Grupo B) - Por que o Prefeito procurou apoio do tio de Mylene, o Papa Fuerte?

Hilocéreo – Ele queria o apoio para ganhar votos. E o Papa Fuerte ganhar dinheiro

Questão 19 (Grupo A) - Por que as ruas estavam destruídas? Por que os prédios pegavam fogo?

Erva-doce – Pagando o povo para queimar as casas e receber o seguro. Briga das gangues e a pobreza.

(Rafael) - Organizem a sala por gentileza. Ótimo final de semana para vocês

Encontro 6 – 22/09/22 – 50 minutos – Hip Hop e a Constituição Brasileira

Este encontro foi reduzido, pois a turma participou do Campeonato Municipal Intercolar de Futebol. Portanto, pela empolgação e nervosismo pela disputa, não foi possível desenvolver da melhor forma a atividade, mas mesmo assim, foram introduzidos alguns conceitos sobre a importância da Constituição Brasileira 1988 e como o Hip Hop brasileiro produziu questionamentos exigindo o cumprimento desta norma.

Encontro expositivo sobre o desenvolvimento do Hip Hop no Brasil e sua importância no Movimento Negro, na resistência e orgulho das periferias do Brasil. Apresentação da Constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por meio de algumas Leis escritas no quadro. Destaco que a maioria da turma não conhecia o Artigo 5 da Constituição e as Leis que defendem as crianças e adolescentes. Devido ao Campeonato, a turma estava muito dispersa e antes de acabar o primeiro período, a Van que transportou as educandas e educandos para o Ginásio Municipal chegou na Escola.

Encontro 7 – 29/09/22 – 1 hora e 50 minutos – Constituição Brasileira

Trabalho com artigos da Constituição Brasileira. A turma foi dividida em 8 trios, cada grupo teve que analisar uma página da Constituição e relacionar 2 leis que na prática funcionam e 2 leis que na prática não funcionam (como poderiam funcionar?). No final do encontro todos os grupos entregaram suas produções escritas. No próximo encontro foram apresentadas as produções feitas pelos grupos, de maneira oral.

Encontro 8 – 06/10/2022 – 1 hora e 50 minutos – Apresentação dos trabalhos sobre Constituição Brasileira

Iniciamos o encontro mudando a organização da sala, de filas para uma disposição das classes em roda. Apresentação do Trabalho com os artigos da Constituição Brasileira. Cada grupo apresentou suas teses sobre a legislação, defendendo seus pontos de vista. A partir das leis, nos relacionamos com fatos e acontecimentos do cotidiano para entender e aprofundar o conteúdo da lei.

Transcrição do Áudio do Encontro:

(Rafael) - A Constituição Federal é a Lei Maior do Brasil. Nenhuma Lei pode ser maior. Como a gente tem que viver no Brasil, direitos, deveres e punições. Artigos da Constituição geram outras leis. Crianças e Adolescentes têm que ser protegidos, há 30 anos surge o ECA. Já ouviram falar disso?

(Várias pessoas) – Sim.

(Várias pessoas) – Não.

(Rafael) - Há 30 anos atrás vários adolescentes como vocês não podiam estudar, estavam trabalhando. Leitura de artigos do ECA. Essa Lei defende vocês. Artigo 5 – Negligência. Não vem na escola, o Conselho Tutelar vai na casa. As Leis estão a serviço de vocês, mas temos os deveres. Vamos construir juntos o entendimento das Leis

1º Grupo

Acerola – Leis que funcionam: Artigo 4º - I – Independência Nacional

Acerola – Acontece. Não depende de outros países. Para ter alimentos. Podemos eleger nossos representantes

(Rafael) - O que é ser independente?

Acerola – Podemos negociar com outros países.

(Rafael) - Não somos totalmente, por causa da globalização, mas na forma da Lei criamos nossas próprias formas de nos organizar. A Ucrânia está sendo invadida, por isso, não tem independência, não tem soberania nacional

Guaraná - Artigo 4º – III – Autodeterminação dos povos acontece.

Guaraná – Povos indígenas e africanos. Os povos têm de certa forma o direito de fazer como querem.

(Rafael) - Está se construindo.

Kiwí – Leis que não Funciona: Artigo 3 – I - Construir uma sociedade livre, justa e

solidária.

Kiwi – No Brasil uma parte tem mais são livres, justas e solidárias e outras não. Na Metrópole tem mais, no interior não tem tanto.

(Rafael) - Desnível social. A Lei tenta mudar. Como conseguimos isso?

Lavanda – Protestando. Correndo atrás no governo. A busca por direitos, com advogados. Entrar com uma ação.

(Rafael) - Direito a 33% de planejamento. Sindicato dos professores entrou na justiça.

Guaraná - Artigo 3 – IV – Promover o bem de todos sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade, e quaisquer outras formas de discriminação.

Guaraná – Tem racismo, homofobia. Eu sou mais velho e eu mando em ti.

(Rafael) - Qual Lei existe para defesa das mulheres?

(Vários respondem) – Lei Maria da Penha

(Rafael) - Surge por causa da Constituição. Qual o número?

Violeta – 190

(Rafael) - 190, esse é polícia. 180, delegacia da mulher. No futebol estão acontecendo vários debates e punições sobre Racismo. Estatuto da Igualdade Racial.

Grupo 2

Malva – Funciona: Artigo 7 – XXII – Redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança.

Malva– Quando acontece algum problema de saúde e psicológica, pode pedir afastamento.

(Rafael) - Quais os riscos do trabalho?

(Várias pessoas respondem) – Morrer, se machucar, trabalho em excesso, físicos e psicológico, depressão.

(Rafael) - Professores com afastamento por questões psicológicas.

Malva – Os alunos também.

Kiwi – Acidente de trabalho Sor.

(Rafael) - Acidente de trabalho, atestado. Recebe enquanto se recupera.

Jacarandá - Artigo 7 – XXIV - Aposentadoria: mulheres e homens.

Jacarandá – Demora para sair, mas funciona. Meu amigo se aposentou por invalidez, problema no ouvido, 22 anos. INSS.

(Rafael) - Demora, tem que enviar relatórios. Tem que ter carteira assinada. Ou ter um estatuto. Cada vez mais não querem assinar a carteira. Luta pela carteira assinada

Erva-doce – Não Funcionam: Artigo 7 – XXX–proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil.

Erva-doce – Não funcionam porque hoje em dia algumas pessoas acham que ser mulher ou negro não merecem ter o mesmo salário e benefícios de um homem branco principalmente.

(Rafael) - Vocês concordam com essa resposta?

(Várias pessoas) – Sim!

(Rafael) - Existem dados que demonstram isso.

Malva - Artigo 7 – XXXIII–proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos.

Malva – Não funciona porque muitas crianças menores de 14 anos já trabalham em serviços na seguros. Como no sinal ou com a própria família, em locais inseguros

(Rafael) - Vocês veem isso?

Erva-doce – Sim, em vários lugares.

(Rafael) - Podem perder a guarda. Daí vão para o abrigo. Podem ser adotadas. Direito de viver com a família.

Grupo 3

Bergamota – Funciona: Art. 5º - XLVII I– a pena será cumprida em estabelecimentos distintos, de acordo com a natureza do delito, a idade e o sexo do apenado.

Bergamota – Diferenciação de quem vai ser preso.

(Rafael) - Funciona? Existe prisão de homem e mulher?

(Várias pessoas) – Sim!

(Rafael) - Criança e adultos?

(Várias pessoas) – Sim!

(Rafael) - Qual a diferença entre a Fase e a Cadeia?

Lavanda – Diferença que na FASE se estuda

Jasmim - Art. 5º - LXIII – o preso será informado de seus direitos, entre os quais o de permanecer calado, sendo-lhe assegurada a assistência da família e de advogado.

Jasmim – Também tem uma ligação.

(Rafael) - Se falar desaforos para o policial.

Jasmim – Desacato.

(Rafael) - Mais uma punição. Pode ser até agredido. Todo mundo que é preso tem direito a advogado?

(Várias pessoas) – Sim!

(Rafael) - E quem não tem dinheiro?

Kiwi – Defensor público.

Ingá – Não vai fazer nada.

(Rafael) - Não podemos generalizar, que todo mundo é incompetente. Chama-se Promotoria.

Yuzu – Não funciona: Art. 5º - XLIX– é assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral.

(Rafael) - O que é integridade física e moral?

Jasmim – Não sabemos.

(Rafael) - Como vocês dizem que não funciona, se vocês não sabem o que significa.

Quem pode ajudar?

Malva – Que não vai ser agredido e ofendido.

(Rafael) - O preso é agredido e ofendido?

Yuzu – Sim.

(Rafael) - Tão com preguiça. Mesmo o grupo não sabendo, o grupo acertou o chute.

Jasmim - Art. 5º - LXV–a prisão ilegal será imediatamente relaxada pela autoridade judiciária;

(Rafael) - O que é uma prisão ilegal?

Jasmim – Quando tu não tens culpa e é preso.

Ingá – Sor tem um amigo meu que aconteceu isso.

(Rafael) - Quando a pessoa é presa?

Malva – Pega em flagrante ou denúncia com provas

(Rafael) - Só pode prender com o resultado do juiz

Ingá – Um Uber, colocaram drogas no carro dele e parou na blitz, foi preso

(Rafael) - O dono do carro é responsável pelo seu carro

Kiwi – Minha tia foi pega com celular roubado, 6 meses e mais tornozeleira.

(Rafael) - Como chama quando compra coisa roubada?

Margarida – Interceptação de coisas roubadas.

(Rafael) - Se eu emprestar o carro para alguém e essa pessoa é multada. Vou saber pelo dia e horário. Tem que pedir para a pessoa pagar. Mas é no meu carro. Vou te colocar na justiça. Tem que contratar advogado. Eu tenho prova? Vale a pena?

Ingá – Meu primo colocou um cara na justiça e depois não falou nada na frente do juiz.

Colocou dinheiro fora.

#### Grupo 4

Margarida - Inciso XXXIII – todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado;

As gurias ficaram nervosas porque se atrapalharam.

(Rafael) - Calma gurias, tudo vai dar certo

#### Grupo 5

Tamarindo – Funcionam: Art. 5º - IV– é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

Tamarindo – Funciona por que nas eleições os votos são anônimos

Vacínio - Art. 5º - IX– é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

Vacínio – Funciona porque é uma forma de se expressar seu talento na dança, na música, na pintura e no jornal.

(Rafael) - Na ditadura era proibido.

Acerola– Hoje tem aviso. Para idade também

Butiá – Não funcionam: XI–a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial;

Butiá – Muitas vezes acontece invasão de propriedade sem autorização. Assalto e polícia

#### Grupo 6

Rosa – Funcionam: Art.5º - XXX–é garantido o direito de herança; Art.5º - XXXII–o Estado promoverá, na forma da lei, a defesa do consumidor;

Rosa – Se a pessoa pagou pelo produto, ela tem o direito de devolução dentro do prazo ou erro de fábrica

Kiwi – Sor fui trocar um produto, o cara queria me esculachar e eu esculachei ele. Ele tava errado

Lilás - Art.5º - XXIII – a propriedade atenderá a sua função social

Lilás – Terreno não estiver em uso, o governo não tira

(Rafael) - MST faz acontecer

#### Grupo 7

Bromélia – Funcionam: Art. 7º - São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: (EC no 20/98, EC no 28/2000, EC no 53/2006 e EC no 72/2013) e Art. 7º - VIII– décimo terceiro salário com base na remuneração integral ou no valor da aposentadoria;

(Rafael) - Brinde depois de 12 meses. O que é banco de horas?

Lavanda – Não funcionam: Art. 6º - São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (EC no 26/2000, EC no 64/2010 e EC no 90/2015)

Lavanda – A segurança não é incluída

Nube - Inciso XIII– duração do trabalho normal não superior a oito horas diárias e quarenta e quatro semanais, facultada a compensação de horários e a redução da jornada, mediante acordo ou convenção coletiva de trabalho;

Nube – Trabalham mais sem ganhar hora extra.

Grupo 8

Mamão – Funcionam: LXIX–conceder-se-á mandado de segurança para proteger direito líquido e certo, não amparado por habeas corpus ou habeas data, quando o responsável pela ilegalidade ou abuso de poder for autoridade pública ou agente de pessoa jurídica no exercício de atribuições do Poder Público;

Mamão – Se tu levar uma multa tu sabe por que tu levou uma multa.

Mamão - LXXVI–são gratuitos para os reconhecidamente pobres, na forma da lei: a) o registro civil de nascimento; b) a certidão de óbito;

(Rafael) - Todos os documentos são pagos.

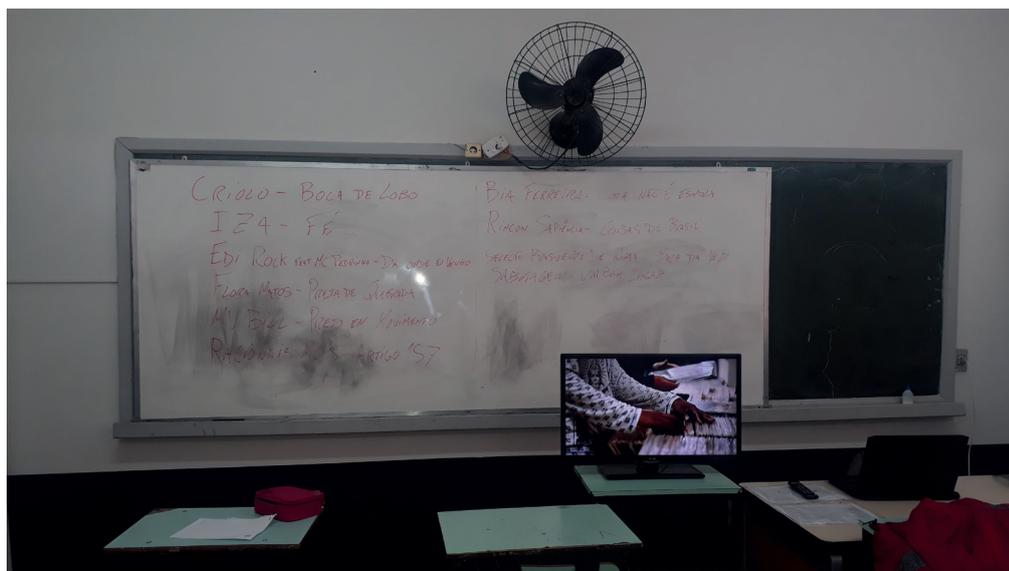
Magnólia – Não funcionam:LXXIV–o Estado prestará assistência jurídica integral e gratuita aos que comprovarem insuficiência de recursos e LXXV– o Estado indenizará o condenado por erro judiciário, assim como o que ficar preso além do tempo fixado na sentença.

Magnólia - Processo demorado e muitas vezes o condenado fica mais tempo preso.

(Rafael) - Nós falamos sobre vários âmbitos da vida das pessoas. Importante conhecer os direitos e deveres de vocês. Temos que lutar pelos nossos direitos. Como o Kiwi falou que o cara não queria trocar o produto. Busca no “control F”, a Constituição está no celular. Não deixem de buscar os direitos de vocês. Se responsabilizem pelas coisas que vocês fazem. Interceptação de coisas roubadas. Cuidado.

Encontro 9 e 10 – 13/10/2022 e 20/10/2022 – 3 horas e 40 minutos – Reflexões sobre como exigir a execução na prática da Constituição Brasileira por meio da Arte e Cultura Hip Hop – Clipes de RAP e Graffitis

Foto 15: Encontro onde foram mostrados Clipes e Graffitis para inspirar os cartazes



Clipes: Boca de Lobo (Criolo)<sup>19</sup>, Fé (Iza)<sup>20</sup>, De onde eu venho (Edi Rock feat Pedrinho)<sup>21</sup>, Cota não é Esmola (Bia Ferreira)<sup>22</sup>, Preto em Movimento (MV Bill)<sup>23</sup>, Preta de Quebrada (Flora Matos)<sup>24</sup>, Artigo 157 (Racionais MC's)<sup>25</sup>, Coisas de Brasil (Rincon Sapiência)<sup>26</sup>

Iniciamos os encontros mudando a organização da sala, de filas para uma disposição das classes em roda. Nos dois encontros, assistimos a clipes e graffitis, que de alguma forma, questionam a situação de racismo, machismo e as dificuldades das populações pobres e marginalizadas do Brasil. As educandas e educandos foram divididos em grupos e fizeram anotações, para que nos próximos encontros produzam cartazes que aliem as letras dos RAPs e os Graffitis, no intuito de criarem formas de contestação aos diferentes preconceitos que existem em nossa sociedade.

19 Assista ao vídeo [Boca de Lobo \(Criolo\)](#)

20 Assista ao vídeo [Fé \(Iza\)](#)

21 Assista ao vídeo [De onde eu venho \(Edi Rock feat Mc Pedrinho\)](#)

22 Assista ao vídeo [Cota não é esmola \(Bia Ferreira\)](#)

23 Assista ao vídeo [Preto em Movimento \(MV Bill\)](#)

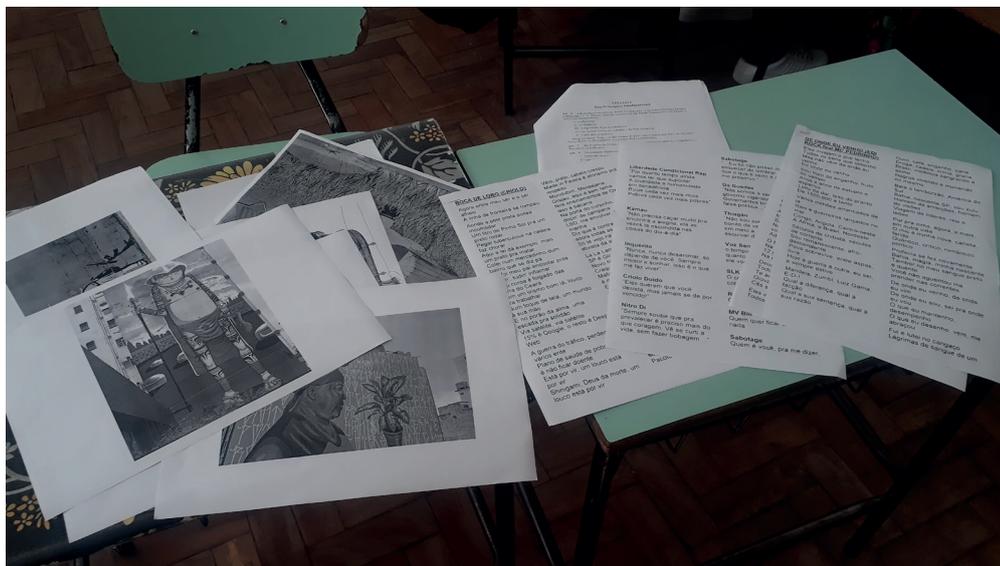
24 Assista ao vídeo [Preta de Quebrada \(Flora Matos\)](#)

25 Assista ao vídeo [Artigo 157 \(Racionais MC's\)](#)

26 Assista ao vídeo [Coisas de Brasil \(Rincon Sapiência\)](#)

Encontro 11 e 12 – 27/10/2022 e 03/11/2022 – 3 horas e 40 minutos – Produção de Cartazes em Grupos

Foto 16: Letras e graffitis impressos para utilização nos cartazes



A turma foi dividida em 8 grupos, escolhidos com autonomia pelas educandas e educandos, que de forma criativa produziram cartazes com imagens de Graffitis, desenhos, frases de RAPs e outras palavras, bem como frases da própria autoria dos grupos ou que foram pesquisadas na internet. Foram produzidos 10 Cartazes durante os dois encontros.

Foto 17: Grupo fazendo os cartazes



Foto 18: Grupos fazendo os cartazes



Encontro 13 – 10/11/2022 – 4 Horas - Visita à Casa da Cultura Hip Hop de Esteio

Foto 19: Recepção da Casa da Cultura Hip Hop de Esteio



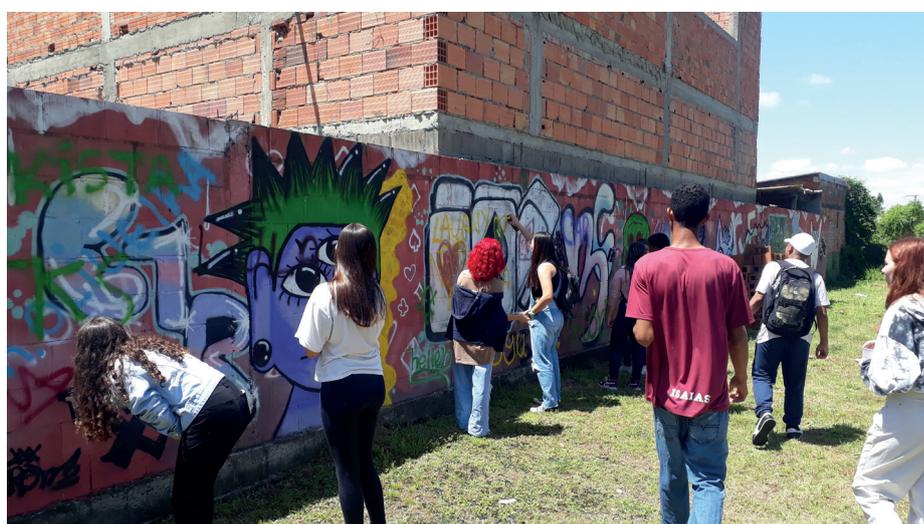
Foto 20: Vivência com os Coordenadores no segundo piso da CCHE



Foto 21: Oficina de RAP com o Educador Fiapo



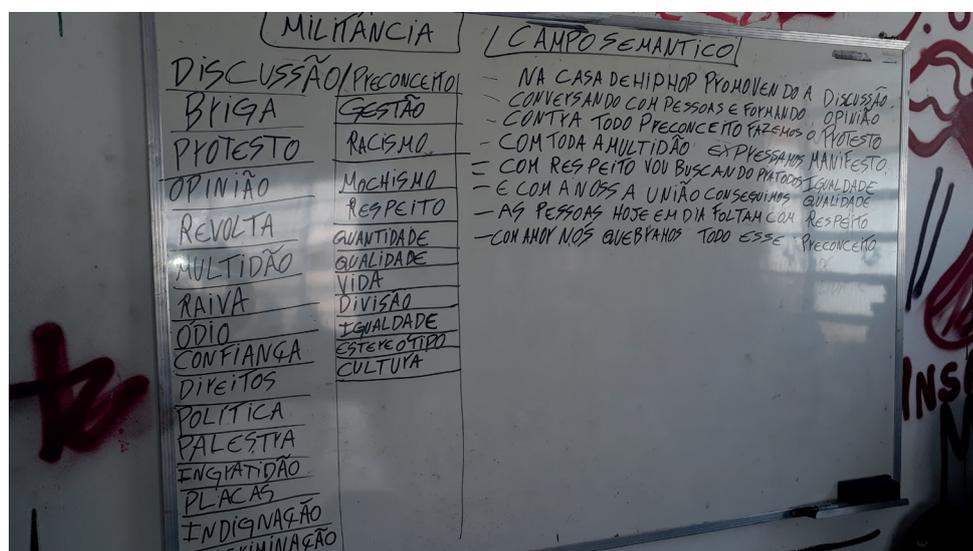
Foto 22: Oficina de Graffiti com a Educadora Marcinha



Saída de Campo na Casa da Cultura Hip Hop de Esteio. O transporte foi gratuito, por meio de um projeto apresentado à Prefeitura de Sapucaia do Sul, que disponibilizou um ônibus com motorista. O encontro foi durante toda a manhã. Nesse encontro, a turma conheceu a CCHE, e fizeram uma troca com o Coordenador de Produção e Eventos, Alan Bittelo, e com a Coordenadora da Casa, Natália Santos, que contaram um pouco da História da ACHE e da CCHE. O segundo momento da vivência foi uma oficina de MC mediada pelo Rapper e Educador Fiapo Soldado, em que o grupo, coletivamente, produziu uma letra de RAP com contexto social e cantou. O tema foi escolhido pelas educandas e educandos: Militância. O exercício consistia em fazer uma construção no campo semântico, primeiramente, escolhendo palavras ligadas aos temas, depois construindo frases com rimas e, por fim, cantando. Cabe destacar que essa construção foi feita em coletivo e quase toda turma contribuiu. A letra produzida na oficina:

Na Casa de Hip Hop promovendo a discussão  
 Conversando com pessoas e formando opinião  
 Contra todo preconceito fazendo o protesto  
 Com toda a multidão expressamos manifesto  
 Com respeito vou buscando pra todos igualdade  
 E com a nossa união conseguimos qualidade  
 As pessoas hoje em dia faltam com respeito  
 Com amor nós quebramos todo esse preconceito

Foto 23: Quadro com a construção da letra.



A terceira atividade foi uma oficina de Graffiti, mediada pela Educadora e Escritora de Graffiti Marcinha Dark, em que as educandas e educandos tiveram uma experiência com spray e produziram pichações de seus nomes, apelidos e algumas de contestação social.

Foto 24: Graffitis 1) Lute como uma mulher. 2) Girls Power Mulheres no Poder.



Após as duas oficinas, as educandas e educandos ficaram livres para vivenciarem a Casa como lhes agradassem; alguns ficaram rimando na sala de MC, outras continuaram fazendo pichações nos muros, também fizeram lanche e circularam no Espaço, livremente. Finalizamos a vivência com uma foto na fachada da CCHE.

Foto 25: Educandos na rimando na Oficina de MC



Foto 26: Graffiti feito por uma educanda com o nome da Escola e a série.



Foto 27: Equipe da CCHE e Turma na fachada que estava sendo graffitada



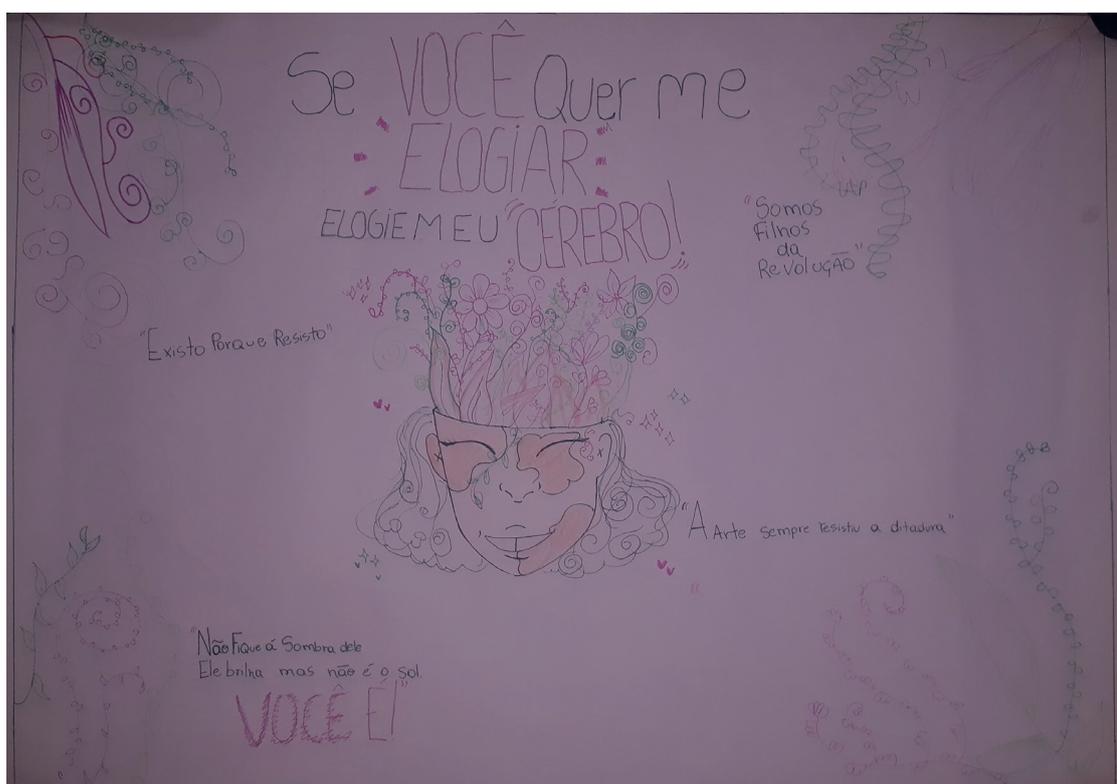
Encontro 14 – 17/11/2022 – 1 hora e 50 minutos – Apresentação e colagem dos Cartazes produzidos

Iniciamos o encontro mudando a organização da sala, de filas para uma disposição das classes em roda. Nesse encontro, cada grupo apresentou os cartazes e fez uma breve contextualização dos temas abordados nos mesmos. As colagens foram feitas pelas próprias educandas e educandos nos corredores da escola, a maioria foi colado perto da sala e alguns perto da escada da escola. Vamos agora mostrar as fotos dos cartazes confeccionados e as apresentações destes em um áudio transcrito.

Transcrição do Áudio do Encontro:

Cartaz 1

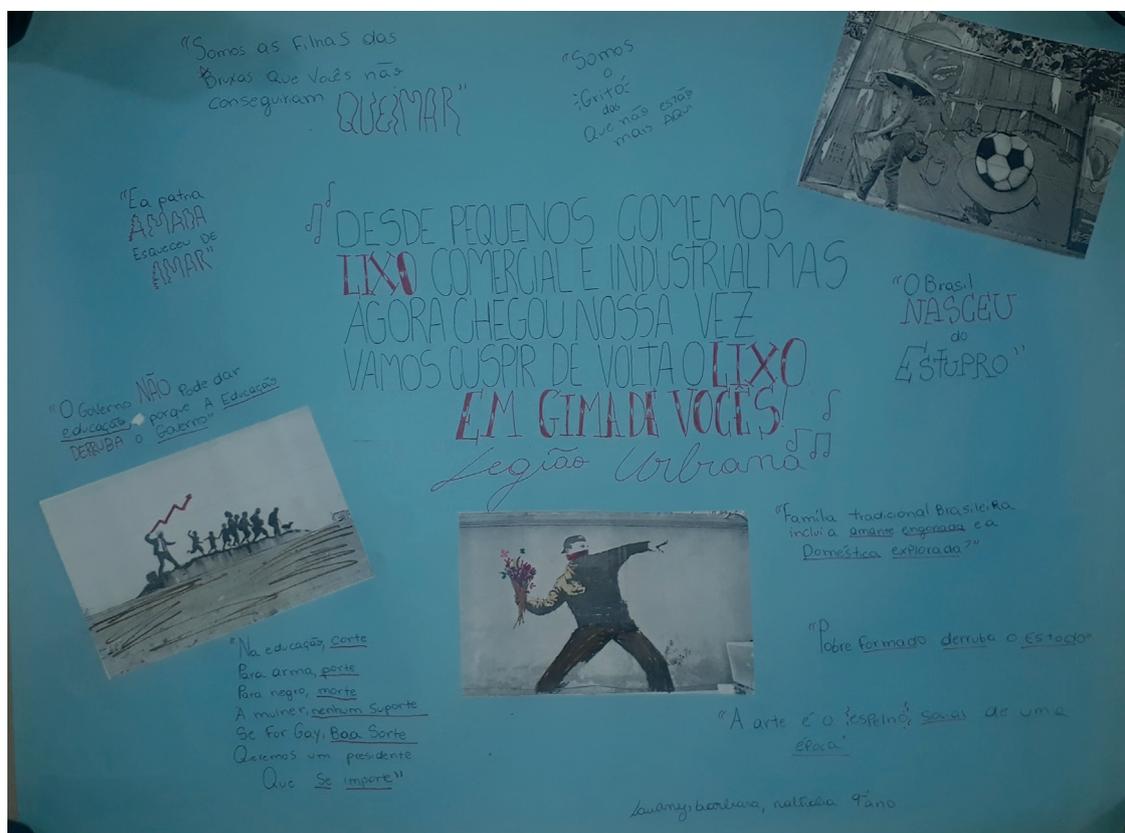
Foto 28: Cartaz 1



Lavanda – Nosso cartaz é sobre a Revolução feminista: as pessoas colocam um padrão em cima de nós, dizendo que a gente tem que ser muito bonita e magra. As pessoas não entendem que a gente não quer isso. As pessoas falam “que a beleza dói”, mas o que dói é o padrão. A gente queria dizer que as pessoas têm que elogiar nossa personalidade, nosso cérebro e nossa inteligência. Porque nós mulheres somos muito inteligentes. Nós enfrentamos muitas coisas. Eu peguei uma frase da Cristina do Grey’s Anatomy, ela é uma mulher muito forte na série, e eu queria representar ela no cartaz. Em volta tem outras frases. E a gente decidiu fazer várias flores.

## Cartaz 2

Foto 29: Cartaz 2



Lavanda – Nesse cartaz eu peguei uma frase do conjunto musical Legião Urbana “desde pequenos comemos lixo comercial e industrial, mas agora chegou nossa vez, vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês”. Que é uma frase da Legião Urbana, que a gente queria que todo mundo tivesse mais respeito com todo mundo. Que a gente não desse bola só pelo o dinheiro, desse bola para as pessoas, que a gente não fosse tão agressivo. A gente queria uma paz mais nesse mundo. E tem algumas frases aqui: “Que o Governo não pode dar educação porque a educação derruba o Governo”, “E a Pátria amada esqueceu de amar”, entre outras frases que falam sobre isso, pra gente debater.

(Rafael) - Lê para o pessoal mais algumas frases, por gentileza, são frases interessantes.

Bromélia – “Somos as filhas das bruxas que vocês não conseguiram queimar”, “Somos o grito dos que não estão mais aqui”, “O Brasil nasceu do estupro”, “Família tradicional brasileira inclui amante enganada e a doméstica explorada”, “pobre formado derruba Estado”, “A arte é o espelho social de uma época” e “Na educação, corte. Para arma, porte. Para negro, mor-

te. À mulher, nenhum suporte. Se for gay, boa sorte. Queremos um presidente que se importe”.

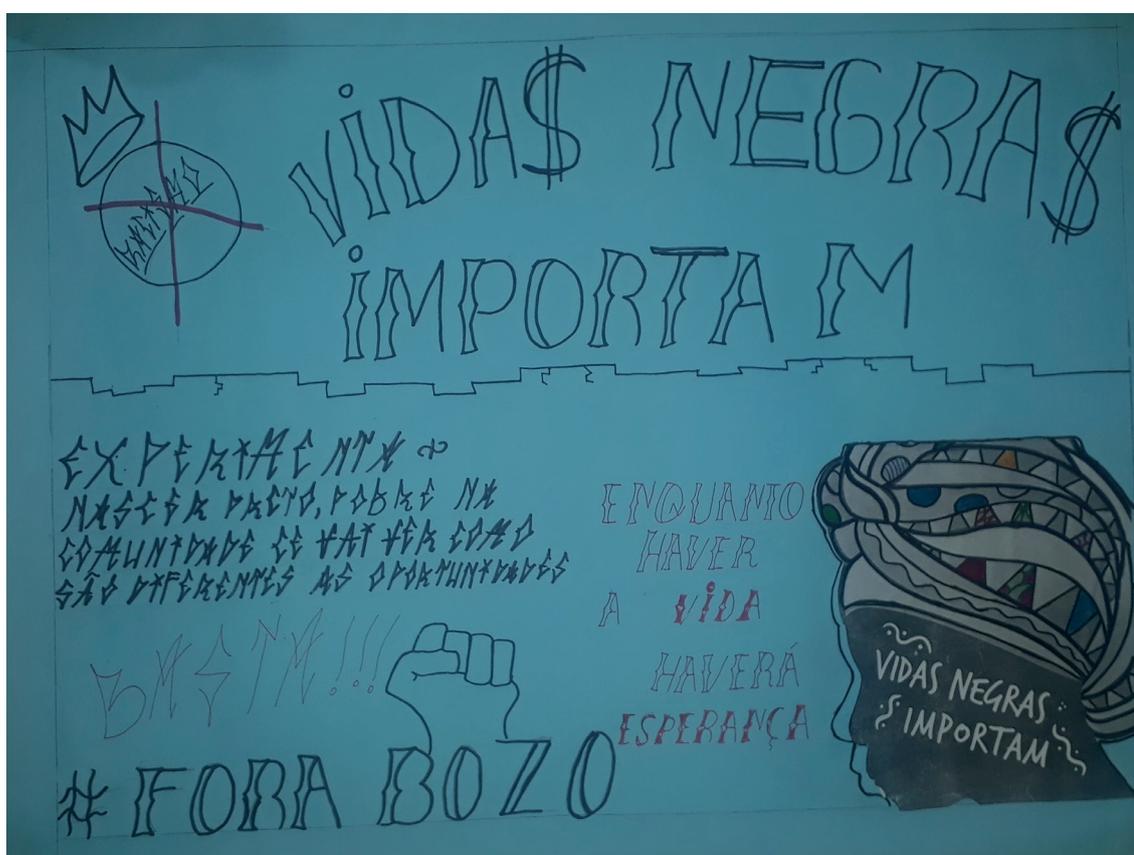
(Rafael) - Muito bom né!!!

(Palmas - muita gente)

(Rafael) - Várias frases e questionamentos interessantes.

Cartaz 3

Foto 30: Cartaz 3



Mamão – Oi!!! (Risos) Tá, começa pelo título que tem um significado, “Vidas Negras Importam”. O primeiro significado é os dois cifrão nas duas primeiras palavras, porque tem muita gente querendo ganhar dinheiro em cima dessa frase. O outro é a letra dessa música, de uma cantora que eu não me lembro o nome.

(Rafael) - Lê a letra, por gentileza.

Limão – “Experimenta nascer preto, pobre na comunidade cê vai ver como são diferentes as oportunidades”.

(Rafael) - É a Bia Ferreira.

Mamão – Aqui outra frase: “Enquanto houver vida haverá esperança”. Aqui é uma mulher negra “Vidas negras importam”. E aqui é “Fora Bozo”. Aqui na verdade é o muro, que onde a gente passa, toda hora tem graffitis. Um deles é o “Fora Bozo”, porque ele já cometeu vários atos de racismo e preconceitos. Contra jornalistas e também atos de machismo. E aqui é o Basta com um símbolo da consciência negra.

(Rafael) - E lá em cima é o que mesmo?

Mamão – Racismo e um “X” em cima

(Rafael) - Mas tem uma coroa?

mamão – Sim, tem uma coroa.

(Rafael) - Normalmente essa coroa é utilizada pelo pessoal do Hip Hop, pois, se chamam de Queen e King, Reis e Rainhas, por isso, desenham uma coroa. Uma salva de palmas para o grupo.

(Muitas palmas)

Cartaz 4

Foto 31: Cartaz 4



Guaraná – Nosso trabalho é sobre os “Graffitis e suas Expressões”, porque a gente acredita que expressa muitas coisas o Graffiti.

Kiwi– Aqui a gente tem “a violência não resolve problemas, mas sim cria novos conflitos”. Tem mais “Esta imagem representa que a redução da maioridade penal suicida os jovens tanto fisicamente quanto mentalmente”. E a terceira “A imagem representada demonstra que a Biodiversidade é algo essencial para o meio ambiente”.

Acerola – Na nossa visão o Graffiti expressa alguma realidade através da imagem

(Rafael) - Muito bom!!!

(Palmas)

Cartaz 5

Foto 32: Cartaz 5



Lótus – O nosso trabalho é sobre política. Aqui a gente colocou várias coisas referentes a isso: aqui uma delas é como o governo é machista na maioria das vezes e gosta de comandar

as mulheres e entre outras coisas machistas. Dizendo frases, como o nosso presidente né!? Aqui tem sobre a pobreza, não só no Brasil, mas mundialmente a maioria das vezes é por conta da política também: “Um país onde o pobre fica cada vez mais pobre”. Significa que alguns presidentes governam só para os ricos e os pobres ficam cada vez mais. E isso só aumenta mais a pobreza e a fome. Aqui é para não deixar que comprem o teu voto, porque o teu voto importa sim. E não deixa né!! Aqui é “ordem e progresso” e tem um Graffiti com “violência, corrupção, desemprego, censura, sem educação e abandono”. E aqui “Não é a política que faz o candidato virar ladrão. É o seu voto que faz o ladrão virar político”. Aqui diz também: “O que adianta ganhar tesouros, títulos e medalhas e perder sua alma!”. Que a gente pensou mais que muitas vezes os políticos roubam muito e perde a confiança do povo. Então não adianta tu roubar tanto e perder a confiança do povo, e o povo te odiar e te tirar da presidência. Porque tu vai sair perdendo de todo jeito, porque tu vai parar de comandar o teu país. Porque alguns políticos entram só para roubar e não para fazer o que realmente precisa.

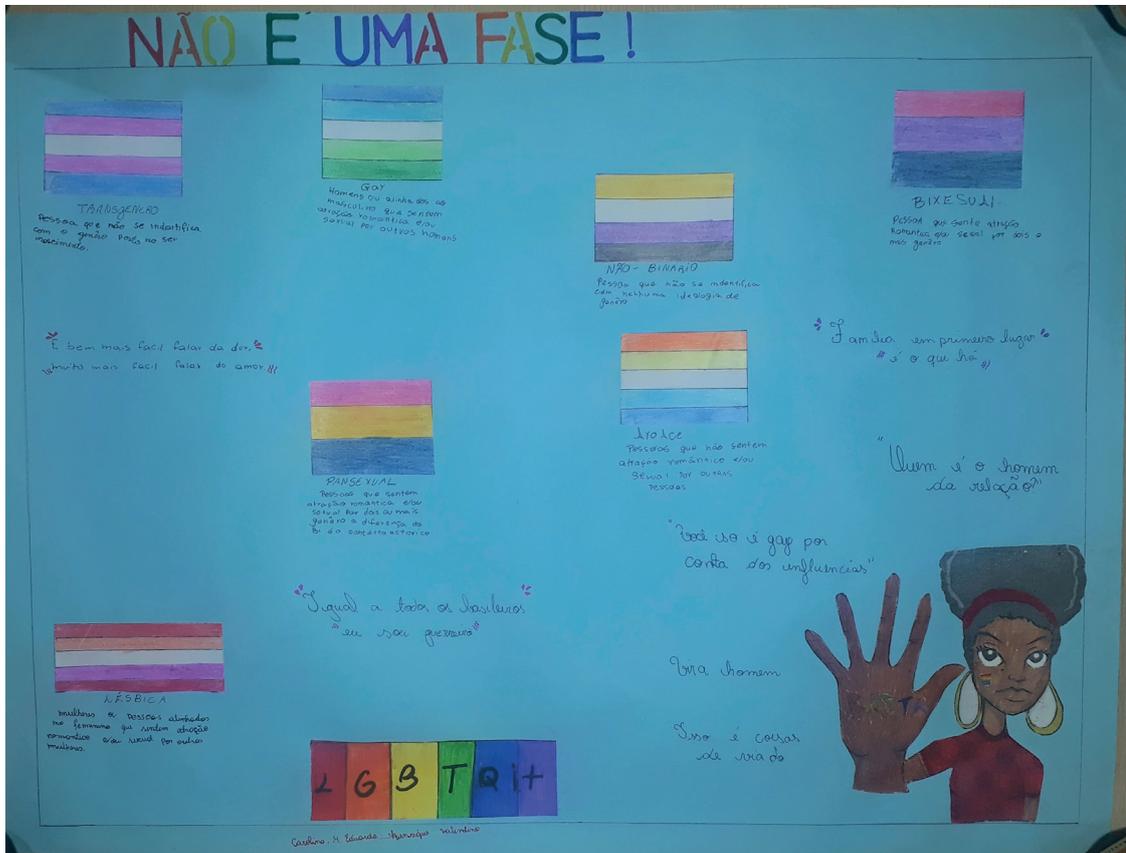
(Rafael) - Muito bom!!!

(Muitas palmas)

(Rafael) - Eu achei interessante que as gurias para além de fazer uma crítica à política e aos políticos, também trazem a responsabilidade que a gente tem. A gente que escolhe, é a gente que coloca lá. Então se a gente não colocar lá, eles não se candidatam. A importância de a gente pensar qual é a nossa responsabilidade. Também lembrando que não são só os políticos que roubam. Várias pessoas são corruptas nas suas ações. Achei interessante essa responsabilização que as gurias trouxeram para nós que votamos.

## Cartaz 6

Foto 33: Cartaz 6



Camélia - A gente quis fazer um trabalho mostrando as principais frases que os pais falam para os filhos. Que seria que bissexual “é só uma fase”, “Vira homem”, “você só é gay por conta das influências”, não, não é !!! Muitas vezes as pessoas, os adolescentes, estão até se descobrindo. Então acreditamos que não é só uma fase! As pessoas hoje em dia têm muito preconceito e a sociedade é completamente machista. Que não entende que tem vários gêneros. Porque eu sou hetero, só existe hetero. Não! Tem várias sexualidades e todo mundo tem que respeitar. Isso não importa, a pessoa não é menos humana que tu por sua sexualidade. Ao contrário, as vezes são mais puros que muita gente.

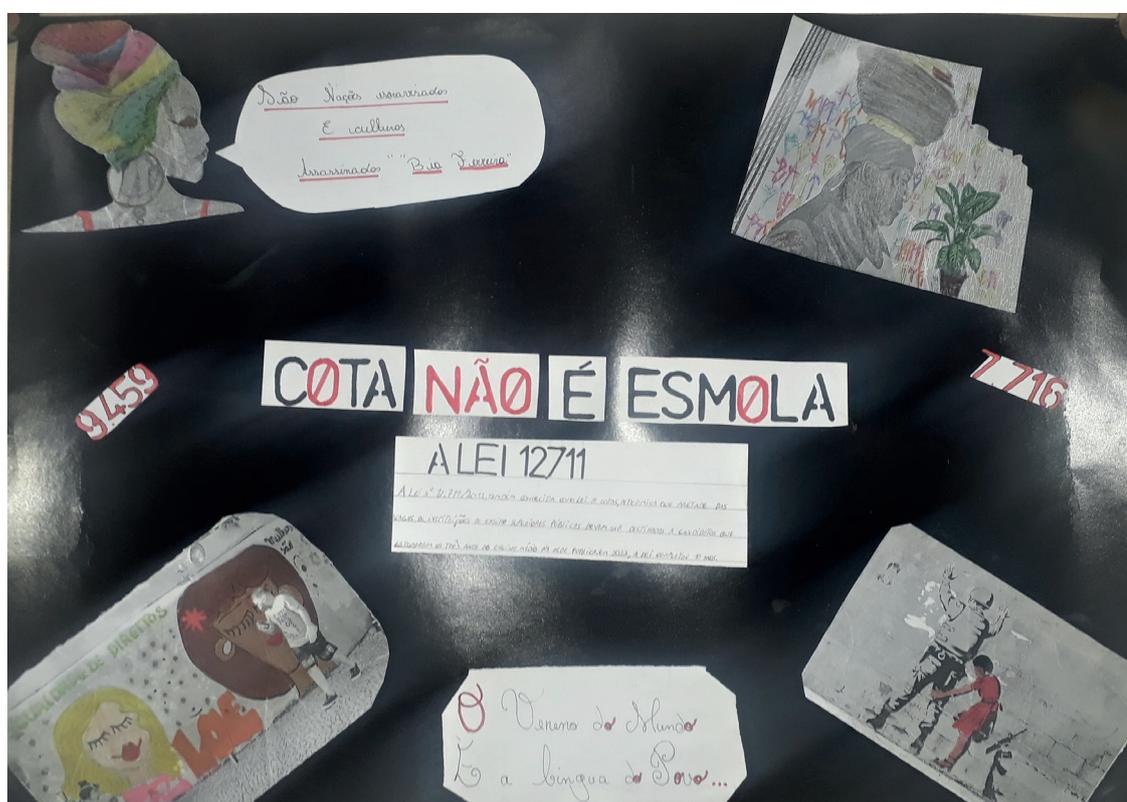
Violeta – “Gay: homem ou alinhado ao masculino que sentem atração romântica e/ou sexual por outros homens”, “Transgênero: pessoas que não se identificam com gênero posto no seu nascimento”, “Não-binário: pessoa que não se identifica com nenhuma ideologia de gênero”, “Bissexual: pessoa que sente atração romântica e/ou sexual por dois ou mais gêneros”, “Aroace: pessoa que não sentem atração romântica e/ou sexual por outras pessoas”, “Pansexu-

al: pessoa que sente atração romântica e/ou sexual por dois ou mais gêneros, a diferença do Bi é o contexto histórico”, “Lésbica: mulheres ou pessoas alinhadas ao feminino que sentem atração romântica e/ou sexual por outras mulheres”.

Margarida – E tem a Marielle Franco representada aqui embaixo, que além de ser uma mulher lésbica, ela também era negra. (continua a falar)

Cartaz 7

Foto 34: Cartaz 7



Margarida – Que no próximo cartaz que a gente fez, que é contra o racismo. Explicando sobre as falas do racismo e que a “cota não é esmola”, como diz a música da Bia Ferreira, esse é o título da música. Onde ela diz que “São Nações escravizadas e culturas assassinadas”. A gente tem também a Lei da Cota que colocamos aqui embaixo, pode lê? “A Lei 12711, também conhecida como Lei de Cotas, determina que metade das vagas de Instituições de Ensino Superior Públicas devem ser destinadas a candidatos que estudaram os três anos do Ensino Médio em Escola Pública, em 2022, a Lei completou 10 anos”. Ou por cotas raciais e renda também. Temos uma frase que eu gostei bastante, que entra nesse tema, que é “O veneno do mundo é a

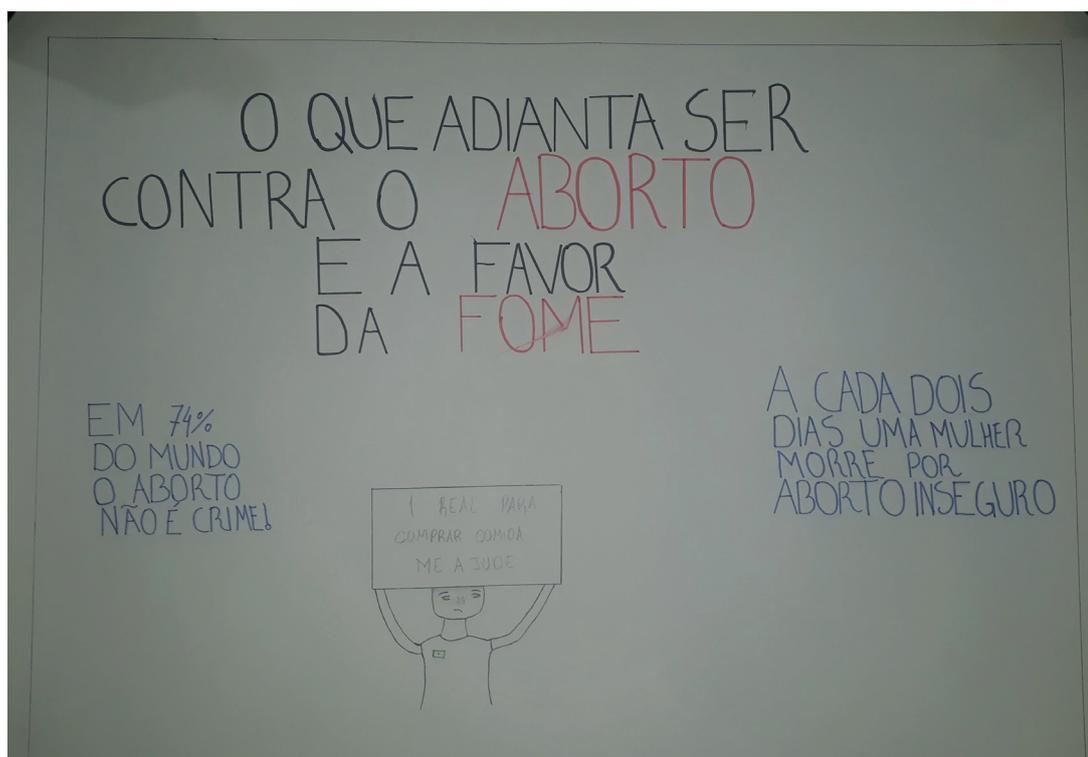
língua do povo”. Porque uma palavra por causa da tua cor pode te machucar muito. Hoje em dia, a tua cor é mais importante que o teu caráter. Se tu não for o padrão da sociedade, se tu não for da cor que eles querem, tu não é uma boa pessoa. Tu pode ser desvalorizado por conta da tua própria cor, sendo que tu não tem culpa de ter nascido assim. E aí eu coloquei aqui as Leis. Aqui é a Lei do Racismo no Brasil, contra o Racismo. E aqui é a Lei Contra os Crimes de Preconceito. É os números das Leis. 7.716 é a Lei Contra o Racismo. E aqui a 9.459 Lei Contra os Crimes de Preconceito.

(Rafael) - Muito bom!!!

(Muitas palmas)

Cartaz 8

Foto 35: Cartaz 8



Magnólia – Nosso cartaz é uma crítica social as pessoas que são “contra o aborto e a favor da fome”. Pessoas que estão sempre comentando na internet que as mulheres que abortam estão erradas por ter um ser humano na barriga, e nas ruas quando passa uma criança pedindo dinheiro para comprar comida, por que a mãe às vezes não tem condições de com-

prar o leite para o neném, nega. Como está o desenho ali, o menino pedindo dinheiro para comprar comida e uma bandeira do Brasil. E a gente colocou umas frases: “A cada dois dias uma mulher morre por aborto inseguro”, porque aqui não é legalizado, então as mulheres vão atrás nas ruas em casa de aborto. Muitas acabam morrendo ou pegando uma doença ou até o nenê acaba nascendo com alguma coisa.

Rosa – O aborto é legalizado na Argentina, no Uruguai e no México. As mulheres mais ricas acabam saindo do Brasil para ir para esses outros países, porque tem condições de sair do país para abortar.

(Rafael) - 74% né gente, então é uma maioria esmagadora dos países que legalizam o aborto. Vocês sabem qual é o motivo de aqui no Brasil ser proibido o aborto?

(silêncio da turma)

(Rafael) - É a questão religiosa, aqui no Brasil é muito forte. A ideia do debate religioso é que o feto, o aborto é até 3 meses né?

Rosa – Em alguns lugares como a Argentina é até 4 meses.

(Rafael) - Isso! Porque depois de determinado tempo pode até matar a mãe, a segurança é de até 4 meses. As pessoas dizem, o debate dos religiosos, é de que o feto ali já teria uma alma, já seria um ser vivo e seria como se a gente estivesse assassinando alguém. No entanto, a gente sabe o porquê que as mulheres querem fazer o aborto. Normalmente é uma violência. Normalmente não foi uma escolha da mulher. Normalmente essa mulher vai ter que sofrer com essa violência para o resto da vida. Porque ela também não tem condições, não está preparada socialmente para poder cuidar dessa criança.

Magnólia – Muitas vezes também é negado pela justiça mesmo sendo violência. A maioria das vezes.

(Rafael) - Acaba que as coisas se somam. As gurias estavam apresentando a questão do feminismo, da violência contra as mulheres que é muito grande, a questão do racismo, estão juntas uma mulher negra com a mulher. E culmina nessa questão do aborto que também não é permitido, que na coisa que mais lhe cabe que é escolher se vai ter um filho ou não, também não lhe é permitido. No fim das contas a gente tem números de violência contra as mulheres absurdos e culmina com essa impossibilidade de a mulher poder escolher. Então ela sofre a violência e tem que cuidar dessa violência para o resto da vida.

Magnólia – Que é a criança estar lembrando a ela todos os dias a violência que ela passou.

Malva – E, até quando a mulher não quer ficar com o neném, as pessoas julgam do mesmo jeito. Se não querem que a mulher ponha para adoção, não querem que aborte, querem que ela faça o que?

(Rafael) - Vocês sabiam que hoje em dia se fala no aborto do pai? Que é quando o pai não está presente. Quando o pai aborta a sua condição enquanto pai. Se questiona a mulher abortar, mas não se questiona o direito de os pais abandonarem as famílias, abandonarem os filhos. A gente tem um grande índice no Brasil de abandono dos pais.

Magnólia – Que é o machismo, a mulher tem que cuidar dos filhos sozinha e muitas vezes não tem condição.

(Rafael) - É o que a gente vê muito nas escolas, a gente vê só as mulheres. É difícil a gente ver um pai vir buscar o boletim ou no conselho, difícil ser presente. Normalmente são as mulheres que estão presentes. Hoje a gente vive um momento, felizmente, que não é mais vergonha o homem vir na escola. Hoje se exige que o homem cuide de seus filhos. Hoje em dia, têm homens que renunciam às suas atividades para ficar cuidando dos filhos em casa. Que era uma coisa antigamente absurda, era ridículo um homem ficar cuidando dos filhos. Então essa é uma mudança que a gente está fazendo aos poucos. Tudo isso que a gente está discutindo hoje são mudanças que a nossa sociedade está fazendo. Essas leis que vocês citaram são leis recentes. Faz 20, 30 anos que existem leis tanto de defesa das mulheres, leis contra a homofobia, leis contra o racismo. E essa lei é uma que a gente ainda não conseguiu. Apesar do mundo todo estar direcionado nesse caminho, essa é uma luta que ainda não foi vencida no nosso país. Eu acredito que cada pessoa tem a sua opinião, mas no fim das contas quem tem que decidir são as pessoas que estão vivendo isso. Eu achei muito interessante a iniciativa das gurias e a coragem de falar sobre esse assunto. Uma salva de palmas, gente.

(Muitas palmas)

## Cartaz 9

Foto 36: Cartaz 9



Erva-doce – “Igualdade de direitos”, na minha opinião mulheres, principalmente, mulheres negras têm que ter os mesmos direitos de homens brancos.

Jacarandá - Nosso corpo não é convite para dizer e passar a mão. “Lugar de mulher é onde ela quiser”, mulher pode trabalhar, estudar e fazer o que ela quiser. Tem que ser respeitada.

Malva – O título do nosso trabalho é “Lute como uma mulher”, por que nascer mulher no nosso país hoje em dia tu já é uma guerreira. Tu já tem que nascer preparada para tu que vai acontecer. No Brasil “A cada 7 horas uma mulher é vítima de feminicídio, são mais ou menos 3 mulheres por dia que morrem apenas por serem mulheres”. Não tem motivo, às vezes o próprio companheiro ou por pessoas na rua. Tem mais uma frase aqui que é bem forte: “Não ensinam mulheres como não serem estupradas, ensinam os homens a nos respeitar”. Eu já ouvi muitas pessoas falarem “Cuida quando sair na rua”, “Cuida o horário que sai”, “Não sai sozinha”. E a mãe em casa não ensina o filho homem que não pode buzinar, assobiar, passar a mão numa mulher na rua ou na escola. E aqui tem uma frase dizendo que o “Silêncio também mata”. As vezes as pessoas sofrem um assédio ou abuso sexual mesmo e não falam por medo ou ameaça. Mas é só ligar para o 190, pode ser anônimo.

Erva-doce – 180!

Malva – Desculpa, é 180. E pra pedir ajuda mesmo, porque assédio é crime. E tu não pode ficar em silêncio, porque tu vai ficar com esse trauma pro resto da tua vida. Tu pode até acabar engravidando, aí é mais outra coisa. E o aborto não é legalizado. Tem o caso da menina de 13 anos que foi estuprada pelo tio e não queria legalizar ela a abortar. Mas ela não ficou em silêncio, o que foi importante.

(Rafael) - As gurias trouxeram uma questão que é muito importante, que eu falei um pouco antes, que é a responsabilidade dos homens. Certo!? Assim como a responsabilidade das pessoas brancas que têm seus privilégios. Quem tem seus privilégios tem que saber abrir mão dos seus privilégios, respeitando as pessoas. Então, muitas vezes os homens são ensinados que eles têm direito a tudo. E é por isso que eles buzinam e passam a mão. A crítica que as gurias fazem em relação à educação dos homens, que também é feita pelas mulheres, faz a gente notar que o machismo e o racismo muitas vezes ele não está ligado a pessoa que sofre, porque ela sofre, mas também reproduz. Porque é a própria mulher que não tá pegando no pé do homem dizendo “Não passa a mão, respeita as mulheres”. Muitas vezes, não é só na nossa casa. Isso aqui vai começar agora no verão aqui na escola, vão dizer para vocês não usar saia, não usar roupas curtas. E dificilmente vão dizer para os guris.

Malva – Isso aconteceu, a gente foi proibido de usar shorts curtos, só abaixo dos joelhos. Mas os guris podiam vir com calção curtíssimo, sem camisa. O que valia para um não valia para o outro.

(Rafael) - E outra coisa, quando um guri fala uma bobagem tem que chamar ele para responder pela bobagem que falou.

Lavanda – Assédio não é elogio!

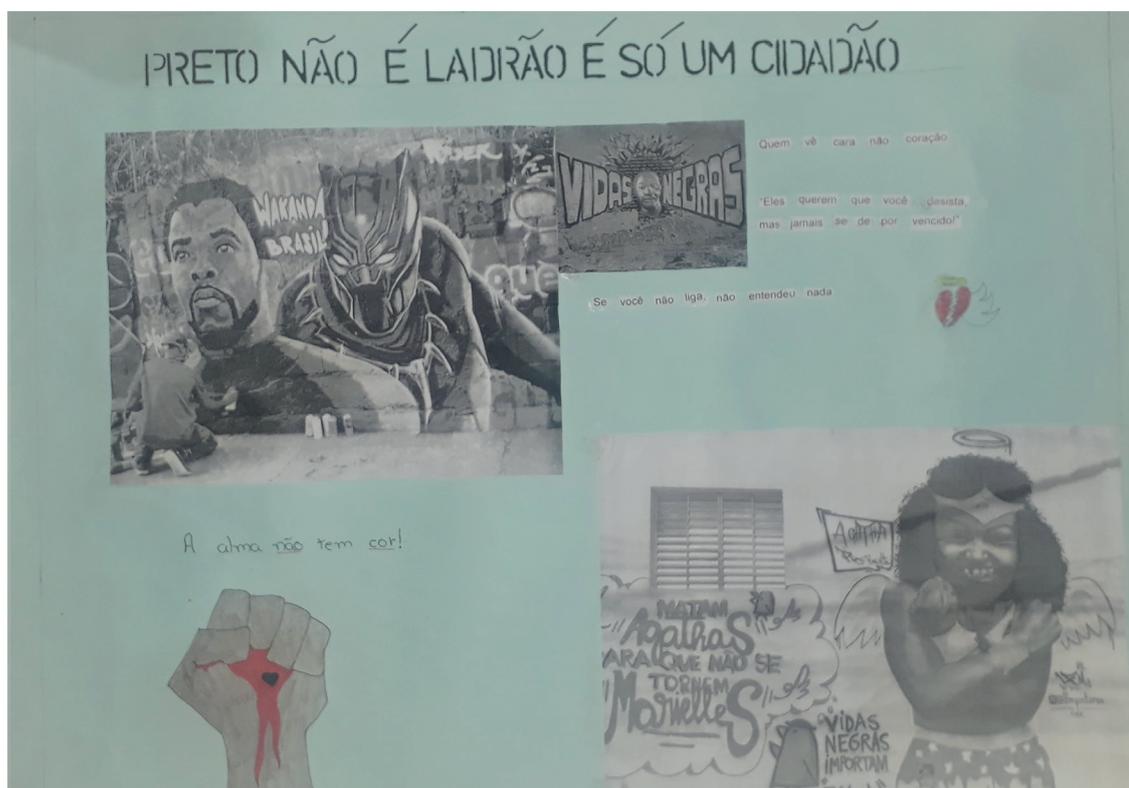
(Rafael) - Nem um dos guris aqui são uns babões, não precisa ficar babando pelas gurias. Tem que ter discernimento e saber que tem que respeitar as outras pessoas. Isso de ficar buzinando e falando bobagem é coisa de tarado, porque não consegue se controlar. O homem quando faz uma coisa dessa ele é um descontrolado. Porque se realmente o homem tem interesse pela mulher e quer elogiar a mulher, ele tem de achar uma maneira adequada e respeitosa de fazer. Isso são escolhas. Eu não acredito que o homem vai conquistar uma mulher puxando um cabelo, passando a mão, buzinando e assobiando. Se o homem tem interesse real em elogiar uma mulher, ele tem que pensar bem. Porque as mulheres são muito inteligentes e qualquer idiotice elas não aceitam. O silêncio é muitas vezes mais elogioso do que uma bobagem que vocês vão falar. Gurizada, vamos ter discernimento. As gurias conversam entre elas. O respeito

é para vocês também. Vocês se respeitam respeitando as gurias. Vocês vão ter bom conceito entre as gurias se vocês respeitarem as gurias. Então, assim, quem tem o privilégio de ser homem, ser branco, ser heterossexual tem que saber lidar com a diferença e respeitar essa diferença. É o que o Sabotage sempre disse: “Respeito é pra quem tem”. Se a gente respeita as outras pessoas, as pessoas vão nos respeitar. Vão querer estar com a gente, vão nos convidar para ir a casa delas, vão nos convidar para participar da festa, vão nos convidar para se divertir junto. Agora se a gente é trouxa, ninguém nos convida. Essa ideia de “eu tenho direito de ser trouxa”, eu não concordo com isso. Eu fico muito feliz com os trabalhos que vocês estão fazendo, eu estou muito orgulhoso de vocês!

(muitas palmas)

Cartaz 10

Foto 37: Cartaz 10



Tamarindo - Vamos falar sobre o racismo que acontece muito no Brasil e em outros países. Uma coisa muito séria que acontece no mundo e prejudica muitas pessoas. Só porque é favelado não quer dizer que é ladrão. Isso é uma coisa muito errada! E o respeito é acima de tudo.

(Rafael) - Quais as frases vocês colocaram?

Butiá - “Quem vê cara não vê coração”, “Eles querem que você desista, mas jamais se dê por vencido”, “Se você não liga, não entendeu nada”, “Não sou o Movimento Negro, sou o Preto em movimento” e “Preto não é ladrão é só um cidadão”.

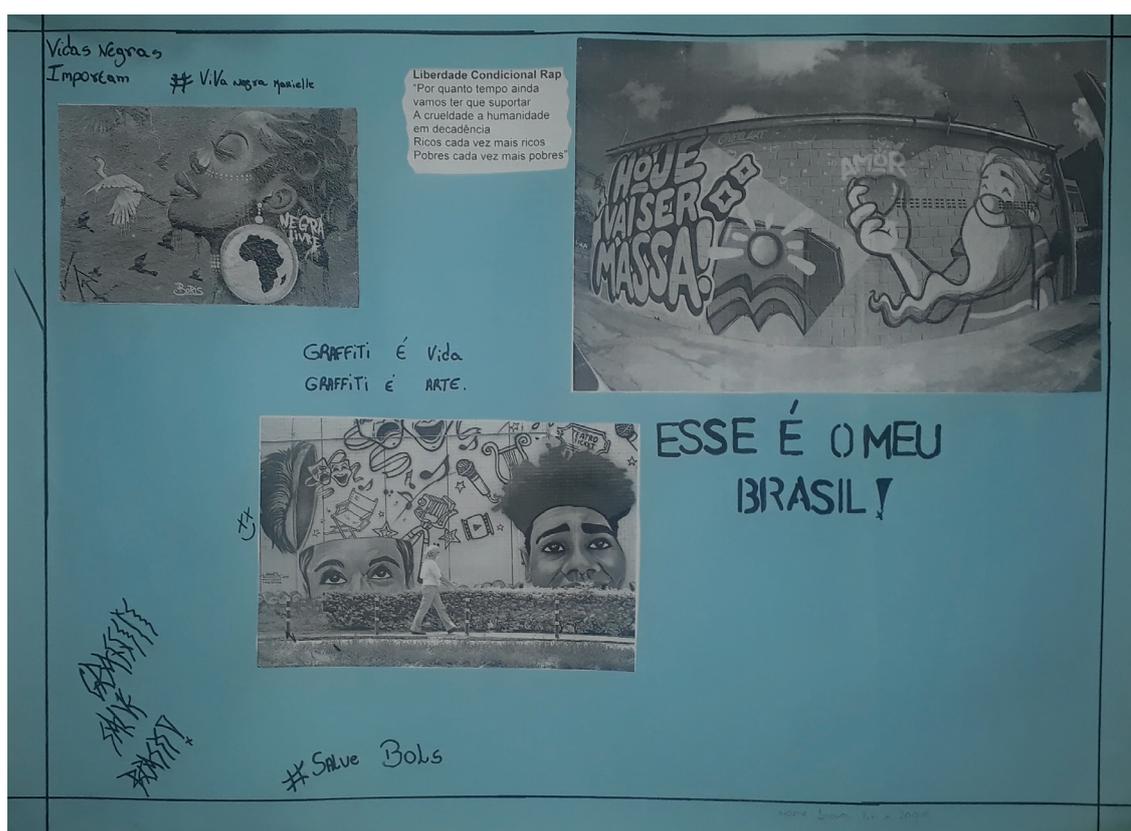
- “Alma não tem cor”.

(Muitas palmas)

(Rafael) - Eu acho engraçado que durante a aula conversam sem parar e ninguém tem vergonha, chegam aqui na frente e ficam envergonhados.

Cartaz 11

Foto 38: Cartaz 11



Ingá - O meu trabalho fala um pouco sobre o Brasil. Fala sobre consciência negra, graffiti, como vai ser hoje e vidas negras importam. Eu coloquei uma frase de um RAP, falando sobre consciência negra, sobre pretos e pobres: “Por quanto tempo ainda vamos ter que suportar a crueldade, a humanidade em decadência. Ricos cada vez mais ricos e pobres cada vez mais

pobres.” É só isso. Esse é o Brasil.

(Rafael) - E o que está escrito aqui?

Ingá - “Hoje vai ser massa”. Falando da esperança na vida.

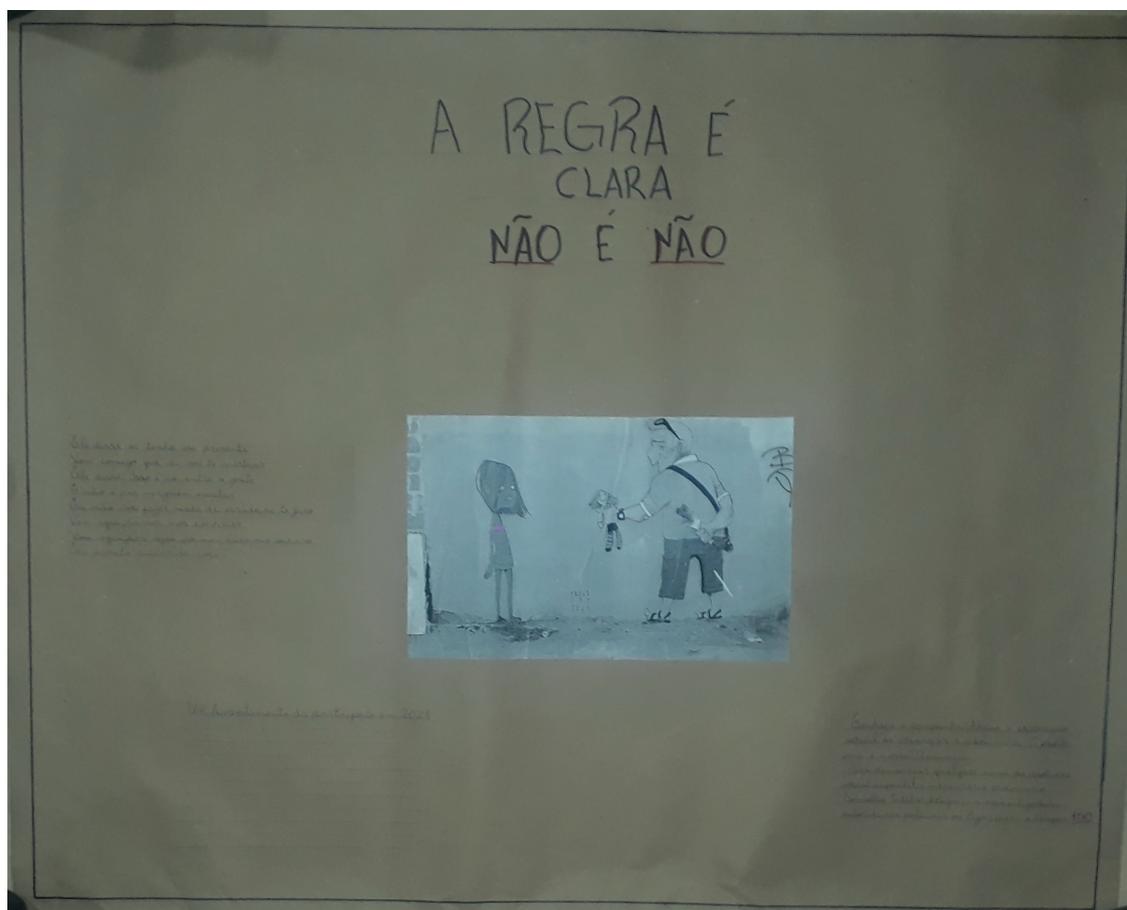
(Rafael) - É isso aí, a gente tem que acreditar. Vivemos em um contexto difícil, mas é a luta que nos dá vontade de continuar. É a nossa esperança de que as coisas sejam boas e melhores. Acho legal tu ter colocado esse graffiti aí. Porque é isso né gente, nós temos que acreditar em quem a gente é e valorizar as coisas boas que a gente tem. Boa!!! Uma salva de palmas.

(Muitas palmas)

O grupo que fez o Cartaz 12 disse que não estava pronto para apresentar. Na realidade não queriam apresentar. Decide ir com o resto da turma colar os cartazes no corredor, pedi ao grupo que se preparasse para que na volta da colagem apresentassem o seu cartaz.

Cartaz 12

Foto 39: Cartaz 12



Yuzu- A gente fez aqui sobre o bagulho de assédio. De que a “Regra é clara”. A gente escreveu uns textos sobre frases de músicas.

(Rafael) - Lê o que vocês escreveram, por gentileza.

Yuzu - “Ele disse eu tenho um presente. Vem comigo eu vou te mostrar. Ele disse isso é entre a gente. E não é para ninguém escutar. Eu não vou fazer nada de errado, eu te juro. Vem aqui, vamos nos conhecer. Vem aqui, fica aqui do meu lado, no escuro. Eu prometo cuidar de você.”

(Rafael) - Esse é um texto de como seria um assédio e o outro texto que vocês escreveram?

Jasmim - “Conheça a campanha: Abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. O problema é nosso. Denuncie! Para denunciar qualquer caso de violência sexual infantil, é necessário procurar o Conselho Tutelar, delegacias especializadas, autoridades policiais ou ligar para o disque 100.”

(Rafael) - Disque 100! Então, assédio e violência sexual contra menores disque 100! Pessoal, menor é considerado até 14 anos em relação ao assédio. Só que menores de 18 que se sentem assediados são considerados menores também. Se denunciar é considerado menor. Agora, até 14 anos é de qualquer jeito, se sentindo ou não sentindo, porque muitas vezes o menor de idade não interpreta, não consegue entender a situação. Por isso, nós temos que estar sempre antenados e espertos com as coisas que estão acontecendo. Assim como no graffiti, o cara tá com uma florzinha ou um brinquedinho, mas ele está com outras intenções ali. Então a forma de falar e encostar no corpo são coisas que a gente tem que visualizar e denunciar. Tem que cuidar e afastar a criança daquela pessoa. Pessoal, os dados mostram que a maioria das violências sexuais estão dentro das famílias. Então é um tio, um amigo, um pai às vezes. A gente tem que estar sempre com os olhos abertos. Pessoal, acontece com meninos também. Não vamos pensar que é só com as meninas, é com os meninos também. Super importante esse tema trazido pelo grupo. Certo!? Uma salva de palmas.

(Muitas palmas)

Encontro 15 – 24/11/2022 – 1 hora e 50 minutos – Questionário sobre o trimestre

Individualmente, foram respondidas de maneira escrita 10 questões referentes ao trimestre de Ensino de História Antirracista, utilizando as Educabilidade da Cultura Hip Hop. Perguntas:

## CULTURA HIP HOP: SUAS HISTÓRIAS, EDUCABILIDADES E LUTAS SOCIAIS

- 1) Você já vivenciou algum ato de discriminação (se quiser, diga como foi)? Como você se sente em relação a essas situações?
- 2) Qual a importância de estudar a Constituição Brasileira e suas Leis?
- 3) Quais alternativas temos para construir um mundo mais justo e sem discriminação?
- 4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?
- 5) O que é para você a Cultura Hip Hop? Você se identifica? Por quê?
- 6) O Ensino de História Antirracista se potencializa com as Educabilidades da Cultura Hip Hop (seus conhecimentos e modos intensos que fazem as cores, palavras, gestos, traços, imagens e atitudes)? Por quê?
- 7) Conte como foi a visita à Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (o que você mais gostou e achou interessante):
- 8) O que podemos aprender com as Educabilidades dos vídeos de RAPs (suas letras), Dança e Graffitis?
- 9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as Educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:
- 10) Utilize esse espaço para criticar, elogiar, sugerir, comentar, desenhar, escrever uma poesia etc., sobre esse trimestre de Ensino de História Antirracista utilizando a Cultura Hip Hop:

### **6.4 - D) A reflexão de fundo: Por que aconteceu o que aconteceu?**

d1. Analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo:

Nessa etapa, o quarto tempo do modelo de sistematização de Oscar Jara, cabe retomar alguns conceitos fundamentais e analisar se eles foram desenvolvidos neste trimestre, portanto, vamos refletir sobre nosso principal objetivo, que é promover o Sentipensar das Educabilidades da Cultura Hip Hop, como estratégia para colocar em prática a Lei 10.639/03, para o Ensino de História Antirracista em Escolas Públicas.

As Educabilidades são conhecimentos e modos de construí-los, que se produzem a partir das relações humanas por meio de envolvimento emocional e afetivo possíveis dentro dos limites de ações sociais mais abertas do que aquelas reguladas por instituições formais como a escola. O Sentipensar é um conceito destacado por Fals Borda(2015) e Arias(2010), no intuito de visibilizar as artes e as culturas como ciências produtoras de saberes permanentes que podem ser reproduzidos e ressignificados pelas culturas oprimidas pelo colonialismo.

Felipe Gustsack (2002) destaca que a Cultura Hip Hop é capaz de produzir uma educação emancipatória por meio de três Educabilidades: Expressivo-identitárias, que se caracterizam pela valorização de expressões e códigos identitários vistos por nós como importantes na construção de gênero, nacionalidade, raça, etarismo e outras formas de se reconhecer no mundo; Ético-estético, que compreende o conhecimento, culturas, práticas sendo a favor de algo ou contra algo, os enfrentamentos, questionamentos e os desafios de viver suas Histórias; e, por fim, Socio-políticas, que destacam atitudes, paixões e consciência para viver o mundo, portanto, buscam modificar comportamentos e ter causas a serem defendidas.

Vamos utilizar nesta interpretação crítica do processo, o questionário final respondido pelas educandas e educandos no último encontro do trimestre. Por meio das respostas e análises desenvolvidas pelos jovens neste exercício, buscaremos entender como as Educabilidades da Cultura Hip Hop conseguiram desenvolver o Sentipensar e promover um Ensino de História Antirracista colocando em prática a Lei 10.639/03.

Encontros 1 e 2 – 18/08/22 e 25/08/22 – 3 horas e 40 minutos – Introdução à Cultura Hip Hop

Essa foi a aula de abertura do trimestre, em que foi apresentada a História da Cultura Hip Hop, seus elementos e pilares. Os Samples e Mixagem de conteúdos utilizando a leitura coletiva de um texto base intercalado com músicas e vídeos, foram as dinâmicas desenvolvidas nos dois encontros além da roda ancestral, possibilitando uma troca horizontal e com equidade dos conhecimentos. A partir das respostas dos questionários feitas pelas educandas e educandos, acreditamos que obtivemos sucesso nessas trocas, e, percebemos o engajamento nas atividades e as Educabilidades do Hip Hop Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Socio-políticas foram destacadas.

Foto 40: Guaraná - Tem uma aula que eu aprendi muita coisa sobre o Hip Hop como os elementos do Hip Hop.<sup>27</sup>

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:

Tem uma aula que eu aprendi muita coisa sobre o hip hop  
temo os elementos do hip hop.

27 Nas transcrições não foram feitas correções gramaticais nas escritas das educandas e educandos com objetivo de manter a originalidade do que foi escrito. Nosso objetivo é observar as reflexões sobre as questões históricas e sociais desenvolvidas no trabalho.

Foto 41: Limão - Momento em que mostrou vídeos e músicas, que é uma cultura bem diferente das outras, com novas palavras, gestos, traços, atitudes e etc

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:

MOMENTO EM QUE MOSTROU VÍDEOS E MÚSICAS, QUE É UMA CULTURA BEM DIFERENTE DAS OUTRAS, COM NOVAS PALAVRAS, GESTOS, TRAÇOS, ATITUDES E ETC

Foto 42: Yuzu - A História como o Hip Hop nasceu

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê: A HISTÓRIA como o ~~QUE~~ HIPHOP NASCEU

Alguns educandos apontaram esses primeiros encontros como sendo os que eles mais gostaram no trimestre. Também destacamos algumas educandas que perceberam na Cultura Hip Hop e nos seus conceitos ou pilares, uma importância grande para vida e no combate ao racismo, homofobia e preconceito, de forma geral. Essas são Educabilidades Expressivo-identitárias e Sócio-políticas com o entendimento de suas diferentes identidades e o preconceito sofrido diariamente e, por tanto, a necessidade de se posicionar e reagir, evidenciando a Cultura Hip Hop como sendo uma ferramenta nessa construção de uma sociedade com maior equidade.

Foto 43: Malva - É algo que te ensina diversos conceitos, habilidade e que prezo muito por respeito. Me indentifico com os pensamento contra os preconceitos em geral.

5) O que é para você a Cultura Hip Hop? Você se identifica? Por quê?

É algo que te ensina diversos conceitos, habilidade e que prezo muito por respeito. Me indentifico com os pensamento contra os preconceitos em geral

Foto 44: Magnólia - Aprendemos sobre política e os conceitos básicos, o respeito, a equidade, etc.

8) O que podemos aprender com as educabilidades dos vídeos de RAPs (suas letras), Dança e Graffitis?

Aprendemos sobre política e os conceitos básicos, o respeito, a equidade, etc.

Foto 45: Ingá - Eu acho que o Hip Hop é uma arte muito legal na cultura Hip Hop e isso influencia tua na prática contra o racismo.

10) Utilize esse espaço para criticar, elogiar, sugerir, comentar, desenhar, escrever uma poesia, etc., sobre esse trimestre de Ensino de História Antirracista utilizando a Cultura Hip Hop:

Eu acho que o Hip Hop é uma arte muito legal na cultura Hip Hop e isso influencia tua na prática contra o racismo.

Foto 46: Jacarandá - Aprender a respeitar o próximo, ter empatia, ensina o que é racismo, homofobia, machismo.

8) O que podemos aprender com as educabilidades dos vídeos de RAPs (suas letras), Dança e Graffitis?

Aprender a respeitar o próximo, ter empatia, ensina o que é racismo, homofobia, machismo.

Foto 47: Jasmim - Normalmente as músicas falam sobre discriminação, racismo, essas coisas

Ensino de História Antirracista se potencializa com as educabilidades da Cultura Hip Hop (seus conhecimentos e modos intensos que fazem as cores, palavras, gestos, traços, imagens e atitudes)? Por quê?

Normalmente as músicas falam sobre discriminação, racismo, essas coisas.

Foto 48: Kiwi - Sim. Por que ele protesta contra o preconceito

Ensino de História Antirracista se potencializa com as educabilidades da Cultura Hip Hop (seus conhecimentos e modos intensos que fazem as cores, palavras, gestos, traços, imagens e atitudes)? Por quê? *Sim. Por que ele protesta contra o preconceito.*

Tivemos muitas respostas do questionário sinalizando essa Educabilidade Ético-estética do Hip Hop, de dialogar com a diversidade e construir pontes para outros entendimentos para além da arte, percebendo que a vida e os desafios que elas provocam devem ser enfrentados. Algumas educandas destacam o preconceito em relação à Cultura Hip Hop, percebendo suas lutas e conquistas.

Foto 49: Lilás - Várias letras citam dificuldades que a população passa. Escutar te faz ver que a vida não é tão fácil para alguns

8) O que podemos aprender com as educabilidades dos vídeos de RAPs (suas letras), Dança e Graffitis? *Várias letras citam dificuldades que a população passa. Escutar te faz ver que a vida não é tão fácil para alguns.*

Foto 50: Margarida - Para mim o Hip Hop é uma cultura que sofreu muito preconceito até chegar aqui e mesmo depois de anos ainda tem preconceito

5) O que é para você a Cultura Hip Hop? Você se identifica? Por quê?

*Para mim o hip hop é uma cultura que sofreu muito preconceito até chegar aqui e mesmo depois de anos ainda tem preconceito*

Foto 51: Margarida - Eu adorei aprender mais sobre essa cultura e conhecer tudo que eles passaram até chegar aqui

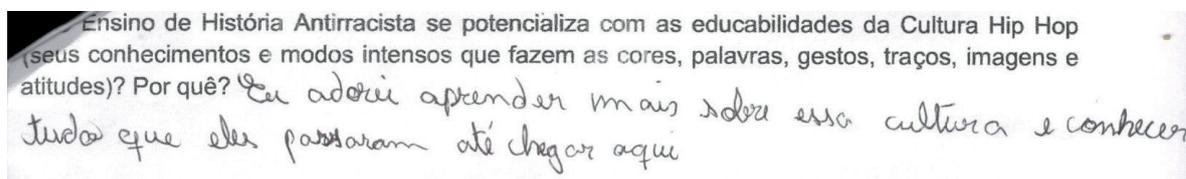


Foto 52: Violeta - A cultura hip hop é um pouco 'discriminada' por as pessoas acharem que isso é coisa de "bandido" mas a cultura hip hop se aprende a respeitar e aceitar, é uma cultura muito legal de se estar.

10) Utilize esse espaço para criticar, elogiar, sugerir, comentar, desenhar, escrever uma poesia, etc., sobre esse trimestre de Ensino de História Antirracista utilizando a Cultura Hip Hop:

A cultura hip hop é um pouco 'discriminada' por as pessoas acharem que isso é coisa de "bandido" mas a cultura hip hop se aprende a respeitar e aceitar, é uma cultura muito legal de se estar.

Muitos elogiaram a complexidade da Cultura Hip Hop, percebendo suas múltiplas atividades, funções e lutas; também destacaram a arte como geradora de sentimentos e pensamentos, o Sentipensar que as Educabilidades da Cultura provocou foram expostas nas respostas do questionário.

Foto 53: Acerola - O Hip Hop não é apenas uma coisa em si, o Hip Hop é um conjunto de coisas que o formam, por isso acho o hip hop incrível, porque ele representa várias coisas e por isso é tão divertido por que todos podem se encaixar.

5) O que é para você a Cultura Hip Hop? Você se identifica? Por quê?

O Hip Hop não é apenas uma coisa em si, o Hip Hop é um conjunto de coisas que o formam, por isso acho o hip hop incrível, porque ele representa várias coisas e por isso é tão divertido por que todos podem se encaixar.

Foto 54: Yuzu - Eu gosto de escutar 50 Cent tenho uma Playlist. É uma sensação é boa não sei explicar

5) O que é para você a Cultura Hip Hop? Você se identifica? Por quê?  
 EU GOSTO DE ESCUTAR 50 CENT TENHO UMA  
 PLAYLIST. É UMA SENSAÇÃO É BOA NÃO SEI  
 EXPLICAR

Foto 55: Camélia - E uma forma de demonstrar o que está acontecendo com você ou o mundo em forma de dança, sim ja me espressei com dança de hip hop.

5) O que é para você a Cultura Hip Hop? Você se identifica? Por quê?  
 É uma forma de demonstrar o que está acontecendo com  
 você ou o mundo em forma de dança, sim ja me espressei  
 com dança de hip hop.

Foto 56: Erva-doce - Acho muito legal poder expressar o que você sente usando a música ou o grafite. Sim, sempre gostei de ver os grafites e músicas, expresando o que sente.

5) O que é para você a Cultura Hip Hop? Você se identifica? Por quê?  
 É uma cultura muito importante e ensina  
 varias coisas. Mas não me indentifico

Muitas educandas e educandos se identificaram de diversas formas com a Cultura Hip Hop e perceberam a importância das mensagens nas diversas artes desenvolvidas. Nos vídeos foram destacadas as Educabilidades Ético-estéticas de comunicar ideias e sentimentos, inclusive citando alguns vídeos específicos utilizados no primeiro encontro.

Foto 57: Magnólia - Achei muito interessante o dia que passou o vídeo “Collors of Reality”, era um clipe muito legal e importante.

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:

Achei muito interessante o dia que passou o vídeo “Collors of Reality”, era um clipe muito legal e importante.

Foto 58: Tamarindo - Quando olhamos clipes de musicas do James Brown e do Michel Jackson

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:

Quando olhamos clipes de musicas do James Brown e do Michel Jackson.

Foto 59: Guaraná - Mesmo parecendo vídeos de rap, danças e graffitis comuns, mas por tras de tudo isso tem bem mais, porque podemos aprender muitas coisas com esses vídeos.

8) O que podemos aprender com as educabilidades dos vídeos de RAPs (suas letras), Dança e Graffitis?

Mesmo parecendo vídeos de rap, danças e graffitis comuns, mas por tras de tudo isso tem bem mais, porque podemos aprender muitas coisas com esses vídeos.

Foto 60: Jacarandá - Eu gosto bastante desse ensino de aprender olhando, fotos, vídeos, filmes e fazendo debates.

10) Utilize esse espaço para criticar, elogiar, sugerir, comentar, desenhar, escrever uma poesia, etc., sobre esse trimestre de Ensino de História Antirracista utilizando a Cultura Hip Hop:

Eu gosto bastante desse ensino de aprender olhando, fotos, vídeos, filmes e fazendo debates.

Foto 61: Kiwi - São os elementos do Hip hop e suas vivencias. Sim. Por que assim como eu, a maioria dos Rapers são da quebrada.

5) O que é para você a Cultura Hip Hop? Você se identifica? Por quê?

São os elementos do Hip Hop e suas vivências. Sim. Por que assim como eu, a maioria dos Rapers são da quebrada.

Foto 62: Tamarindo - Eles nunca fizeram algo de errado, só mostraram o que sentiam e o que passavam no dia dia deles.

8) O que podemos aprender com as educabilidades dos vídeos de RAPs (suas letras), Dança e Graffitis?

Eles nunca fizeram algo de errado, só mostraram o que sentiam e o que passavam no dia dia deles.

Foto 63: Vacínio - Não fazer o mal, por que ele sempre tentam passar uma mensagem

8) O que podemos aprender com as educabilidades dos vídeos de RAPs (suas letras), Dança e Graffitis?

NÃO FAZER O MAL, POR QUE ELAS SEMPRE TENTAM PASSAR UMA MENSAGEM

Acreditamos que, a partir desses vários depoimentos e da vivência in loco com as educandas e educandos, as experiências nesses primeiros encontro foram muito potentes, pois mesmo os que não tinham afinidade com a Cultura Hip Hop, se engajaram ao longo de todo processo formativo e das trocas. A profundidade dada a essa introdução foi importante para desmobilizar os preconceitos e acessar as Educabilidades Sócio-políticas, a partir da História dos Oprimidos. Inclusive, algumas educandas e educandos que não se identificam com o Hip Hop, por meio das Educabilidades Ético-estéticas, romperam alguns de seus preconceitos e perceberam sua capacidade de produzir conhecimentos dentro do ensino de História.

Foto 64: Lavanda - Antes eu pensava um estereótipo muito grande sobre o hip hop, mas depois da aula do professor Rafael, percebi que é muito diferente que pensava, não me identifico por é algo que não gosto muito.

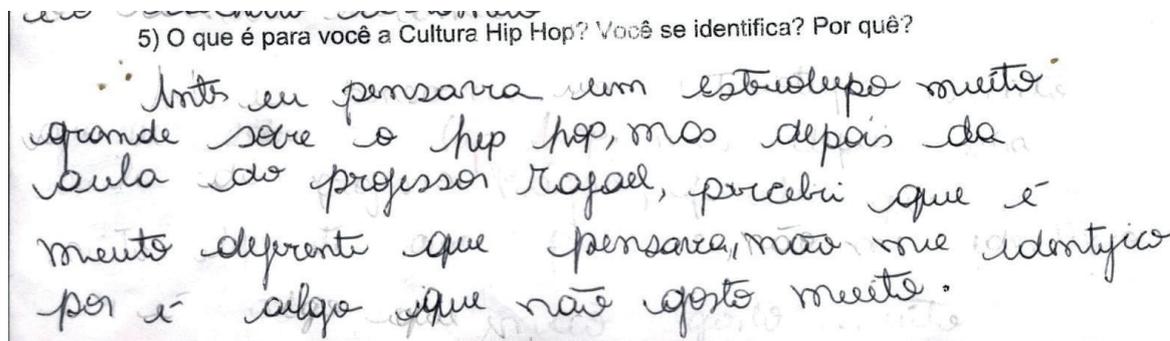


Foto 65: Limão - Gostei de alguns vídeos e imagens do Hip Hop, mesmo não sendo meu tipo.

10) Utilize esse espaço para criticar, elogiar, sugerir, comentar, desenhar, escrever uma poesia, etc., sobre esse trimestre de Ensino de História Antirracista utilizando a Cultura Hip Hop:

GOSTEI DE ALGUNS VÍDEOS E IMAGENS DO HIP HOP, MESMO NÃO SENDO O MEU TIPO

Foto 66: Bergamota - Acho a cultura hip hop muito interessante e bom de aprender com esse estilo. Não me identifico porque não é o estilo que eu sigo muito.

5) O que é para você a Cultura Hip Hop? Você se identifica? Por quê?

Acho a cultura hip hop muito interessantes e bom de se aprender com esse estilo. Não me identifico porque não é um estilo que eu sigo muito.

Nestes primeiros encontros, verificamos tanto na proposta, execução e nas considerações da turma, que as Educabilidades do Hip Hop Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas foram destacadas. Nas respostas ao questionário, as educandas e educandos perceberam o Hip Hop como uma Cultura com seus pilares e conceitos, que propagam respeito, equidade, empatia, além das suas lutas históricas contra o racismo e os diversos preconceitos. O Sentipensar Ético-estético dos vídeos, debates e a leitura coletiva do texto, possibilitou a compreensão da construção social, política e identitária que a Cultura Hip Hop expressa por meio da arte, História e das atitudes dos Hip Hoppers.

Encontros 3, 4 e 5 – 01/09/22, 08/09/22 e 15/09/22 – 5 horas e 30 minutos - Série “The Get Down” - Capítulo 1 “Onde há ruína, há esperança de um tesouro” e Aplicação da primeira Avaliação em grupos e oral

Filmes e séries têm grande capacidade de comunicarem muitas informações, melhor do que um livro, de maneira potente e atrativa, pois mostram ambientes, imagens, músicas, sons e diálogos. Esta série por ter como protagonistas adolescentes com personalidades fortes em busca de seus objetivos, desenvolveu Educabilidades Expressivo-identitárias e teve impacto na turma, sendo que nove jovens indicaram a série como tendo sido a atividade mais interessante do trimestre.

Foto 67: Erva-doce - Pra mim todos os momentos foram importantes mas pra mim o melhor foi a serie The get down

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:

*Pra mim todos os momentos foram importantes mas pra mim o melhor foi a serie The get Down*

Foto 68: Bromélia - Gostei muito da aula que assistimos aquela serie sobre as comunidades. Foi interessante ver como é a vida em uma comunidade pobre.

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:

*Gostei muito da aula que assistimos aquela serie sobre as comunidades. Foi interessante ver como é a vida em uma comunidade pobre.*

O episódio da série mostrou em que circunstâncias e que tipo de pessoas deram início à Cultura Hip no bairro do Bronx, em Nova York, demonstrando todas as dificuldades dos jovens negros das periferias das Américas e suas capacidades de vencerem os desafios em busca de seus sonhos. A realidade vista na série, foi marcante para as educandas e educandos, destacamos as Educabilidades Expressivo-identitárias como referência para o entendimento dos conflitos e dilemas que as protagonistas buscam retratar e discutir em suas atividades.

Foto 69: Jacarandá - A aula que passou a série “The get down” eu gostei porque essa série explica bem como é a vida.

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:

A aula que passou a série “The get down” eu gostei porque essa série explica bem como é a vida.

Foto 70: Acerola - the get down porque conta a história de um homem negro e das dificuldades que ele passa para conseguir um disco de vinil.

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê: *the get down porque conta a história de um <sup>homem</sup> negro e das dificuldades que ele passa para conseguir um disco de vinil.*

Essa possibilidade de trazermos a vida para dentro dos encontros educacionais e debatermos sobre ela foi muito rica usando a estratégia do jogo em grupos, que valorizou as respostas das perguntas criadas pelas educandas e educandos. Por meio da ficção, trouxemos toda a questão e dúvidas da vida dos adolescentes, que pouco são debatidas em sala de aula. Por exemplo, o preconceito dos pais com as músicas e artistas que os filhos gostam, as questões religiosas dentro da família, a importância das vivências na rua, tráfico de drogas nas comunidades, abuso de menores de idade, entre vários outros temas que o filme aborda de maneira paralela, mas que foram trazidos nas perguntas e respostas feitas pela turma, assim como nos debates reproduzidos na transcrição do áudio do encontro. Podemos perceber que as Educabilidades Expressivo-identitárias e Ético-estéticas trazidas pela série e a Cultura Hip Hop, produziram muitas reflexões sobre a vida familiar, juvenil e da comunidade, que a turma vivencia, cotidianamente.

Foto 71: Lilás - Quando assistimos a série the get down e fizemos um trabalho sobre ele.

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê: *quando assistimos a série the get down e fizemos um trabalho sobre ele.*

A dinâmica em roda para responder perguntas é muito importante para as trocas e interações. Além disso, percebemos um maior engajamento e atenção no que o educador ou educadora está falando, pois estão muito interessados na resposta certa, querem saber se o que foi dito pelo seu grupo ou dos colegas está correto em relação à série assistida. Destacamos, também, a importância da oralidade e da visão na avaliação, visto que suas memórias visuais são exigidas e devem ser expressas em público com nitidez e com objetivo de responder perguntas, muitas vezes subjetivas.

Encontros 6, 7 e 8 – 22/09/22, 29/09/22 e 06/10/2022 – 5 horas e 30 minutos – Hip Hop, Constituição Brasileira e as apresentações dos trabalhos sobre Constituição Brasileira

Esses encontros tiveram uma dinâmica mais formal por meio da leitura dos oito primeiros artigos da Constituição Brasileira de 1988, debates, construção de respostas em grupo e apresentação da atividade de forma coletiva. Foi de extrema importância esse contato com a Lei maior do nosso país, para o conhecimento dos direitos e deveres, que possibilitaram o entendimento nos encontros futuros das reivindicações dos Hip Hoppers brasileiros que foram apresentados e para a produção dos cartazes. A turma destacou no questionário o que eles consideraram importante nesses encontros sobre a Constituição.

Foto 72: Guaraná - É muito importante estudar a Constituição Brasileira e suas leis, porque nós aprenderíamos muitas mais coisas para nossa vida.

2) Qual a importância de estudar a Constituição Brasileira e suas Leis?

É muito importante estudar a Constituição Brasileira e suas leis, porque nós aprenderíamos muitas mais coisas para nossa vida.

Foto 73: Violeta - Possuem como objetivo garantir direitos fundamentais, como a vida, a liberdade, a saúde e as seguranças das pessoas, tem como direito à defesa e ao justo julgamento a quem seja acusado de um crime.

2) Qual a importância de estudar a Constituição Brasileira e suas Leis?

Possuem como objetivo garantir direitos fundamentais, como a vida, a liberdade, a saúde e as seguranças das pessoas, e tem como o direito à defesa e ao justo julgamento a quem seja acusado de um crime.

Destacamos o exercício de pensar as Leis e suas aplicabilidades na vida dos cidadãos, pois tiveram como atividade avaliativa escolher dois incisos dos artigos que funcionam e dois que não funcionam. Com essa proposta, pode-se perceber e debater como na prática funciona a legislação brasileira. Inclusive, algumas educandas e educandos apontaram a necessidade de o governo ser mais rígido nas punições.

Foto 74: Lótus - 2) Aprender como funciona as leis do país e saber como as coisas acontecem, importante saber que atos tem consequência. 3) O mundo sempre será injusto e tendo discriminação por todo lado. O jeito é se por no lugar do próximo e punir quem comete esses atos, de maneira justa e consciente.

2) Qual a importância de estudar a Constituição Brasileira e suas Leis?

Aprender como funciona as leis do país e saber como as coisas acontecem, importante saber que atos tem consequência.

3) Quais alternativas temos para construir um mundo mais justo e sem discriminação?

O mundo sempre será injusto e tendo discriminação por todo lado. O jeito é se por no lugar do próximo e punir quem comete esses atos, de maneira justa e consciente.

Foto 75: Kiwi - 2) A Constituição Brasileira agrega todas as leis do Brasil e isso nos ajuda a conhecer os direitos e deveres. 3) Tendo leis mais rígidas e equilíbrio social.

2) Qual a importância de estudar a Constituição Brasileira e suas Leis?

A Constituição Brasileira agrega todas as leis do Brasil e isso nos ajuda a conhecer os direitos e deveres.

3) Quais alternativas temos para construir um mundo mais justo e sem discriminação?

Tendo leis mais rígidas e equilíbrio social.

Para finalizar, percebeu-se nas escolhas feitas pelos educandos e educandas dos incisos dos artigos trabalhados, assuntos ligados às Educabilidades Sócio-políticas do dia a dia da população, como liberdade de expressão, direitos trabalhistas, questões relacionadas à luta contra os preconceitos, situação carcerária, etc. Ficou evidenciado o potencial de estudar as Leis para que esses entendimentos pudessem fortalecer as produções dos cartazes.

Uma das características dos rappers brasileiros é estudar, para poder ter bons argumentos na hora de escrever letras de RAP com tema, conteúdo e fundamento, por isso, o Conhecimento é considerado o quinto elemento da Cultura Hip Hop.

Encontro 9, 10, 11, 12 e 14 – 13/10/2022, 20/10/2022, 27/10/2022, 03/11/2022 e 17/11/2022 – 9 horas e 10 minutos – Reflexões sobre como exigir a execução na prática da Constituição Brasileira, por meio da Arte e Cultura Hip Hop (Clipes de RAP e Graffitis), Produção de Cartazes em Grupos e Apresentação e Colagem dos Cartazes produzidos.

Os encontros anteriores construíram nas atividades, vivências, avaliações e reflexões, para produzirmos conceitos sobre o que é a Cultura Hip Hop e suas Histórias, e também entendermos a importância dos estudos sobre Constituição Brasileira na defesa dos direitos humanos em nosso país. Essa terceira etapa do trimestre buscou interligar as Educabilidades desenvolvidas, primeiramente, pelas Expressivo-identitárias e Ético-estéticas, percebendo as reivindicações dos ativistas da Cultura Hip Hop por meio de clipes de RAP e Graffitis. Posteriormente, as Sócio-políticas, produzindo cartazes, em grupo, Mixando e Sampleando letras de RAP, Graffitis, pesquisando na internet sobre assuntos, como combate ao racismo, homofobia, assédio às mulheres e questionamentos sobre a ilegalidade do aborto e, por fim, um encontro para apresentação e colagem dos cartazes produzidos.

Foto 76: Lavanda - gostei da aula em que ele passou videos para fazermos cartazes, e claro fazer os cartazes.

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê: *gostei da aula em que ele passou videos para fazermos cartazes, e claro fazer os cartazes.*

A utilização de vídeos de RAP com temas variados e artistas masculinos e femininos, foi a maneira de instigar as educandas e educandos a refletirem sobre a sociedade, a partir de um viés crítico. As Educabilidades Ético-estéticas e Expressivo-identitárias, mais uma vez foram instigadas por meio de diversas músicas e imagens, sensibilizando a turma sobre diversos temas que já vinham sendo trabalhados nos encontros anteriores. Os Graffitis também foram importantes nesse mosaico de ideias a respeito dos direitos humanos, além de influenciarem para que os jovens tenham coragem e sejam protagonistas da suas Histórias, visto que são pintados na rua com temas de conscientização e crítica social.

Foto 77: Kiwi - Os cartazes com as reflexões das letras do Hip hop. Eles nos ajudam a refletir e pensar sobre esse assunto.

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:

*Os cartazes com as reflexões das letras do Hip Hop. Eles nos ajudam a refletir e pensar sobre esse assunto.*

A Educação Antirracista e Intercultural busca a reflexão a partir de diversos pontos de vista, para tanto desenvolver atividades coletivas e de maneira horizontal catalisam aprendizagens por meio de vivências, assim, atividades práticas em grupo são potentes. A liberdade de expressão por meio da criação de imagens e textos Sampleados e Mixados em um cartaz, produz Educabilidades Expressivo-identitárias e Sócio-políticas, para além das reflexões de uma obra única e com identidade própria daquelas autoras e autores que se expõe dando suas opiniões.

A produção de cartazes precisou de tempo, foram 4 períodos de 1 hora e 50 minutos; no entanto, o resultado ficou marcado na turma e nas pessoas que visualizaram os cartazes nos corredores da Escola. A educanda Lavanda falou para mim: “uma menina do quinto ano viu os cartazes e comentou que gostaria de produzir cartazes assim, que falassem sobre a vida”.

Foto 78: Malva - Gostei muito do trabalho do cartaz, achei interessante a ideia de mostrar para os outros nossa opinião.

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:

*Gostei muito do trabalho do cartaz, achei interessante a ideia de mostrar para os outros nossa opinião*

As apresentações de trabalhos têm potências múltiplas, primeiramente, a seriedade e dedicação nas atividades anteriores, pois sabe-se que vai ter que mostrar para turma o que foi produzido; depois, a organização coletiva, estudo e preparação para apresentação em grupo, visto que as individualidades influenciam no todo; e, por fim, enfrentamento do desafio de falar em público de forma nítida, para que as pessoas possam compreender, assim, dificuldades como a timidez são enfrentadas em grupo.

Foto 79: Rosa - Gostei de muitas das aulas, mas principalmente da aula em que fizemos os cartazes e com aquilo aprendi mais sobre o tema do aborto, que era o meu cartaz.

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:

*Gostei de muitas das aulas, mas principalmente da aula em que fizemos os cartazes e com aquilo aprendi mais sobre o tema do aborto, que era o meu cartaz.*

No ponto anterior da sistematização, pode-se observar como as Educabilidades da Cultura Hip Hop produziram reflexões críticas sobre a realidade, materializadas em cartazes com temas Antirracistas e com Questões de Gênero. O Sentipensar produzido pela arte, tem essa potência que é difícil de ser empiricamente mensurada e quantificada; as Educabilidades Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas possuem grande eficácia quando se desenvolve avaliações orais, produção de cartazes e apresentações, sendo possível evidenciar a aprendizagem para vida, a partir das relações humanas e por meio do envolvimento emocional e afetivo. Assim, as Educabilidades da Cultura Hip Hop promovem uma Educação Antirracista.

Encontro 13 – 10/11/2022 – 4 Horas - Visita à Casa da Cultura Hip Hop de Esteio

A vivência na Casa da Cultura Hip Hop de Esteio foi muito importante para as educandas e educandos conhecerem coordenadores, artistas e educadores da Cultura, assim, também puderam fazer oficinas de RAP e Graffiti e expressarem sua arte, rimando e pichando o muro no pátio da CCHE. Creio ser de extrema importância na educação formal os jovens terem vivências com arte-educadores e educadores sociais de outras instituições e, se possível, em outros ambientes para além da Escola.

Foto 80: Jasmim - Acho que o dia do passeio, pois aprendi algumas coisas.

9) Cite uma aula, atividade ou momento que você achou interessante do Ensino de História com as educabilidades do Hip Hop nesse trimestre e o porquê:

*Acho que o dia do passeio, pois aprendi algumas coisas.*

A CCHE é um local acolhedor, que não possui regras tão rígidas como no colégio, possibilitando que as educandas e educandos fiquem mais à vontade. Os temas ligados à arte são divertidos, além disso, por todos os lados há Graffitis e a postura de quem trabalha é relaxada, sem imposições e ordens a todo momento. Os conhecimentos são expostos de forma oral e prática, a metodologia participativa engaja a juventude e é potente em seus resultados, desenvolvendo, assim, as Educabilidades Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas.

Foto 81: Malva - Achei muito legal, divertido, muito bonita a casa, me senti acolhida por todos. Uma das coisas que mais me chamou atenção foi os talentos no graffiti.

7) Conte como foi a visita a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (o que você mais gostou e achou interessante):

*Achei muito legal, divertido, muito bonita a casa me senti acolhida por todos. Uma das coisas que mais me chamou atenção foi os talentos no graffiti.*

Foto 82: Magnólia - Foi muito importante, gostei dos graffitis, das salas de interação e das pessoas.

7) Conte como foi a visita a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (o que você mais gostou e achou interessante):

*Foi muito importante, gostei das grafítis, das salas de interação e das pessoas.*

Foto 83: Violeta - Foi bem divertido, gostei de ter conhecido os monitores.

7) Conte como foi a visita a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (o que você mais gostou e achou interessante):

*Foi bem divertido, gostei de ter conhecido os monitores.*

As Educabilidades da Cultura Hip Hop que trabalhamos ao longo do trimestre foram potencializadas nas oficinas de Hip Hop, principalmente as Sócio-políticas, na construção coletiva da letra de RAP orientada pelo Educador e MC Fiapo. Percebe-se que as reflexões críticas anteriores tiveram aderência nas escolhas feitas pela turma, quanto ao tema e palavras-chave para a criação da letra. O tema foi “Militância” e as palavras-chave utilizadas na letra foram: discussão, opinião, preconceito, protesto, multidão, manifesto, respeito, igualdade, união, qualidade e amor. Essas dinâmicas aguçam a criatividade, potencializando a construção de autoestima e muitas vezes motivando interesses adormecidos nas pessoas.

Foto 84: Camélia - Achei muito interessante e divertido, inclusive a parte do rap que libertou um interesse grande nele.

7) Conte como foi a visita a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (o que você mais gostou e achou interessante):

*Achei muito interessante e divertido, inclusive a parte do rap que libertou um interesse grande nele.*

Foto 85: Lótus - Foi muito interessante aprender mais da cultura Hip Hop, o quê mais gostei foi aprender como se criam as musicas e a base de conhecimento necessário.

7) Conte como foi a visita a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (o que você mais gostou e achou interessante):

*Foi muito interessante aprender mais da cultura Hip Hop, o quê mais gostei foi entender como se criam as musicas e a base de conhecimento necessário.*

Foto 86: Rosa - Eu achei incrível a visita e agradeço ao professor por ter levado a gente lá. A parte que mais gostei foi a em que fizemos o RAP.

7) Conte como foi a visita a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (o que você mais gostou e achou interessante):

*Eu achei incrível a visita e agradeço ao professor por ter levado a gente lá. A parte que mais gostei foi a em que fizemos o RAP.*

Nas experiências nesses 6 anos como Coordenador Pedagógico e de Oficinas na CCHE e em Escolas Públicas, ficou evidente que a oficina que obtém mais sucesso entre jovens e adultos é o Graffiti, observando-se que a expressão com pinturas e desenhos promove encantamento e muita dedicação desenvolvendo as Educabilidades Expressivo-identitárias. Diferente dos outros elementos, o Graffiti é uma arte que não tem a necessidade de se apresentar em público, podendo ser desenvolvida em coletivo, mas na maioria das vezes, é solitária. Muitas pessoas são tímidas e encontram no desenho, uma “companhia” para seus pensamentos e sentimentos. O spray também exerce fascínio, as cores, o resultado instantâneo dos riscos e desenhos vistos na parede traz diversão, a possibilidade de expressar o que se tem vontade é libertadora.

Foto 87: Acerola - a visita da casa de Hip Hop foi uma experiência excelente em conhecer a casa, as músicas e o gato de lá, um dos momentos que mais gostei foi na hora da pichação e também na hora da música.

7) Conte como foi a visita a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (o que você mais gostou e achou interessante): *a visita do caso do Hip Hop foi uma experiência excelente em conhecer a casa, as músicas e o gato de lá, um dos momentos que mais gostei foi na hora da pichação e também na hora da música.*

Foto 88: Guaraná - Foi muito divertido, e eu até aprendi a fazer rap, poemas, graffiti e etc...

7) Conte como foi a visita a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (o que você mais gostou e achou interessante): *Foi muito divertido, e eu até aprendi a fazer rap, poemas, graffiti e etc...*

Foto 89: Jacarandá - Foi bem legal, eu gostei bastante da rima que a gente fez e a parte do graffiti.

7) Conte como foi a visita a Casa da Cultura Hip Hop de Esteio (o que você mais gostou e achou interessante):

Foi bem legal, eu gostei bastante da rima que a gente fez e a parte do graffiti.

Destaco nessas vivências alegres e divertidas, que as Educabilidades da Cultura Hip Hop desenvolvidas ao longo do trimestre foram potencializadas e colocadas em prática nos diálogos com a equipe da CCHE e nas oficinas de RAP e Graffiti. Por parte da turma, foi evidenciado nas falas, a felicidade e o agradecimento por terem feito esse passeio em seu último ano na Escola, após dois anos de pandemia. O fascínio exercido pela CCHE foi muito comentado na sequência do trimestre, sendo momentos que ficam marcados na memória.

Encontro 15 – 24/11/2022 – 1 hora e 50 minutos – Questionário sobre o trimestre

No último encontro, às educandas e educandos tiveram os dois períodos para responderem o questionário de 10 perguntas sobre o ensino-aprendizagem vivenciado no trimestre. Apenas um educando não estava presente e não respondeu. Esse foi o encontro final, pois a maior parte da turma, que já havia passado de ano, não frequentou mais a Escola. Evidenciamos, na maioria das respostas dos questionários, as Educabilidades Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas. Visto que grande parte das respostas da turma já foram trabalhadas ao longo desse quarto tempo de reflexão de fundo, vamos destacar os entendimentos sobre o que é ser uma pessoa Brasileira, os sentimentos de pertencimento e identidade.

Foto 90: Bromélia - Uma pessoa Brasileira é ser guerreira, é ser feliz. Nosso país é divertido porém perigoso infelizmente.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?

Uma pessoa Brasileira é ser guerreira, é ser feliz. Nosso país é divertido porém perigoso infelizmente.

Foto 91: Camélia - Ser brasileira e saber o que sua nação lhe deixou, seu antepassado, mas isso vem a consequência de viver os mais poderosos mandam, roubos entre outros.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?

Ser brasileiro é saber o que sua nação lhe deixou, seu antepassado, mas com isso vem a consequência de viver os mais poderosos mandam, roubos entre outros.

Foto 92: Kiwi - É conhecer a cultura do Brasil. Me sinto abençoado.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?

É conhecer a cultura do Brasil. Me sinto abençoado.

O Ensino de História tem que ter como ponto de partida o seu país de origem, a identidade nacional das educandas e educandos, o entendimento de onde vêm, quem foram seus antepassados e quais condições de vida herdamos. Para tanto, o conceito de Colonialismo é fundamental para saber quais os legados que a História do Brasil deixou para seu povo nos últimos séculos, os desafios que enfrentamos e a felicidade de resistir cultural e politicamente às violências estruturais das máquinas coloniais. As respostas desenvolvidas pelas turmas trouxeram as Educabilidades Expressivo-identitárias e produziram um sentimento ambíguo de orgulho e crítica, uma esperança “com um pé atrás”, acreditando nas pessoas e duvidando do estado das coisas.

Foto 93: Lótus - Ser brasileiro é viver da maneira mais louca que existe, só o brasileiro faz o que faz e consegue ser feliz com pouco. Me sinto muito feliz com meu país e estar próxima de pessoas incríveis.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?

Ser brasileiro é viver da maneira mais louca que existe, só o brasileiro faz o que faz e consegue ser feliz com pouco. Me sinto muito feliz com meu país e estar próxima de pessoas incríveis.

Foto 94: Margarida - que o Brasil é um país deixado pelo seu antepassado e saber que vai ter dificuldade no futuro.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?

que o Brasil é um país deixado pelo seu antepassado e saber que vai ter dificuldade no futuro

Foto 95: Violeta - Ser brasileiro é divertido e complicado por sofrer xenofobia e estereótipos dos brasileiros ser só praia, samba e mulher.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?

Ser brasileiro é divertido e complicado por sofrer xenofobia e estereótipos dos brasileiros ser só praia, samba e mulher.

Foto 96: Malva - Comparado com alguns outros é um país muito bom, apesar de precisar de grandes mudanças. No geral é bom ser brasileiro.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?

Comparado com alguns outros é um país muito bom, apesar de precisar de grandes mudanças. No geral é bom ser brasileiro.

Algumas respostas trouxeram a dura realidade da miséria, falta de estrutura e do abandono da população pelas autoridades de Estado. Um jovem de periferia é capaz de perceber o mundo ao seu redor e criticá-lo. As Educabilidades da Cultura Hip Hop proporcionam que essas temáticas sejam conteúdos abordados nos encontros escolares, além disso, fortalecem o desejo de mudança para essas realidades. Reconhecer as falhas sem hipocrisia é o primeiro passo para a transformação.

Foto 97: Tamarindo - É bem divertido, é um país bem mais ou menos, a saúde não é muito boa, também a segurança não é tão boa e o saneamento básico é ruim.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?

É bem divertido, é um país bem mais ou menos, a saúde não é muito boa, também a segurança não é tão boa e o saneamento básico é ruim.

Foto 98: Limão - Ser uma pessoa brasileira é conseguir viver em um país corrupto e cheio de criminalidade. Eu me sinto sem confiança para o futuro deste país e desse povo, sem perspectiva de dar certo esse projeto de país.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?  
 SER UMA PESSOA BRASILEIRA É CONSEGUIR VIVER EM UM PAÍS CORRUPTO E CHEIO DE CRIMINALIDADE. EU ME SINTO SEM CONFIANÇA PARA O FUTURO DESTA PAÍS E DESSE POVO, SEM PERSPECTIVA DE DAR CERTO ESSE PROJETO DE PAÍS.

A realidade dura de preconceitos, de lutas e de desesperança na turbulência política e social, é enfrentada com o orgulho de quem se é, nossa identidade como povo e cultura; assim como nos RAPs, as educandas e educandos valorizam a vida em sua comunidade, as festas, cachorro caramelo, churrasco de domingo e nossos ritmos musicais. As Educabilidades Expressivo-identitárias ajudam a encarar a vida de cabeça erguida, “enfrentando um leão por dia” e esperando o dia do “sextou” para estar com a famílias e amigos em suas comunhões de alegria dos finais de semana.

Foto 99: Lavanda - Ser uma pessoa Brasileira é difícil por sofrer uma grande homofobia também por ser um país turbulento, em algumas coisas eu gosto de morar no Brasil, gosto do churrasco de domingo e o cachorro caramelo.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?  
 Ser uma pessoa Brasileira é difícil por sofrer uma grande homofobia. Também por ser um país turbulento, em algumas coisas eu gosto de morar no Brasil, gosto do churrasco de domingo e o cachorro caramelo.

Foto 100: Yuzu - Feliz, com as festas as culturas do brasil são legais.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?  
 FELIZ, COM AS FESTAS AS CULTURAS DO BRASIL SÃO LEGAIS

Foto 101: Lilás - Adoro as culturas brasileiras. Ser brasileiro, significa gostar de festas, samba, pagode, futebol, churrasco e ver um cachorro caramelo em cada esquina. Eu amo viver no meu país.

4) O que é ser uma pessoa Brasileira? Como você se sente vivendo em nosso país?  
 Adoro as culturas brasileiras. Ser brasileiro, significa gostar de festas, samba, pagode, futebol, churrasco e ver um cachorro caramelo em cada esquina. Eu amo viver no meu país.

O questionário foi fundamental para entendermos com profundidade o impacto do Ensino de História Antirracista desenvolvido por meio do Sentipensar das Educabilidades da Cultura Hip Hop. Foi possível analisar um grande número de respostas sobre os diversos momentos do ensino-aprendizagem promovidos neste trimestre. As Educabilidades Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas foram percebidas em quase todas as respostas, portanto, as diferentes estratégias pedagógicas utilizadas foram destacadas pelas educandas e educandos nas respostas do questionário.

## 7 - O QUINTO TEMPO: OS PONTOS DE CHEGADA

Finalizamos a dissertação trazendo o quinto ponto da sistematização proposta por Oscar Jara, nosso ponto de chegada, mas que produz conhecimento para uma nova partida na busca por qualificar as próximas experiências pedagógicas que vamos desenvolver. Este capítulo traz de forma objetiva, conclusões sobre os desafios enfrentados ao longo desta pesquisa e busca sinalizar de modo sistemático, possíveis aprendizagens pedagógicas que podem funcionar no Ensino de História Antirracista por meio das Educabilidades da Cultura Hip Hop, no intuito de colocar em prática a Lei 10.639/03 em Escolas Públicas.

E) Os pontos de chegada:

e1. Formular conclusões:

Os desafios enfrentados para uma Educação Antirracista protegida e incentivada pelas legislações de duas décadas ainda são muito grandes, as disputas dicotômicas ideológicas fortemente marcadas nas esferas políticas, sociais e familiares da atualidade reverberam dentro dos espaços educacionais. Deste modo, a construção de um Ensino Antirracista exige coragem

para encarar as mais diversas dificuldades. Para tanto, é preciso planejamento, experimentação, protagonismo e sistematização das vivências, para construirmos alternativas para além do pragmatismo dos currículos inchados de conteúdos.

Ao longo dos últimos dois anos, tivemos transformações significativas na sociedade mundial, período em que nos dedicamos aos estudos e trabalhos, com o intuito de no início deste ano estarmos prontos para apresentar esta experiência sistematizada em Educação Antirracista. A Universidade La Salle de Canoas, seus educadores e principalmente o Grupo GPEI, coordenado pelo Dr. Gilberto Ferreira Silva, foram fundamentais para a concretização desta prática pedagógica, que busca maior engajamento das juventudes no Ensino das Histórias e Culturas Ameríndias e de África.

Nosso objetivo geral se concretizou com o desenvolvimento de um Ensino de História Antirracista por meio das Educabilidades da Cultura Hip Hop, ao longo do trimestre, junto às educandas e educandos do 9º ano da EMEF Francisco Greiss, em Sapucaia do Sul. As Educabilidades Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas puderam ser evidenciadas e foram fundamentais para que, ao final, pudesse ser desenvolvida uma intervenção corajosa de combate ao racismo, machismo e homofobia na Escola, em um período de eleições muito turbulentas, com forte radicalismo político e social dentro do país. As experiências pedagógicas realizadas no decorrer deste período são, principalmente, uma tomada de posição perante a necessidade de buscar alternativas ao ensino racista, machista e eurocêntrico desenvolvido nas Escolas Públicas de modo geral.

Evidentemente, este trabalho com a turma nestes três meses, é fruto de quase duas décadas de vivências e experimentações do Educador nos âmbitos educacionais, acadêmicos, nos Movimentos Culturais e Sociais. Assim, esses conhecimentos possibilitaram uma diversidade de estratégias, produziram inspiração para um fazer pedagógico criativo utilizado nos 15 encontros, tendo a Cultura Hip Hop, sua História, pilares, elementos e os temas dos direitos humanos, como suporte para Sentipensar as Educabilidades Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas.

A Cultura Hip Hop ainda é muito marginalizada, portanto, percebe-se muita resistência à sua utilização na Educação Formal, seus temas são controversos e questionadores, sua estética é negra e periférica, as juventudes são protagonistas de sua História, enfrenta-se a ignorância e o preconceito em muitas instâncias. A credibilidade para desenvolver uma Educação Intercultural tem que ser conquistada nos trabalhos diários, com postura ética e empatia com as educandas, educandos e suas comunidades.

A maior dificuldade para se desenvolver o trabalho utilizando as Educabilidades da Cultura Hip Hop é institucional, tanto por parte das Secretarias de Educação, que não investem em cultura e outras formas de conhecimento, possibilitando eventos, apresentações, vivências fora da escola, compra de materiais e oficinas diversas na escola, como das próprias direções, que não estimulam a criatividade das educadoras e educadores, assim como não investem em um ensino interdisciplinar.

Outro ponto importante é a implementação do ensino estruturado, a partir de livros didáticos e plataformas impostas pelas Secretarias de Educação por meio de editoras, com o intuito de moldar o planejamento e execução nos espaços educacionais. Limitando a criatividade metodológica e a possibilidade de inclusão de novos conteúdos por parte da equipe pedagógica e das educadoras e educadores.

De maneira muito educada e respeitosa, algumas alunas trouxeram suas preocupações com as provas de seleção e a necessidade de estudarmos os conteúdos que são trabalhados nos livros, pois normalmente as questões dessas provas são decorebas de nomes, datas, palavras-chave de determinado tempo e espaço. Infelizmente, vivemos esse desafio de ter que ensinar para passar em provas de seleção e, assim, a educação acaba sendo pautada por um momento, uma banca e a frustração ou alegria de passar em uma prova.

A Coordenadora da Escola questionou de que forma estava preparando a turma para as provas de seleção para o Ensino Médio. Expliquei que não trabalho com decorebas para provas, que infelizmente exigem esse tipo de História, e que desenvolveria uma aula para preparação da prova, pensando estratégias de descanso, preparação, estudo e concentração na hora das provas. Nesse aspecto, é que se mantém a dificuldade de romper com os programas e traçar alternativas para uma educação mais engajada nas questões raciais e de gênero, por serem polêmicas, muito pouco abordadas nas provas de seleção.

A arte e a cultura são inspiradoras de trocas de saberes com alegria e engajamento, a Cultura Hip Hop possibilitou ao longo deste processo dedicação de todas as pessoas que participaram de maneira divertida, tendo as educandas e educandos como protagonistas nas atividades propostas, mesmo com temas difíceis de trabalhar como racismo, homofobia, machismo e o preconceito de classe. Uma História centrífuga, que parte de Sapucaia do Sul e busca entender o mundo a partir das vivências e identidades das juventudes do local, utilizando as estratégias, dinâmicas e conteúdos desenvolvidos nos cinquenta anos de Cultura Hip Hop no mundo.

As Educabilidades Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas são fundamentais para construção de uma educação cidadã, na busca por autoestima e na reflexão crítica

do mundo que nos cerca, no intuito de fomentar uma formação que ajude nos desafios da vida, com conteúdo programático, vivências coletivas e avaliações que exijam diferentes desenvolvimentos cognitivos, alternando as formas de participação. Muitas educandas e educandos expressaram em suas respostas no questionário como gostaram das temáticas e estratégias pedagógicas utilizadas durante este trimestre.

A sistematização desta experiência em Educação Antirracista é um caso particular do possível, não pretendemos construir uma metodologia a ser seguida, mas influenciar a Escola Formal em todas as esferas profissionais, a perceber as Educabilidades da Cultura Hip Hop como sendo uma estratégia potente para colocar em prática as Leis, que pouco são cumpridas, que obrigam o Ensino das Histórias e Culturas das Américas e de África, assim como de seus descendentes. As escolhas pedagógicas partiram dos interesses e capacidades deste Educador; sabemos que cada educadora e educador tem suas vivências e conhecimentos, mas a Cultura Hip Hop é complexa e ampla para que as pessoas possam utilizá-la de diferentes formas. Enquanto desenvolvia este trabalho mais voltado ao RAP e o Graffiti com o 9º ano, minha colega de Educação Física, Priscila Antunes Marques, produziu uma apresentação de Danças Urbanas para se apresentar no “Sapucaia em Dança é D+” e o aluno da turma Hilocéreo ganhou uma bolsa para uma escola de dança.

Podemos sinalizar como ponto mais importante desta experiência de utilizar as Educabilidades Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas geradas pela Cultura Hip Hop para um Ensino de História Antirracista, a produção, apresentação e a divulgação dos cartazes confeccionados pela turma. Para além da construção coletiva, reflexões individuais e debates sobre os temas do combate ao racismo, machismo e homofobia; as informações, ideias e questionamentos também foram colocados em pauta nos corredores da Escola durante um mês, assim, professoras, coordenadoras, educandas e educandos de todo colégio viram os cartazes e refletiram sobre os temas em algum momento. A educanda Magnólia, do 9º ano, trouxe um depoimento de uma menina de 10 anos que estuda na escola, que viu os cartazes e falou para ela: “que legal essa aula de História, que bom que vocês trabalham com esses temas, quero fazer esses cartazes quando for para o 6º ano e estudar com esse professor”. Importante lembrar que essas colagens de cartazes foram realizadas em meio às tumultuadas eleições de 2022. Podemos considerar esta atividade como um ato político e ideológico dentro da escola, sem menção a candidatos e partidos.

Outro ponto importante a ser destacado é que o Sentipensar como estratégia educacional fortalece os vínculos afetivos, são conhecimentos que tocam o coração. A ligação entre o

Educador e a turma foi grande no desenvolvimento destes trabalhos e para além das palavras, o carinho foi demonstrado com desenhos e cartas. A alegria de vivenciar experiências que vão além dos conteúdos programáticos e a possibilidade de termos encontros educacionais divertidos, faz as relações serem mais amistosas, diminuindo conflitos e aumentando o engajamento das educandas e educandos.

Para finalizar, fortalecemos a ideia de buscarmos pedagogias Decoloniais para romper com as metodologias eurocêntricas e capitalistas do Ensino Básico, Médio, Técnico e Acadêmico. A sistematização de experiências se coloca como uma estratégia participante de construção teórica para melhorar as práticas e as Educabilidades da Cultura Hip Hop desenvolvidas em diferentes plataformas, com suas dinâmicas, estética, ética e as vivências horizontais são potentes para um ensino engajado e com alegria.

#### e2. Comunicar a aprendizagem:

Desenvolver por meio da sistematização do processo, mecanismos que possibilitem que essas Educabilidades da Cultura Hip Hop possam ser desenvolvidas no Ensino de História Antirracista.

#### - Sample e Mixagem de conteúdos e estratégias

No decorrer do trimestre foram utilizadas várias estratégias pedagógicas, no intuito de desenvolver por meio das Educabilidades da Cultura Hip Hop, uma Educação Antirracista no Ensino de História. O Sample e a Mixagem de conteúdos e plataformas foram desenvolvidos de diferentes maneiras nos encontros educacionais, por meio da utilização dos elementos do Hip Hop (DJ, MC, Dança, Graffiti e Conhecimentos) e das diferentes tecnologias (computador, televisão, aparelho de som, quadro branco, textos e imagens impressas, cartazes, canetas, tintas, sprays, fotos, lápis de cor, microfone), com o objetivo de desenvolver temas e conceitos que elevassem os pilares da Cultura Hip Hop (Amor, Paz, União e Diversão Consciente).

Essa utilização de trechos de produções artísticas nas mais variadas plataformas, misturados com textos Históricos e Leis, foram fundamentais para o engajamento e o Sentipensar, desenvolvendo as mais variadas capacidades cognitivas de compreensão. O Sample e a Mixagem são técnicas criadas pelos DJs do Hip Hop para valorizar as referências do passado e fortalecer as experiências criativas do presente, impulsionando o conhecimento sem as amarras do tempo e do espaço, possibilitando releituras Históricas para viver a vida com conhecimento e diversão.

Inspirado nesse método, acreditamos que é preciso Samplear e Mixar conteúdos, plataformas de apresentação, participação e avaliação. Em um encontro educacional expositivo de conteúdos por parte de uma educadora ou educador, é necessário mesclar plataformas de apresentação e copiar conteúdos sobre um mesmo tema, possibilitando diferentes dinâmicas para criar engajamento na proposta de trabalho. No Encontro 1 de Introdução à Cultura Hip Hop, foram utilizados vídeos, texto lido pelos alunos, imagens e falas do educador. Durante uma hora e cinquenta minutos, houve uma alternância de plataformas sincronizadas, possibilitando que o texto e as Histórias contadas pelo educador fossem amplificadas ludicamente por sons, músicas, imagens e vídeos, que unidos em um mesmo espaço-tempo, constroem formas complexas de reflexão e vivências Sentipensantes.

As tecnologias estão à disposição da juventude e a possibilidade de alternância de plataformas e conteúdos está na palma da mão. No entanto, necessitam de uma mediação para interpretação de conteúdos complexos, com múltiplos significados e diversas referências. Cada Sample utilizado pela pessoa que faz a mediação, tem um valor simbólico e histórico que justifica sua evocação. Estes, por sua vez, seguem critérios subjetivos para definir cada escolha e sua resignificação em meio aos temas e conteúdo trabalhados, as escolhas emergem das memórias e saberes de quem educa.

Evidentemente, essa criação autoral de uma vivência educacional com roteiro utilizando múltiplas plataformas e conteúdos, exige tempo para pesquisar e selecionar os conteúdos a serem utilizados na exposição. Entretanto, se percebermos a dificuldade de encontrarmos em livros didáticos determinados conceitos e conteúdos, isso pode ser algo inevitável para educadoras ou educadores ávidos por trabalharem temas contemporâneos e/ou polêmicos. Talvez, uma carga horária muito grande dentro da sala de aula impossibilite esse método, se multiplicarmos turmas e a grande quantidade de conteúdos que devem ser apresentados, criar roteiros com diversas pesquisas pode ser muito difícil.

Uma maneira de organizar esses roteiros é fazer pastas no computador nomeadas com conceitos ou momentos históricos a serem trabalhados (Colonialismo, Revolução Industrial, Brasil, África, Idade Média, Rota da Seda, entre outros). Assim, é possível ir baixando vídeos, imagens e textos, para no futuro desenvolver um roteiro específico, que ao longo das vivências poderão ser aprimorados. Os vídeos ao serem numerados, criam uma ordem que facilita no momento da exposição dos conteúdos, mas também é possível ter vários vídeos sobressalentes, pois dependendo do debate, podem ser acessados como forma de ilustrar o que está sendo trabalhado.

Para finalizar, é importante destacar a possibilidade de samplearmos e mixarmos jogos e as diferentes plataformas de criação para as avaliações das educandas e educandos, fugindo da tradicional prova final escrita e individual. No trimestre apresentado, vimos o primeiro episódio da série “The Get Down” e foi pedido à turma que até o final do vídeo cada um criasse duas perguntas. Em casa, o educador visualizou as 50 perguntas elaboradas pelos educandos sobre a série e mais algumas perguntas criadas pelo educador sobre a Cultura Hip Hop, selecionando 25 perguntas para serem respondidas. Nos dois encontros seguintes, por meio de um jogo em grupo, a turma tinha que responder oralmente e marcar pontos, que poderiam somar até 10, os pontos finais de cada grupo seriam a nota individual de cada educador e educando.

Outra avaliação em que foram sampleados e mixados conteúdos e plataforma foi na confecção dos cartazes, pois foram utilizados vídeos, imagens, textos da Constituição, músicas e suas letras, além dos debates em sala de aula como base teórica. No momento prático da confecção, as educandas e educandos utilizaram a cópia de trechos(samples) de letras de música recortadas e escritas, graffitis, desenhos, frases, tintas e colagens variadas. A avaliação teve dois momentos com o mesmo peso: a confecção e a apresentação do cartaz, cada uma das atividades valendo 10 pontos. Desse modo, foi possível avaliar diversos nichos cognitivos das pessoas envolvidas no trabalho, além de fortalecer a atividade coletiva e horizontal.

#### - Vivência Coletiva e Horizontal por meio da Roda Ancestral

A Cultura Hip Hop tem como base de organização das suas atividades a formação de círculos entre as pessoas; essa característica tem origem nas batalhas de Break Dance, onde as dançarinas e dançarinos competem para ver quem é que dança de maneira mais versátil e criativa. Hoje, estão popularizadas entre as juventudes do mundo todo as batalhas de MC's, que tem como característica a verbalização de ideias e palavras improvisadas, conforme o contexto, em cima de uma batida musical, preferencialmente em roda. O resultado em ambos os contextos das batalhas, normalmente é dado pelo público presente, em alguns casos somam-se jurados à votação democrática.

A disposição das pessoas em roda ou no caso da escola em formato de “U”, pois na parte aberta da letra “U” temos a educadora ou o educador com um quadro e/ou uma televisão para compartilhar o conteúdo, permite que todas as pessoas possam se enxergar e escutar de maneira mais nítida o que está sendo mostrado e dito. Há uma equidade posicional, possibilitando maior horizontalidade, respeito e visibilidade dentro do espaço educativo. Além disso,

o centro vazio do círculo é um foco energético e de concentração para o desenvolvimento das atividades realizadas coletivamente.

A circularidade, evidentemente é a arquitetura desenvolvida para organizar os seres neste Planeta em que vivemos: a movimentação da Terra em relação ao Sol e à Lua, gerando dia/noite, e as estações do ano que influenciam toda criação, vida, morte e transformações dos diferentes seres vivos e suas funções ecológicas nos variados estágios das suas existências. Assim, as Filosofias e Culturas dos Povos das Américas e dos Povos Africanos perceberam o funcionamento do mundo e organizaram suas sociedades, tendo a formação de círculos como característica nos diferentes aspectos e momentos da vida. Hoje, podemos evidenciar essa organização espacial em diferentes manifestações culturais da população brasileira: como as Rodas de Celebração para Cantoria, Umbigada, Umbanda, Chimarrão, Capoeira, Ciranda, Afoxés, Xondaro, Candomblé, Samba, Funk, Trovas, Repentes, Break e MC.

As Rodas de Celebração têm como características a música, dança, vestimentas próprias para ocasião, ritualística, instrumentos, poesia, troca de olhares, jogos, sorrisos, diversão, improviso, desafios, Histórias, troca de energias e, fundamentalmente, a vivência em coletivo. Essas possibilidades dentro da escola vão além do Ensino de História, podendo desenvolver atividades físicas e mentais com diversão e concentração ao mesmo tempo em diferentes disciplinas. Quem está na roda tem que participar, o coletivo, assim como a educadora ou educador, percebe a distração e com o tempo é possível notar uma regulação natural do espaço e o foco nas atividades propostas.

A formatação das pessoas em roda no espaço educativo, se não for utilizada comumente na instituição, vai causar estranhamento e transtorno das educandas e educandos no começo da implementação. É fundamental perceber e demonstrar esse processo de construção de círculo como um ritual no começo e no fim das aulas, pois normalmente a disposição das classes e cadeiras está em fileiras e, provavelmente, as outras educadoras e educadores vão querer sua sala organizada dessa maneira. Portanto, explicar os motivos ontológicos e práticos da roda no desenvolvimento pedagógico é importante. Além disso, é preciso investir um tempo entre 3 e 5 minutos para formação do “U”, no início, e das fileiras, no fim. Sempre pedir para levantar classes e cadeira para não arrastar e atrapalhar as salas próximas. Com o tempo o “U” se naturaliza e a maioria gosta dessa organização espacial.

Foi utilizada a organização em roda nas atividades expositivas de textos, vídeos, na série, nas respostas em grupo sobre as questões da série, na apresentação das respostas dos incisos da Constituição Brasileira de 1988 e nas apresentações dos cartazes. É de suma importância

essa organização para que as trocas de saberes sejam feitas de maneira horizontal, respeitando as falas e exercitando a escuta e a visão. Acreditamos que a roda nos encontros em instituições de Ensino Formal, assim como na Cultura Hip Hop, devem ser utilizadas sempre que possível para uma troca mais generosa entre as pessoas participantes.

#### - Sentipensar as Educabilidades da Cultura Hip Hop

A Cultura e a Arte são estratégias educadoras desde os primórdios da humanidade. Os registros históricos remontam poemas e canções que contam a História dos Impérios, já os oprimidos mantêm suas Religiões e Histórias por meio de rituais com músicas, danças, jogos, poemas e performances. Evidentemente, que essa potencialidade de registrar e ensinar conhecimentos permanece viva e em pleno desenvolvimento na humanidade contemporânea. A resistência a essas estratégias de construção de conhecimento também são antigas, mas a opressão sistemática das Educabilidades, promovidas pela Arte e a Cultura, advém da época onde houve a colonização das Américas, África e Ásia, que compreende o período capitalista.

A novidade é a Cultura Hip Hop, herdeira das culturas oprimidas das Américas e contemporaneamente urbana. Suas estratégias de resistência são atualizadas constantemente, conforme espaço e tempo, potencializadas pelas juventudes que buscam nas brechas ou incompetências da educação tecnicista capitalista, sua propagação como estratégias para colocar em prática as Leis étnico-raciais. São mais de três décadas em que suas Educabilidades estão sendo praticadas, principalmente, na educação não formal e mais recentemente na educação formal; além disso, constatamos inúmeros trabalhos acadêmicos que reforçam a potência da Cultura Hip Hop nas mais diferentes áreas de conhecimento.

Os pilares desta Cultura são o Amor, a União, a Paz e a Diversão com Consciência, e seus elementos são o DJ, MC, Graffiti, Break (e outras técnicas urbanas de dança) e o Conhecimento. Por meio de suas estratégias, conceitos e temas, podemos desenvolver infinitas combinações que possibilitam vivências ricas de protagonismos e criatividade. Na educação, sampleamos e mixamos os conhecimentos do Hip Hop para desenvolvermos trocas de saber nas áreas de conhecimento específicas escolhidas para serem trabalhadas com as educandas e educandos. A diversidade de atuações e identidades promovidas pela Cultura Hip Hop, ajuda no engajamento e no incentivo para o indivíduo expressar o que sente, sendo quem ele é, potencializando o protagonismo das pessoas marginalizadas.

As Educabilidade da Cultura Hip Hop Expressivo-identitárias, Ético-estéticas e Sócio-políticas se mostram eficazes para desenvolverem conhecimentos relacionados às expressões, códigos identitários, culturas, práticas, sendo a favor de algo ou contra algo, os enfrentamentos, questionamentos, os desafios de viver suas Histórias, atitudes, paixões e consciência para viver o mundo, que são fundamentais para construirmos junto com as educandas e educandos uma Educação Antirracista. A utilização de RAPs em formato de videoclipes e imagens de Graffitis, possuem grande potencial para instigar os sentimentos para pensarmos sobre realidades que não conhecemos ou não entendemos: Sentipensar.

Este conceito trabalhado por meio da Arte e da Cultura, interliga áreas do conhecimento que muitas vezes são separadas, pois se valoriza a racionalidade em detrimento das emoções, sentimentos e sensibilidades, características muito criticadas e pouco desenvolvidas no mundo do trabalho capitalista. Mas sem essas qualidades humanas, não é possível se desvencilhar dos mecanismos da colonialidade do pensar, ser, estar e poder. Uma Cultura comprometida com a sociedade como é Hip Hop, com conceitos e formas de viver de maneira pacífica, potencializa as juventudes.

Sentipensar as Educabilidades da Cultura Hip Hop por meio das suas plataformas artísticas (videoclipes, músicas, letras, graffitis e performances), estratégias, conceitos, temas, pilares e elementos possui muita potência na educação, como verificamos a partir da sistematização de um trimestre. Assim, concluímos que a dissertação conseguiu demonstrar de maneira teórico e prática como a Cultura Hip Hop estimula Educabilidades para um Ensino de História Antirracista na Educação Formal, com a finalidade de colocar em prática a Lei 10.639/03. “O Hip Hop Salva!!!”

## 8 - REFERÊNCIAS

ARIAS, Patricio Guerrero. **Corazonar**: uma antropologia comprometida com la vida. Quito, Ecuador: Abya Yala, 2010. Disponível em: <[https://dspace.ups.edu.ec/bitstream/123456789/11433/1/Cora\\_zonar%20una%20antropologia%20comprometida.pdf](https://dspace.ups.edu.ec/bitstream/123456789/11433/1/Cora_zonar%20una%20antropologia%20comprometida.pdf)>. Acesso em: 02 mar. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**, BNCC. 2017

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Povos indígenas e ensino de História**: a lei nº 11.645/2008 como caminho para a interculturalidade. ENSINO DE HISTÓRIA – Desafios Contemporâneos. Porto Alegre, RS: Est Edições, 2010.

CARRILLO, Afonso Torres. **Por una investigación desde el margen**. La práctica investigativa en ciencias sociales. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2004.

CLAUDIO, Jankiel Francisco. **O Hip Hop como contribuição para o aprendizado educacional na Escola Dante Marcucci** (Caxias do Sul). Novo Hamburgo/RS, 2018.

CONTIER, Arnaldo Darya. **O rap brasileiro e os Racionais MC's**. 1º Simpósio Internacional do Adolescente Maio de 2005.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro Brasileiro**: Alguns Apontamentos Históricos. Rio de Janeiro: Revista Tempo, 2007.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte/MG.Set /Out /Nov /Dez 2003 No 24

DIAS, Cristiane Correia. **Por uma pedagogia Hip-Hop**: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica. São Paulo/SP, 2018.

JARA, Oscar. **Para sistematizar experiências**. (Tradução de Maria Viviana V. Resende). 2ª ed., revista. Brasília: MMA, 2006.

FALS BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina**. D. F. : Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO, 2015.

FERNANDES, Joseli Aparecida; PEREIRA, Cilene Margarete. **Do Griot ao Rapper**: narrativas da comunidade. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 15, n. 2, p. 620-632, ago./dez. 2017. Disponível em: <[http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/4261/pdf\\_705](http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/4261/pdf_705)>. Acesso em: 07 jun. 2021.

FERREIRA, Maíra Soares. **A Rima na escola, o verso na história**. São Paulo: Boi Tempo, 2012

FONSECA, Ana Silvia Andreu da. **Versos violentamente pacíficos**: o rap no currículo escolar. Campinas, SP : [s.n.], 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessário à prática educativa/Paulo Freire.-São Paulo: Paz e Terra, 1996 - (Coleção Leitura)

FREITAS, Leandro Barbosa de. **Historicidade e representação do Hip Hop**: espaços, tempos e sujeitos por uma produção marginal de discursos e práticas da História. São Luiz/MA, 2012.

GUSTSACK, Felipe. **Hip-Hop: Educabilidades e traços culturais do movimento**. Porto Alegre/RS. 2002.

GOMES, Nilma Nino. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Luana Barth; FLORES, Cristine Gabriele de Campos; SILVA, Gilberto Ferreira da;

CASAGRANDE, Cledes Antônio. Por uma escola intercultural: a sala de aula como um lugar de muitas histórias. *Inter-Ação*, Goiânia, v.46, n.1, p.95-112, jan/mar.2021.

HOOKS, Bell. **Eros, erotismo e o processo pedagógico**. In: *Pedagogia da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P.82-88

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogia da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P.4-23

MESQUITA, Pedro Henrique Parente de. **Nas batidas dos beats e na cadência do flow: HIP-HOP**, Ensino de História e identificação Racial. Natal/RN, 2018.

MOURA, Renata Paula dos Santos. **Novos olhares, novas costuras...** O Movimento Hip Hop e suas práticas educativas na Escola. Recife/PE, 2015.

MUNSBURG, João Alberto Steffen; FUCHS, Henri Luiz; SILVA, Gilberto Ferreira da. **O currículo decolonial**: da reflexão à prática intercultural. *Religare*, ISSN: 19826605, v.16, n.2, dezembro de 2019, p.593-614. 593

NEPOMUCENO, Valéria Paixão de Vasconcelos. **Educação étnico-racial com pedagogias outras, ações de novas perspectivas educacionais e interculturais**. Rio de Janeiro/RJ, 2017

ORTIZ OCAÑA, Alexander; ARIAS LÓPEZ, María Isabel. **Hacer decolonial**: desobedecer a la metodología de investigación. *HALLAZGOS*, vol. 16, n° 31, ene-jun. 2019. Bogotá D. C., Colombia. p. 149-168. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/hall/v16n31/1794-3841-hall-16-31-147-166.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

PERCILIANO, Michele. **No ritmo e na rima**: ensinando História e Sociologia a partir da música do rapper Emicida. Campo Mourão/PR, 2018.

PEREIRA, Grazielly Alves. **Resistências Afro-Brasileiras no ensino de História**: A sala de aula e as letras de RAP. Guarulhos/SP, 2019. 145 fls.

PIMENTEL, Spensy. **Livro Vermelho do Hip Hop**. São Paulo/SP, 1997.

PINHEIRO, Elaine Cristina. **Hip Hop: Rompendo os extramuros da escola para multiletramentos**. Londrina/PR, 2015.

PINHEIRO, Leandro R.; AMARAL, Márcio de Freitas do. **O enunciar identidades na configuração de um Movimento Social**: reflexões sobre as tomadas de posição do Hip Hop .36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual AntiRacista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAPUCAIA DO SUL. **Plano de Estudos dos Anos Finais do Ensino Fundamental Reestruturado**. 2019.

SAPIÊNCIA, Rincon. **A Coisa Tá Preta**. São Paulo: RINCON SAPIÊNCIA, 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=F5TTvHoLxEA>> Acesso em 27 de Março de 2022.

SEFFNER, Fernando. **Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do ensino de História**. ENSINO DE HISTÓRIA – Desafios Contemporâneos. Porto Alegre, RS: Est Edições, 2010.

SILVA, Gilberto Ferreira da; MUNSBURG, João Alberto Steffen; FUCHS, Henri Luiz. **O currículo decolonial**: da reflexão à prática intercultural. Religare, ISSN: 19826605, v.16, n.2, dezembro de 2019, p.593-614.

SGANZERLA, Rogério. **Bandido da Luz Vermelha**. São Paulo: 1968.

VIDON, Geyza Rosa Oliveira Novais. **A narratividade do Hip Hop e suas interfaces com o contexto educacional**. Vitória/ES, 2014.

VIEIRA, Darlene Marina. **Arte e Resistência**: Mulheres Negras no Movimento Hip Hop do Grande ABC. São Paulo/SP, 2019.

ZANETTI, Fernando Luiz. **A Estética da Existência e a Diferença no Encontro da Arte com**

**a Educação. Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1439-1458, out./dez.2017.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO I. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, noviembre 2013.